

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**JUVENTUDE E IDENTIFICAÇÃO SOCIAL:**  
**EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS EM**  
**ARACAJU/SE (1960-1964)**

Cidade Universitária  
"Professor José Aloísio de Campos"  
Abril/2003

**JOSÉ VIEIRA DA CRUZ**

**JUVENTUDE E IDENTIFICAÇÃO SOCIAL:  
EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS EM  
ARACAJU/SE (1960-1964)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia, na área de concentração Cultura e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. José Maria de Oliveira da Silva

Cidade Universitária  
"Professor José Aloísio de Campos"  
Abril/2003

C957j

CRUZ, José Vieira da

Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960/1964) / José Vieira da Cruz. --- São Cristóvão, 2003.

157p.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

1. Sociologia da juventude. 2. Juventude universitária. 3. Identificação social. I. Título.

CDU 316.343.32-053.6

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

**JUVENTUDE E IDENTIFICAÇÃO SOCIAL:  
EXPERIÊNCIAS CULTURAIS DOS UNIVERSITÁRIOS EM  
ARACAJU/SE (1960-1964)**

**JOSÉ VIEIRA DA CRUZ**  
***Orientador: Prof. Dr. José Maria de Oliveira da Silva***

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Maria de Oliveira da Silva

---

Rogério Proença de Sousa Leite

---

Paulo Henrique Martins

Aprovada em Defesa Pública

Em 03 de abril de 2003.

Cidade Universitária  
"Professor José Aloísio de Campos"  
Abril/2003

*Aos meus sobrinhos*

*Vinícius e Larissa pela explosão de vida  
que representam nesse espetáculo que se  
renova a cada dia: a própria vida.*

## **AGRADECER É PRECISO**

Durante a elaboração desta dissertação várias pessoas, de uma maneira ou de outra, muito colaboraram para a sua construção. Entre os primeiros estão meus familiares Gracelina (minha mãe), Jorge e Vilma (meus irmãos) e a meu pai (in memoriam); a eles agradeço pelo apoio e carinho que obtive em todos os momentos de minha vida.

Aos secretários do Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais; aos funcionários da Biblioteca Central da UFS; da Biblioteca “Epifânio Dória”; do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe; do Arquivo Público de Sergipe; do Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe, na pessoa de sua diretora Zenilde e do Arquivo Público da Cidade de Aracaju, na pessoa de seu atual diretor Pedro Abelardo.

Aos pesquisadores/colaboradores Joceneide, Gildo e Ana Cláudia que fizeram o levantamento e a coleta de dados referentes aos “dossiês dos alunos”. A Míriam que, com a orientação de sua monografia de conclusão de curso, permitiu-me conhecer o imenso acervo de documentos da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe.

Aos amigos de sempre: Clarinda, Magna, Pedro, José Mário, Gildo e Joceneide, presentes nos momentos difíceis e nos momentos de alegria. Às novas amizades: Iracilde, Clezi, Euza, Machado, Josivalda, Vânia, Rozângela, Rita, Himpácia, Gilvã, Neide, Soleide, Valdimeire e Izabel; a todos eu desejo muito sucesso.

Aos colegas do mestrado Dilson Barreto, Pericles, Carlos Monteiro, Genilce, Marcos e João, pelo convívio nesses últimos anos.

Aos entrevistados: Alexandre Diniz, Zelita Correia, Clodoaldo Alencar, Aglaé Fontes, Luís Antônio Barreto, José Silvério, Ivan Valença, Guido Azevedo, José Carlos Teixeira e João Augusto Gama pela desprendida atenção com que nos recebeu, contribuindo substancialmente para o enriquecimento deste trabalho.

Aos professores do Departamento de História/UFS: Terezinha, Lenalda, Liberato, Jorge Carvalho, Ruy, Lourival, Verônica, Lindivaldo, Eduardo, Izabel, Fábio e, em particular, Fernando Sá (orientador da graduação), por me preparar para instantes como este e pelo crescimento profissional destes últimos anos.

Aos professores: Romero, pela leitura e crítica de parte desta dissertação, oferecendo sugestões e dicas necessárias e oportunas; Edílson, diretor do DAA, por nos permitir consultar a documentação desse órgão, existente no Arquivo Central da UFS; Dr. Manuel Luiz Figuerôa, pelas orientações acerca da pesquisa quantitativa.

Aos professores do Mestrado em Sociologia: Paulo Neves, Rogério, Maria Helena, Lika, Tânia, Ponciano, César Bolaño e Francisco, pelas discussões e sugestões que ajudaram a direcionar a construção desta dissertação.

A Aldeci, pela atenção e carinho com que nos recebeu em seu lar durante o percurso desta pesquisa.

Em especial, agradecemos ao Professor Dr. José Maria de Oliveira da Silva, pela confiança depositada ao nos aceitar como orientando, e pelo profissionalismo com que conduziu a construção desta dissertação.

*Ideologia, eu quero uma para viver.*

**(Cazuza)**



# SUMÁRIO

Agradecimentos.....	v
Lista de Siglas.....	x
Lista de Tabelas .....	xi
Lista de Quadros .....	xii
Lista de Gráficos .....	xii
Lista de Figuras .....	xiv
Resumo.....	xv
Abstract .....	xvi
Introdução.....	17
CAPÍTULO I:	
Juventude e identificação social: conceitos, representações e debates...	23
1.1 Juventude e identificação social .....	23
1.2 Representações e imagens da juventude na sociedade moderna .....	30
1.3 Juventude estudantil brasileira: ângulos de interpretação .....	36
CAPÍTULO II:	
Retratos de uma juventude universitária .....	50
2.1 Levantamento dos dados e delimitação da amostragem .....	51
2.2 Resultados da pesquisa .....	54
2.2.1. A faixa etária .....	59
2.2.2. Situação dos estudantes por faculdade .....	61
2.2.3. Situação dos estudantes por curso pesquisado .....	64
2.2.4. Distribuição de universitários por sexo .....	69
2.2.5. Distribuição por estado civil .....	71
2.2.6. Situação por naturalidade .....	73
2.2.7. Situação por cidade de origem .....	77
2.2.8. Distribuição dos alunos quanto ao domicílio .....	79
2.2.9. Distribuição dos alunos em relação a sua formação secundária ...	82
2.2.10. Situação em relação a cor da pele .....	85
2.2.11. Distribuição dos estudantes quanto à religião .....	86
2.2.12. Situação de entrada no curso .....	88
2.2.13. Situação de conclusão.....	90
2.2.14. Distribuição dos alunos por ano de entrada .....	92
2.3 O encaminhamento dos dados pesquisados .....	

CAPÍTULO III:	
Instituições, espaços de socialização e idéias: juventude universitária em Aracaju .....	96
3.1 Juventude estudantil: instituições educacionais e entidades representativas .....	96
3.1.1. Instituições de ensino superior: uma incorporação tardia .....	96
3.1.2. Juventude estudantil sergipana e suas entidades representativas.	106
3.2 Juventude estudantil e os debates sobre a reforma universitária em Aracaju .....	114
3.3 A juventude universitária e seus espaços de socialização em Aracaju ...	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	
	145
Bibliografia e Fontes .....	151
Anexos.....	161

## ***LISTA DE SIGLAS***

AESS	Associação dos Estudantes Secundaristas de Sergipe
AP	Ação Popular
CEA	Companhia Estudantil de Alfabetização
CPC	Centro Popular de Cultura
DUAC	Departamento Universitário de Ação Católica
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
JEC	Juventude Estudantil Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MCP	Movimento de Cultura Popular
MEB	Movimento de Educação de Base
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
SCAS	Sociedade de Cultura Artística de Sergipe
TECA	Teatro dos Estudantes do Colégio Atheneu
TGB	Teatro Gato de Botas
UEES	União Estadual dos Estudantes Sergipanos
UNE	União Nacional dos Estudantes
USES	União Sergipana dos Estudantes Secundaristas

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Cruzamento entre ano de nascimento dos estudantes e ano de entrada na universidade (idade dos alunos/quantidade/percentual) .....	56
Tabela 2:	Idade de entrada X Sexo do estudante .....	58
Tabela 3:	Faculdade Pesquisada .....	59
Tabela 4:	Curso Pesquisado .....	62
Tabela 5:	Distribuição dos universitários por sexo .....	64
Tabela 6:	Formação anterior X Sexo .....	65
Tabela 7:	Curso Pesquisado X Sexo .....	67
Tabela 8:	Sexo X Estado Civil .....	69
Tabela 9:	Comparativo ente estado civil X situação de conclusão .....	71
Tabela 10:	Distribuição dos estudantes por Estado de origem .....	72
Tabela 11:	Cidade de origem .....	73
Tabela 12:	Escola da formação secundária .....	79
Tabela 13:	Curso Pesquisado X Escola .....	81
Tabela 14:	Distribuição dos estudantes a partir da cor da pele registrada nos documentos .....	82
Tabela 15:	Combinação da variável cor da pele X curso escolhido .....	84
Tabela 16:	Combinação cor da pele X situação de conclusão .....	85
Tabela 17:	Curso pesquisado X situação de entrada .....	87
Tabela 18:	Situação de entrada X naturalidade .....	88
Tabela 19:	Curso pesquisado X Situação de conclusão .....	90
Tabela 20:	Distribuição dos alunos por ano de entrada .....	91

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Sociedades particularistas versus Sociedades universalistas.....	34
Quadro 2:	Grupos etários.....	35
Quadro 3:	Instituições de Ensino Superior Existentes em Aracaju: 1948 – 1961.....	101
Quadro 4:	Matrícula do ensino superior no Brasil em 1964 .....	118

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1:	Faixa de idade dos alunos ao entrarem nas faculdades isoladas.....	55
Gráfico 2:	Percentual de alunos por faculdade pesquisada .....	60
Gráfico 3:	Percentual de alunos por curso pesquisado .....	62
Gráfico 4:	Estudantes identificados por sexo.....	64
Gráfico 5:	Curso secundário dos alunos X Sexo.....	66
Gráfico 6:	Sexo X Situação de Conclusão.....	66
Gráfico 7:	Comparativo entre homens e mulheres por curso.....	69
Gráfico 8:	Situação civil dos alunos identificados.....	70
Gráfico 9:	Comparativo entre estado civil e situação de conclusão.....	71
Gráfico 10:	Distribuição dos estudantes por Estado de origem.....	72
Gráfico 11:	Cidade de origem.....	74
Gráfico 12:	Curso X Cidade de Origem.....	75
Gráfico 13:	Distribuição dos estudantes por domicílio.....	78
Gráfico 14:	Distribuição dos estudantes por escola estudada.....	80
Gráfico 15:	Distribuição dos estudantes identificados em relação à cor da pele (registrada nos documentos).....	83
Gráfico 16:	Distribuição dos estudantes identificados nos registros quanto a religião.....	85
Gráfico 17:	Distribuição em relação à situação de entrada.....	86
Gráfico 18:	Distribuição dos alunos por situação de conclusão.....	89
Gráfico 19:	Distribuição dos alunos por situação de conclusão.....	91

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Seminário Episcopal Sagrado Coração de Jesus, Aracaju, 1936.....	98
Figura 2:	Faculdade de Economia, Praça Camerino.....	99
Figura 3:	Faculdade de Química, Rua Campo do Brito.....	99
Figura 4:	Faculdade de Direito, Av. Ivo do Prado .....	100
Figura 5:	Faculdade de Filosofia, Rua de Campos .....	100
Figura 6:	Faculdade de Serviço Social, Rua de Estância .....	100
Figura 7:	Faculdade de Medicina, Av. Desembargador Maynard .....	100
Figura 8:	Declaração de Santo Amaro .....	117
Figura 9:	Sorveteria e Churrascaria Iara, <i>point</i> dos anos 60 .....	125
Figura 10:	Público dos eventos organizados pelo SCAS no auditório do Atneu nos anos 60 .....	128
Figura 11:	Apresentação do Grupo de Balé Dalal Achcal, anos 60 .....	128
Figura 12:	Elenco da peça teatral O Badejo, década de 60 .....	130
Figura 13:	Caravana da Cultura na cidade de Aracaju, 1964 .....	135
Figura 14:	Fotografia do adido cultural dos Estados Unidos no palco do Ateneu em 1960 .....	137
Figura 15:	Fotografia do Cônsul Japonês em frente ao Instituto de Química, prédio onde funcionava a Faculdade de Química de Sergipe .....	137
Figura 16:	Lançamento dos livros de Ariosvaldo e Núbia Marques na Livraria Regina .....	138
Figura 17:	Visão da movimentação de pessoas em frente a Livraria Regina na Rua João Pessoa .....	139
Figura 18:	Visão da movimentação de pessoas em frente a Livraria Regina na Rua João Pessoa .....	139
Figura 19:	Planta da cidade de Aracaju. A área legendada de verde corresponde	

ao centro histórico de Aracaju, estruturado a partir de 1911; a parte em laranja corresponde ao espaço urbano de Aracaju entre 1949 e 1960; e a área em amarelo ao espaço urbano de Aracaju a partir de 1979 ..... 140



## **RESUMO**

A construção desta dissertação teve como objetivo estudar as experiências culturais da juventude universitária em Aracaju no período de 1960 a 1964. Essas experiências mostraram-se importantes enquanto práticas de socialização e identificação social dos atores ora estudados. A consubstanciação da pesquisa ocorre em um momento em que as discussões acerca da modernização e democratização da universidade e do país se configuram como agendas centrais. Dentro dessa perspectiva articulamos as discussões da sociologia da juventude e da sociologia da cultura acerca da juventude universitária como uma representação de identificação social. Para tanto, utilizamo-nos de um conjunto de fontes escritas, iconográficas e orais trabalhadas através de métodos quantitativos e qualitativos.

Palavras-chaves: Sociologia da Juventude, Juventude Universitária e Identificação Social.

## ***ABSTRACT***

The construction of this dissertation had as its objective to study the cultural experiences of university youth in Aracaju in the period from 1960 to 1964. These experiences showed themselves important while practices of socialization and social identification of the actors were studied. The solidification of this research occurs in a moment in which the discussions about and of the country configure as central issues. From this perspective we can articulate the discussions of youth sociology and cultural sociology concerning university youth as a representation of social identification. Therefore, we use a collection of written texts, graphical icons and speech prepared through quantitative and qualitative methods.

Key words: Sociology of youth, University Youth, Social Identification.

## INTRODUÇÃO

O imaginário social a respeito da idéia de juventude tende a estar associado à beleza, alegria, empreendedorismo, inovação e outras tantas qualidades que são atribuídas aos jovens. Quando essas idéias se deslocam para uma juventude específica, como é o caso da juventude universitária dos anos 60, esse ideário ganha conotações ainda mais arrojadas, de uma juventude aguerrida, “que não tem medo de pirraça (...) e que não se entrega não” (Gonzaguinha), traduzindo uma idéia de um eterno presentismo jovial.

Não obstante à construção de idéias como estas, os atores sociais em estudo não fogem às ambivalências dos jovens de todas as épocas, em sua busca por diferentes modelos e paradigmas a seguir. Tais ambivalências estão associadas às instabilidades provocadas pelas incertezas geradas com a inclusão desses atores sociais na vida adulta. Nesse jogo da vida os jovens, mais do que outros atores sociais, estão preocupados em se inserir na sociedade.

A configuração da identificação social da juventude universitária em Aracaju no início dos anos 60 torna-se, no bojo dessa discussão, um dos problemas centrais desta pesquisa. Nesse período as experiências culturais e os espaços de socialização proporcionaram a construção de laços de identificação social ainda hoje evocados e utilizados por esses atores sociais, e, muitos dos quais figuram, atualmente, em posições importantes na esfera de decisão nacional e local.

Esse momento da sociedade brasileira em que a juventude estudantil, e em particular a universitária, já havia suscitado uma série de estudos a respeito configura-se

como um dos movimentos sociais mais visíveis. Tais estudos, entretanto, influenciados pelos debates acadêmicos dos anos 60 e 70, ora analisaram a juventude como um segmento de vanguarda política e cultural, ora a partir dos limites e possibilidades de sua situação social de origem. Esses enfoques, apesar de relevantes, não conseguiram aprofundar as experiências de identificação social configuradas naquele instante. Na outra ponta, os estudos desenvolvidos nos últimos anos tendem a valorizar os espaços de socialização e suas formas de identificação social; contudo, desenvolvem suas análises em torno de grupos juvenis contemporâneos como *funk*, *rappers*, *galeras*, entre outros.

Assim, a necessidade de estudar o universo sociocultural da juventude universitária em Aracaju no início dos anos 60, a partir de seus espaços de socialização e formas de identificação social fomentou a cristalização desta pesquisa. E, nesse sentido, mergulhar no universo desses jovens, na tentativa de conhecê-los, não naquilo que lhes é universal, mas no que os particulariza como atores sociais.

A periodização deste objeto de estudo se inicia em 1960, momento em que a juventude universitária em Aracaju, seguindo uma tendência nacional, adquire uma maior visibilidade junto à sociedade local e limita-se a março de 1964, quando são efetivadas mudanças no cenário político do Estado Brasileiro, que vão alterar as relações entre a sociedade civil e a sociedade política em todo o país.

Partindo desse recorte buscamos entender como os estudantes universitários das então faculdades isoladas de Sergipe construíram seus laços de identificação social. Neste sentido fomentamos, no corpo deste trabalho, três questões norteadoras.

A primeira questão colocou a necessidade de um maior aprofundamento do conceito de juventude como uma categoria de identificação social. Neste sentido instigamos, no decorrer desta pesquisa, uma discussão do que é a juventude e até que ponto este entendimento é suficiente para a compreensão de contextos e épocas diferentes.

Assim, a abordagem feita por Groppo (2000), Elias (2000) e Hall (2001) contribuíram para delinear os horizontes aqui pesquisados.

A questão seguinte colocou a necessidade de identificar: os atores sociais estudados; suas faixas etárias; onde nasceram; o sexo; o local de estudo no ensino secundário; os cursos escolhidos; as idéias, bem como as experiências por eles vivenciadas. A cristalização destas e de outras questões tornaria possível a fomentação de um diálogo entre as imagens construídas para a juventude no ocidente e os traços que identificam a juventude universitária em Aracaju no início dos anos 60.

A terceira e última questão indica que os atores sociais em estudo, ao partilharem experiências culturais e sociais comuns enquanto estudantes das faculdades isoladas em Aracaju, desenvolveram formas de identificação social que os projetaram como protagonistas da sociedade local.

A construção desta pesquisa está pautada em fontes escritas, iconográficas e orais. A documentação escrita disponível sobre este objeto de estudo está concentrada em reportagens e artigos publicados na imprensa de Sergipe, cujos principais jornais de circulação à época eram: **A Cruzada**, **Correio de Aracaju** e **Gazeta de Sergipe**. Nesse período, é importante que se frise a atenção destinada pela imprensa local aos acontecimentos relacionados à juventude universitária em Sergipe, destacando-se em especial o jornal **Gazeta de Sergipe**. Além destes jornais de circulação comercial, utilizou-se também o jornal do Centro Acadêmico de Direito “Silvio Romero” da Faculdade de Filosofia de Sergipe denominado de **ACADEMOS**, criado no início dos anos 50 e que circulou até meados dos anos 60. Ainda em relação às fontes escritas destacam-se as atas de reuniões dos estudantes; correspondências expedidas; peças teatrais encenadas nesse período em Sergipe e, sobretudo, “dossiês dos alunos”, unidade documental que

reunia documentos pessoais, acadêmicos e institucionais. Exploramos também as informações contidas em fontes icnográficas e fontes orais.

As fontes orais utilizadas foram coletadas a partir do uso metodológico da história oral. A história oral, enquanto fonte de pesquisa, depende das informações que se está buscando. Neste sentido, ela pode servir tanto para complementação da história oficial como para dar voz aos silenciados e marginalizados (Schwarztein, 1991).

Em síntese, ao esmiuçarmos estas fontes descortinamos imagens, representações, lembranças produzidas pelos atores sociais em estudo nos idos dos anos 60 e rememoradas por eles no presente. A memória é uma forma de evidência que como qualquer outra necessita ser averiguada. Como tal, não devemos fazer um molde nem pretender que se pareça com outro tipo de fonte, e sim, trabalhar como ela realmente é. Ou seja, como produtora de significados e, portanto, expressão cultural com todas as suas complexidades.

O problema das discussões relativas à questão da identidade e da memória têm rompido “...com as dicotomias entre indivíduo e sociedade, passado e presente, bem como entre ciência e prática social; está tão associada à idéia de memória como esta última à primeira” (Santos,1998:151).

Nessa abordagem, a memória está circunscrita no universo social ao qual o indivíduo pertence e se identifica. Maurice Halbwachs (1990), a este respeito, descortinou a importância da memória coletiva ao enfatizar que ela se relaciona aos quadros sociais das lembranças que são partilhadas por indivíduos e grupos sociais nos quais se encontra inserida. Assim, este autor suscita duas características: ela é relacionada à sociedade e é diferente do discurso histórico, pois é uma interpretação de experiências vividas e neste sentido, o autor inverte a lógica do discurso histórico como catalisador da memória. Atualmente a produção das ciências humanas tem reavaliado o papel da memória coletiva

como alicerce para suas interpretações e não seu inverso (Le Goff, 1992; Silva, 1995; Santos, 1998).

A memória, assim como as identidades, está em constante transformação em função da multiplicidade de ritmos e experiências proporcionadas pelo cotidiano da sociedade moderna. Assim, uma idéia bastante representativa da memória pode ser associada à imagem de alguém que se encontra diante de um computador escrevendo e reescrevendo frases que jamais o deixam completamente satisfeito, fazendo-o escolher as melhores delas (Santos, 1998). Desta maneira:

Memórias, imagens, identidades construídas são sempre incompletas porque correspondem a uma mutiplicidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que não se encontram parados no tempo, mas em contínua transformação (Santos, 1998: 13).

Assim como a memória, a história da sociedade humana é um descontínuo criar e recriar de imagens, tradições e identidades de si e dos outros. Segundo Neves (1999:173) a “... memória é sempre uma reconstrução; ela é, ao mesmo tempo, a base sobre a qual os homens pensam e refletem seu presente e seu futuro. Mas, uma base não-rígida, não-estática, ela é sempre virtual, fruto de reconstruções diversas”.

Dentro de tal perspectiva, nossa proposta de pesquisa visa estudar as estratégias de identificação social da juventude universitária em Aracaju no início dos anos 60, através dos registros escritos, iconográficos e da memória oral de alguns dos atores sociais. Balizada por estas argumentações, a construção desta pesquisa foi estruturada da seguinte forma:

Introdução, na qual consta a escolha da temática e a construção do objeto de estudo em torno da identificação social da juventude universitária em Aracaju no período

de 1960 a 1964. Ainda na introdução, problematizamos as questões norteadoras do estudo, apontando as hipóteses por nós levantadas para a construção desta pesquisa.

No capítulo I: Juventude e Identificação Social: Conceito, Representações e Debates; discutimos as definições a respeito da juventude como uma categoria de identificação, suas representações na sociedade moderna e, por fim, as interpretações sobre a juventude estudantil no Brasil e em Sergipe.

No Capítulo II, intitulado: Retratos de uma Juventude Universitária; construímos, a partir dos dados levantados nas pesquisas documentais, um perfil da juventude universitária em Aracaju no período proposto, delimitando suas faixas etárias, sexo, naturalidade entre outras questões.

Com relação ao Capítulo III: Instituições, idéias e espaços de socialização: a Juventude Universitária em Aracaju; descortinamos uma discussão sobre as instituições educacionais e as entidades estudantis em Sergipe; as idéias e imagens aguçadas naquele momento social e as práticas de socialização dos estudantes universitários no período em estudo.

Nas considerações finais estabelecemos os pontos de contato entre os diversos olhares projetados sobre os universitários nesse período, contabilizando os fatos que, ao nosso ver, demarcam a formação da identificação desses atores sociais que resgatam, através de suas memórias um passado próximo, estabelecendo um ponto de contato com o presente.



## **CAPÍTULO I**

### **JUVENTUDE E IDENTIFICAÇÃO SOCIAL: CONCEITOS, REPRESENTAÇÕES E DEBATES.**

#### **1.1. Juventude e Identificação Social**

A juventude enquanto categoria social tem sido bastante trabalhada pela sociologia, porém a dificuldade em precisá-la conceitualmente é algo que permeia os estudos nessa área. Dessa forma, torna-se necessário, para o escopo desta pesquisa, problematizar como a sociologia tem definido essa categoria social. Neste sentido, autores como Karl Mannheim (1961; 1968; 1982), Furrari (1965; 1972), Sousa (1999), Groppo (2000), Carrano (2000), Carmo (2001) entre outros nos ajudaram a formular um entendimento inicial sobre o que seria, para a sociologia, a juventude como uma categoria de identificação social.

Dentro da problemática Groppo (2000) coloca duas possibilidades para a definição do termo juventude: (i) no primeiro momento a sociologia delimita a juventude como categoria de estudo distinguindo-a de outros ramos de conhecimento como as ciências médicas, a psicologia e a pedagogia que denominam este segmento da sociedade de puberdade e adolescência, respectivamente. A psicologia e a pedagogia consideram a adolescência como uma fase em que os indivíduos estão mudando seu comportamento e definindo sua personalidade; no caso das ciências médicas a puberdade é uma fase da vida

humana em que os indivíduos estão se transformando biologicamente, os indivíduos que eram crianças estão se tornando adultos. (ii) Em um segundo momento a sociologia da juventude volta-se para a interdisciplinaridade dos olhares de outras áreas das ciências sociais, olhares que se inter cruzam buscando incorporar outras formas de conhecimento para entender a juventude e as questões a ela relacionada.

Neste segundo sentido, é bastante ilustrativa a contribuição de Marialice Forrachi (1972). Esta autora, ao buscar entender a trama cotidiana colocada pela juventude, observa que as certezas e indefinições desta não podem ser compreendidas apenas pelo prisma sócio-econômico; ela deve também considerar a dimensão psico-social de indivíduos em transição da adolescência para a juventude e da juventude para a idade adulta.

Além desta discussão epistemológica acerca das fronteiras disciplinares da sociologia da juventude, a definição do conceito de juventude tem envolvido estudiosos do tema em torno de debates sobre os aspectos biológicos e/ou culturais que definem essa categoria social. Segundo Antonio Groppo (2000), a sociologia ao trabalhar a categoria juventude preocupa-se com a situação social dos indivíduos em transição da infância para a idade adulta. Neste sentido a idéia de juventude comportaria, de forma ambígua, características de uma categoria social determinada por critérios biológicos e características representativas de grupos e/ou indivíduos que se identificam social e culturalmente.

Em relação aos critérios biológicos são relevantes as discussões de Karl Mannheim (1961, 1968, 1982), acerca do conceito de geração. Para Mannheim este conceito seria balizado por parâmetros biológicos que institucionalizam fases da vida humana. Assim, a juventude se constitui em um segmento social delimitada a partir de fundamentos de natureza biológica.

A respeito das contribuições de Karl Mannheim para este debate é necessário situar suas reflexões no horizonte de idéias em que a dimensão biológica influenciava estudiosos de diversos ramos do pensamento. E mesmo dentro deste universo de idéias, ao refletir sobre a questão da “unidade de geração”, Mannheim sinalizava a dimensão social e histórica partilhada por indivíduos que possuem idades aproximadas. Partindo desta perspectiva indica que a juventude, como outras fases institucionalizadas da vida humana, não forma um grupo social coeso e singular.

Antônio Groppo (2000), ao discutir a questão dos critérios biológicos para o entendimento do conceito de juventude, coloca que os estudos que enfatizam esta perspectiva tendem a definir a juventude pelo conjunto de indivíduos com idade que pode variar entre 10 a 25 anos. Esse critério, ainda que problematizado, é insuficiente para definir uma categoria social. Desta forma, discorda da idéia de Karl Mannheim quando ele define a juventude a partir de critérios biológicos. Entretanto, percebe nas discussões elaboradas por Mannheim acerca da “unidade de geração”, um ponto importante para o aprofundamento deste debate.

Carrano (2000), apesar de não concordar com uma definição padrão da juventude em termos etários, alerta que este é um critério bastante utilizado nos estudos estatísticos e na institucionalização das idades de escolarização e das responsabilidades jurídicas e sociais. Para o autor é comum, ao se definir a idéia de juventude, associá-la a uma faixa etária vinculada à “imaturidades psicológicas”, quando o mais adequado em sua visão seria “... compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir nos diferentes tempos e espaços sociais” (p.12). Nessa perspectiva, o lugar dos jovens nas sociedades humanas ao longo do tempo não se definiriam como “... uma classe social, ou grupo homogêneo como muitas análises

permitem intuir. Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes (Carrano, 200:12).

Assim como o critério etário é insuficiente para se compreender a juventude como uma categoria de identificação social - apesar de ser bastante utilizado como coloca Carrano (2000) – delimitar a juventude como uma categoria de identificação social baseada em critérios socioculturais como postulado por Hollingshead (1968), tende a encaminhar a sociologia a uma compreensão imprecisa do conceito de juventude enquanto categoria de identificação social, colocando-a em meio a um extremo relativismo.

Já Marialice Foracchi (1972), define o termo juventude e a problemática que a envolve a partir da configuração de três planos: o pessoal, o institucional e o societário. Neste sentido, ela propõe que a compreensão acerca dos movimentos juvenis não pode se restringir apenas à situação de origem social, devendo considerar também as relações institucionais em que os grupos de jovens se encontram inseridos ou se relacionando, a exemplo dos movimentos estudantis universitários ou secundários, a estrutura da sociedade em que se encontram, e as atitudes relacionadas a suas escolhas pessoais. Para essa autora, em não sendo possível estabelecer uma delimitação etária para a juventude ela:

... representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa não de existência social (Foracchi, 1965: 160).

Ao perceber a dimensão psicossocial presente nas escolhas e atitudes dos jovens, Foracchi incorpora as contribuições da psicologia à sociologia da juventude e neste sentido trabalha com as idéias do psicólogo Erik Erikson acerca das crises das identidades juvenis. Erikson (1976) amplia em suas reflexões a discussão proposta por Freud, colocando que não apenas os fatos da infância, mas de todo o curso da vida influenciam na formação da personalidade humana.

Em meio a essas questões a dificuldade em se definir o que é afinal a juventude embarra nos perigos de singularizar essa categoria de identificação social, baseando-se em critérios rígidos como a institucionalização de idades ou de se pulverizá-la a partir da fragmentação de juventudes que vivem universos específicos e, nesses casos, colocam para a sociologia a necessidade de um entendimento mais ampliado e flexível de uma categoria de estudo que ela ajudou a delimitar.

Embora o conceito de juventude seja polissêmico, transitando entre o biológico e/ou cultural, no caso das juventudes universitárias, objeto desta pesquisa, a incorporação do segundo termo produz um efeito de prolongamento da “condição juvenil”. Este segundo termo associa representações que envolvem indivíduos com idades nem sempre correspondentes as atribuídas biologicamente aos jovens, mas que partilham socialmente experiências culturais que os identificam como uma juventude universitária. Neste sentido, é problemático institucionalizar faixas de idades para se limitar quem é ou não jovem, haja vista que estes incorporam às suas formas de ser e de identificação, representações e significados relacionados ao universo social e cultural em que vivem.

A incorporação dos significados sociais e culturais incutidos na inserção dos indivíduos no universo simbólico do ser universitário tende a identificá-los na representação de jovialidade inerente à juventude em seu sentido de perenidade, renovação e inovação. Representações desta ordem colocam o universo social dos estudantes universitários como uma categoria de identificação social delimitado, sobretudo, por representações culturais construídas a partir de práticas de socialização partilhadas pelos indivíduos que gravitam, enquanto estudantes, neste universo relativizando, assim, a questão biológica-temporal como critério para seleção ou identificação social. Este pensamento abre a discussão para outras questões como a delimitação da idade da juventude como de uma certa forma vem sendo feito com os programas de bolsas de

pesquisa e pós-graduação que têm exigido idades limites para os jovens pesquisadores que seguem, *a priori*, o critério etário.

Recentemente as discussões de Groppo (2000), Carrano (2000) e Carmo (2001) a respeito desta questão têm indicado a necessidade de um entendimento mais amplo e flexível acerca desta categoria de identificação social. A juventude assim como outras categorias de identificação social baseadas na idade são institucionalizadas a partir de critérios etários, portanto, biológicos. Entretanto esses critérios são estabelecidos social e culturalmente em cada sociedade e, neste sentido, a institucionalização das fases da vida humana dependem não apenas de critérios biológicos mas, sobretudo, dos valores sociais e culturais que perpassam os grupos sociais do qual os indivíduos fazem parte. Em síntese, o entendimento de juventude enquanto categoria de identificação social passa pelo que Groppo delimita como:

.... não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas (Groppo, 2000:8).

Este entendimento mais relativizado possibilita a construção de representações pluralizadas acerca da juventude e de seus movimentos sem que se perca a dimensão sociológica da juventude enquanto uma categoria de identificação social.

Na avaliação de Sousa (1999), a juventude tem constituído tanto um tema de preocupação social como um tema da problemática sociológica. Como tema de preocupação social a juventude se caracteriza pelos problemas enfrentados pelos jovens junto à sociedade contemporânea, o que demanda a implementação de políticas sociais específicas para este segmento da sociedade. Já a juventude enquanto problema sociológico consiste numa abordagem teórica que busca entender as diferenciações sociais entre os jovens, articulando as suas experiências socioculturais às abstrações teóricas

possíveis, a respeito dos indivíduos que passam a ser incorporados na sociedade como adultos.

Ao problematizarmos as definições a respeito da juventude como uma categoria de identificação social não é nossa intenção encontrar um consenso sobre essa questão. Nosso intuito é o de trabalhar a juventude como mais uma categoria social de análise que, ao lado de outras categorias como classe social, movimentos sociais entre outras, podem ajudar a compreender o complexo emaranhado da sociedade humana ao longo da história.

Apoiado neste entendimento inicial a respeito da juventude como uma categoria de identificação social a configuração desta pesquisa esta relacionada às experiências culturais dos estudantes universitários em Aracaju no início dos anos 60. Estudantes identificados socialmente como uma juventude universitária.

A identificação social de juventude atribuída aos estudantes universitárias das então faculdades isoladas de Sergipe no início dos anos 60 independente de uma explicita delimitação da faixa etária - questão que será estudada com maiores detalhes no capítulo II - torna-se, no bojo desta pesquisa, um universo social significativo para a compreensão de como um entendimento mais amplo e flexível da juventude enquanto categoria de identificação social se torna necessário.

Partindo deste horizonte de discussões buscaremos no tópico seguinte problematizar como a sociedade moderna tem construído representações e expectativas acerca dos jovens e aos grupos a eles relacionados. Representações que às vezes são recriadas e redirecionadas pelos jovens e os grupos dos quais fazem parte como *prometeus à busca de seus fogos...*

## 1.2 Representações e Imagens da Juventude na Sociedade Moderna

A compreensão da juventude enquanto uma fase da vida é um entendimento que remonta aos primeiros grupos humanos. Entretanto as representações relacionadas à juventude parecem adquirir uma dimensão mais efetiva com o advento da sociedade moderna e sua idéia iluminista do autodesenvolvimento humano. Assim como a sociologia as representações acerca da juventude ganharam uma maior visibilidade em compasso com o florescer da modernidade no século XVIII (Flitner, in: Brito, 1968).

A esse propósito Rousseau, no *Emílio*, pensava a juventude como um segundo nascimento diferente do primeiro em que os indivíduos nascem para existir. Neste sentido, a juventude significava nascer outra vez despertando para a vida. Ao pensar este renascimento em que os indivíduos passam a viver a partir de suas ações e escolhas como sujeitos inseridos na sociedade moderna, Rousseau percebe a necessidade de preparar estes novos membros da sociedade, através de uma escola voltada para formar cidadãos e não súditos. Aposta na educação esclarecida dos jovens cidadãos como uma possibilidade de concretizar mudanças sociais e políticas.

Segundo Caron (1996), essa atitude pedagógica iluminista é potencializada no século XIX, a partir do desenvolvimento das instituições de ensino na Europa. Para este autor a “... escola, sob todas as suas formas, faz parte, há muito tempo, da paisagem social e cultural das sociedades européias. Qual outra instituição se associa mais fortemente à idéia de juventude?” (p.137). Ainda sobre esta questão Michelle Perrot coloca que a juventude tende a adquirir uma atitude mais intelectualizada quando estaria associada “... às universidades (...), às lutas democráticas ou nacionais...” (1996: 83).

Entretanto a escola, em sua concepção moderna, pensada como espaço de democratização de conhecimentos e identificação social da juventude com os valores



iluministas não se universalizou da forma e na intensidade que alguns pensadores imaginaram. As instituições de ensino se tornaram espaços de legitimação de idéias e de posições por vezes sintonizadas com o drama do autodesenvolvimento humano descrito nos versos do *Fausto* de Goethe, que a busca pelo progresso e prosperidade dos seres humanos gera miséria e indiferença. Segundo o crítico literário Marshall Berman um drama que “...ninguém deseja enfrentar (...) mais que todos continuam a protagonizar” (1998: 84).

Todavia não é possível apenas visualizar essa juventude iluminada portadora de inovações e mudanças no século XIX. Na sociedade moderna a juventude é um produto da sociedade burguesa em ascensão que busca substituir o status aristocrático por outras atitudes e posturas socioculturais. Desta forma, não seria possível no século XIX falar, por exemplo, de uma juventude operária mais de jovens operários que vivem à margem da sociedade (Perrot, 1996). Reflexões desta ordem descortinam a idéia de que a juventude não é apenas um critério etário, mas incorporava também imagens e símbolos de jovens que partilhavam experiências sociais e culturais. Nesta perspectiva a idéia de juventude se configura como uma representação cultural.

Desta forma, as singularizações atribuídas à juventude esclarecidas deixaram a margem uma multidão de jovens para os quais as vantagens da sociedade moderna tardou ou não se democratizou. Em meio a essa legião de jovens deixados a margem pelas representações burguesas acerca da juventude, configuraram-se juventudes marginais como os jovens Apaches da Paris do século XIX, formada por grupos de jovens que praticavam delitos não se encaixando na disciplina imposta pela sociedade moderna para os jovens da periferia. Michelle Perrot (1988), ao estudar o porquê da denominação deste grupo social de Apaches, percebeu que dentre as várias explicações colocadas haviam a associação com a idéia de índios, selvagens que não se adequavam aos valores vigentes.

Esses grupos juvenis é o que mais se aproxima do que contemporaneamente se configuram como gangues formadas pelos jovens das periferias dos grandes centros urbanos.

Esta imagem da juventude-problema, já visualizada no século XIX, ganha visibilidade no século XX. Neste sentido é mister a leitura de Passerini (1996) a respeito da metáfora da juventude como mudança social, cristalizada no final do século XIX e deslocada na virada do século XX e idos dos anos 60 para a esfera da juventude-problema. Segundo a autora, configuram-se como exemplos dessa perspectiva a imagem da juventude transviada dos anos 50 nos Estados Unidos, eternizada nas películas de cinema do período; e a imagem da juventude nazista e da juventude fascista.

Oscilando em torno dessas imagens os estudos elaborados sobre a juventude e temas a ela relacionados têm possibilitado alargar o entendimento acerca das diferentes formas de atuação que a juventude pode vir a assumir frente à sociedade, inclusive adquirindo formas e representações diferentes do que a sociedade idealiza para esse segmento da sociedade.

Em termos sociais o ritmo de mudanças descontínuas desencadeado pela sociedade moderna tem colocado para os jovens a questão de como se inserir em uma sociedade cuja ritmo de desenvolvimento tem exigido desses atores sociais um grau de escolarização e responsabilidade cada vez maior. As discussões a este respeito passam pela análise da produção do sentido estético da industrial cultural moderna, como é o caso dos estudos dos pensadores como Walter Benjamin (1994) e Habermas (1989), entre outros. Na perspectiva destes autores a modernidade impulsiona um ritmo de vida urbano acelerado que individualiza os sujeitos.

Para Habermas (1989), os atores sociais interagem com o meio, sendo ao mesmo tempo produto e agente do processo de socialização de indivíduos e de grupos. Seguindo essa linha de pensamento se evidenciam duas questões: (i) a primeira liga-se ao

descontínuo processo de mudanças impulsionado pela modernidade (sujeito que sofre a ação); (ii) a segunda diz respeito à ação modernizadora, implementadora das construções econômicas e políticas (o sujeito como agente transformador), ou seja, um indicativo da socialização da sociedade.

Dentro desta discussão, segundo Pierre Furter, a idéia de juventude está relacionada à idéia de uma modernidade descontínua. Juventude e modernidade estão, para esse autor, entrelaçados em torno de duas questões: (i) a primeira se assentaria na idéia de que a juventude representa uma “perene adolescência” que se apresenta propensa à “renovação” e a “aproveitar novas oportunidades”; (ii) a segunda, que a propensão à mudança da sociedade moderna tem exigido em contrapartida a “rejeição da continuidade e das tradições” e a busca de uma contínua reestruturação da sociedade e dos seus atores sociais (Apud Groppo, 2000:32).

Neste sentido, a dinâmica existente entre os grupos juvenis e a sociedade ao longo do tempo não se dão de modo linear, evidenciando momentos em que os atores sociais que se identificam como jovens se configuraram como protagonistas de uma trama social que ao mesmo tempo se metamorfoseia e é polissêmica. Alberto Mellucci a este respeito coloca que os movimentos da juventude formam um mosaico entre “... as heranças do passado, os efeitos da modernização, as resistências à mudanças” (2001:28). Ainda segundo este autor a configuração de sentidos diferentes e simultâneos tendem a impulsionar os movimentos sociais a assumirem ações coletivas que contribui para “inventar o presente”.

Já para Groppo (2000) as representações criadas para a juventude na sociedade moderna são interpretadas a partir das contribuições de Weber e Eisenstadt. De Weber ele incorpora a idéia da modernidade enquanto uma atitude racional; de Eisenstadt ele incorpora a instrumentalização das noções de sociedades particularistas e universalistas para entender os movimentos da juventude (quadro 1). Nesse sentido delimita

características de grupos etários de sociedades particularistas e de sociedades universalistas (quadro 2).

Quadro 1: Sociedades particularistas versus Sociedades universalistas

<b>Sociedades Particularistas</b>	<b>Sociedades Universalistas</b>
Dependentes do parentesco	Independência do parentesco
Grupos etários homogêneos	Grupos etários heterogêneos
Funções sociais relevantes	Funções sociais importantes
Obediência aos critérios particularistas e Qualitativos da vida familiar	Realização nas esferas amplas da vida social
Valores das unidades de parentesco	Valores que diferem dos da família
A transição para a vida social se configura a partir dos grupos sociais estabelecidos	Os grupos heterogêneos ou juvenis oferecem a tarefa de transição da vida particularista para a vida social
As relações sociais tendem a se configuram a partir de laços de parentescos	Interação e relações sociais independentes dos laços de parentescos
A família e outros grupos sociais desempenha papel preponderante	A família ou outros grupos particularistas não é o grupo básico
Os grupos particularistas usufruem de muito prestígio junto a sociedade	Os grupos particularistas não são os portadores dos valores superiores da sociedade
Divisão do trabalho baseado na unidade de parentesco ou estamento social	A divisão social do trabalho não se baseia na unidade de parentesco

Fonte: Groppo, 2000.

Quadro 2: Grupos etários

<b>Grupos etários da sociedade universalista moderna</b>	<b>Grupos etários nas sociedades particularistas</b>
Complexidade social (muitas agências dirigindo a juventude)	Menos complexidade social
Funções sociais menos integradas à sociedade	Funções sócias mais integradas à sociedade
É mais difícil a transição da vida familiar para a vida social	É desejada a extensão de relações com a sociedade

Fonte: Groppo, 2000.

A estruturação de modelos explicativos como este não comporta, entretanto, a especificidade de como os processos sociais se configuram. Neste sentido, tendemos a concordar com as críticas do sociólogo alemão Nobert Elias (2000) em relação à insuficiência de formulações padronizadas para a compreensão das configurações sociais

de modo universal e atemporal. Para Elias é necessário compreender as configurações da sociedade a partir de uma discussão processual que dialogue com outras áreas do conhecimento como a história e a psicologia, como também com o uso de métodos quantitativos e qualitativos de modo articulado.

Os estudos de Elias, neste sentido, proporcionam uma problematização fértil a respeito de como as identificações sociais se configuram como legitimadoras de formas de poder. Nesse sentido problematiza a insuficiência relativa a estudos que se limitam a análise de variáveis estatísticas ou a análise de configurações sociais padronizadas. Para ele é necessário considerar as alterações sociais que se efetivam ao longo do tempo, por vezes através de critérios sem destaque aparente, a exemplo da questão da comunidade Winston Parva, em que critérios como: o novo e o antigo se cristalizavam como fundamentos de estigmatização e legitimação social.

Para Elias, essas formas de representação/legitimação não se processavam apenas em função do que os indivíduos pensavam sobre si mesmos, mas sim do que o grupo social aceitava como legítimo. Nesse sentido o traslado desta discussão desenvolvida por Elias para o universo desta pesquisa coloca que a associação da idéia de juventude/ inovação/novidade pode se cristalizar como antagônica a grupos sociais já estabelecidos.

Em síntese as idéias de Elias vêm enriquecer o arcabouço de leituras que fundamentam a construção desta pesquisa problematizando a estruturação de modelos atribuídos a juventude como os formulados por Eisenstadt. Para Elias é necessário ir além destes modelos estabelecendo comparações entre os grupos sociais em termos históricos naquilo que os aproximam ou os diferenciam de outros grupos sociais anteriores e contemporâneos.

As reflexões de Elias a respeito das formas de representação/legitimação de poder de alguns grupos sociais, da maneira como eles forjam uma auto-imagem positiva de si e do mundo, são pontos importantes na elaboração desse estudo a cerca da identificação social dos universitários aracajuano no início dos anos 60. Estes jovens forjaram um elo de identificação social em torno das experiências que vivenciaram como universitários. A essa identificação calcada na idéia de juventude universitária vão sendo incorporadas adjetivações, como: responsável, culta, portador de consciência política e de atitude inovadora entre outras.

A compreensão deste universo social exigiu ainda a recuperação de alguns debates desenvolvidos em torno da juventude estudantil no Brasil. A configuração destes debates consubstanciou algumas interpretações a respeito do tema, questão que aprofundaremos no tópico seguinte.

### **1.3. Juventude Estudantil no Brasil: ângulos de interpretação**

Em seu conjunto os estudos relacionados à juventude estudantil no Brasil focalizam experiências juvenis ocorridas nos grandes centros urbanos do país não dando conta das diversidades espaciais, temporais e socioculturais que envolvem o tema. Este tipo de atitude tem contribuído para construção de leituras que desconsideram os desdobramentos e especificidades regionais que os movimentos relacionados à juventude podem ter assumido em seus mais diferentes contextos.

Sem, a intenção de esgotar o tema, neste tópico, objetivamos empreender uma discussão sobre as pesquisas produzidas a respeito da juventude estudantil no Brasil. Isto se faz necessário para que se possa identificar as correntes de pensamento, os debates e as

problemáticas deste e campo temático. Além disto, é preciso situar neste horizonte de pesquisas as discussões já fomentadas em Sergipe a respeito desta área de estudo.

Na tentativa de melhor compreender as pesquisas desenvolvidas neste campo temático tomamos como suporte de estudo as discussões de Stuart Hall (2001) a respeito das identidades culturais na sociedade moderna. No que concerne ao problema das identidades modernas a grande questão suscitada por Hall é como a construção de identidades nacionais proporciona a centralidade do sujeito moderno. Sobretudo no que se refere aos princípios de conotação mais universais dos sujeitos, ou seja, a luta por justiça e liberdade. A chamada crise destas identidades na atualidade possui um duplo efeito, não apenas desconcentra a idéia de uma identidade cultural, centralizada na idéia do sujeito moderno, fragilizando as referências sociais e culturais das sociedades modernas; como também gera uma crise de identificação social nos indivíduos.

De acordo com a proposta de Hall, o processo de mudança estaria transformando a própria modernidade naquilo que ela tem de fundamental para a história humana, ou seja, da fundamentação de nossa existência enquanto sujeitos. Partindo desta perspectiva, Hall apresenta três concepções de identidade na modernidade: o sujeito do iluminismo, aquele que busca a autonomia da razão humana frente às estruturas que o reduzia a objeto e não sujeito da ação (visão filosófica universalista); o sujeito sociológico, aquele que reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não só era autônomo e auto-suficiente, mas também relacionado aos outros sujeitos (visão sociológica mais problematizada, relacional); e o sujeito pós-moderno, para os pós-modernos esta sutura tem sido modificada. Neste sentido, os indivíduos não mais se caracterizam por uma identidade unificada e estável mais por várias identidades. O projeto de identidades culturais se torna desta forma mais provisório, variável e problemático.

A partir da problematização elaborada por Hall acerca das identidades culturais é possível estabelecer três linhas de interpretação sobre a temática em estudo: (i) uma preocupada em relacionar a imagem “positiva” que já se fazia sobre a juventude intelectual brasileira dentro de uma dimensão “progressista”, resgatando uma identidade iluminista pela qual a juventude estudantil era identificada como vanguarda cultural e política do “povo”; (ii) outra preocupada em entender de modo crítico qual era o papel da juventude na sociedade moderna, ligando-se ao resgate de uma identidade sociológica em que as ações do movimento estudantil e dos movimentos da juventude eram relacionadas as estruturas sociais de classe (iii) e, por fim, uma tendência aliada aos estudos contemporâneos que tende a abordar as ações coletivas destes atores sociais a parti de enfoques mais pluralizados.

A primeira linha de estudo se mostrou inicialmente bastante sedutora. O próprio contexto dos anos 50 e 60 em que ela foi pensada favoreciam a construção de uma imagem vanguardista para a juventude estudantil brasileira. Que, enquanto elite privilegiada da população, deveria exercer na luta pela modernização e democratização das instituições de ensino superior e do próprio país o papel de liderança. Lutas que deveriam ser norteadas por reivindicações relacionadas às reformas de base, precedidas preliminarmente pelas mobilizações desencadeadas em torno da reforma universitária, proposta pela LDB publicada em 1961.

Esta linha é construída a partir da influência do pensamento nacionalista presente no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), que na época havia dado uma guinada mais à esquerda<sup>1</sup>. Sobre esta ótica é publicado em 1961 *A Questão da Universidade*<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> O ISEB neste período, apesar da forte presença de pensadores nacionalistas de esquerda como o filósofo Álvaro Vieira Pinto, o historiador Nelson Wenerck Sodré, o sociólogo Guerreiro Ramos entre outros, não se caracterizava pelo monopólio de uma única idéia ou corrente; ao contrário o ISEB se constituiu em espaço de debates de pensadores nacionalistas de diferentes matizes teóricas. Maiores informações a este respeito ver em: Sodré, 1978; Toledo, 1988; Ortiz, 1985.



escrita pelo filósofo Álvaro Vieira Pinto, então presidente do ISEB. Nesta obra o autor faz uma reflexão sobre as discussões que vinham sendo realizadas a respeito da importância do papel do ensino superior para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Dentro desta temática ele evidencia o papel progressista do movimento estudantil na qualidade de “forças sociais ascendentes” (Pinto, 1986:13). Este tipo de interpretação redimensionou a imagem positiva que a sociedade brasileira já atribuía à juventude intelectual, enquanto vanguarda da cultura nacional.

Tal interpretação, freqüente no período em estudo, aglutinava discussões relativas à "cultura nacional" e dos debates referentes à “cultura política de esquerda” no país, em uma fase em que se fomentava a eclosão de inúmeros pólos de difusão e interpretação marxista. Esta junção de idéias alcançou grande aceitação em meio à sociedade brasileira dos anos 60, inclusive por intelectuais que não faziam parte do partido (Rubim, 1995).

Tais idéias influenciariam muitos estudiosos do tema; dentre eles cabe destacar o jornalista Artur José Poerner (1968), que opta pela interpretação progressista assumida pelos jovens estudantes latino-americanos em reação aos desmandos e conservadorismo de seus governos. Este livro tem o mérito de ser o primeiro a sistematizar uma periodização inaugural a respeito da história da participação política da juventude brasileira. Periodização que toma como divisor de estudos a fundação da União Nacional dos Estudantes Brasileiros (UNE) em 1937. Sua primeira edição, escrita ainda sobre o calor dos acontecimentos do regime militar, inicia no período colonial e vai até 1968, sua edição mais recente se estende até as manifestações estudantis relacionadas ao “Fora-Collor”.

---

<sup>2</sup> Este livro foi editado e distribuído pela UNE em todo país no início dos anos 60. Em Sergipe o lançamento deste livro contou inclusive com a presença do próprio Álvaro Vieira Pinto conforme noticiou o jornal *Folha popular* 28/04/1962.

Outro importante estudioso dentro desta corrente é o historiador Antônio Mendes Júnior (1981). Este autor, um leitor atento de Artur Poerner, desenvolve seus estudos sobre a juventude estudantil durante o processo de abertura política do período em que o país estava sob a tutela militar. Neste contexto, ele vai defender a existência de momentos privilegiados em que a participação política estudantil se torna mais visível. Segundo o autor, esta participação não ocorria de forma linear, e sim intercalando fases de fluxo e refluxo. Mendes Júnior propõe, ainda neste estudo, uma nova periodização para a temática ao adotar o critério do tipo de “atuação política”. Desta forma, ele identifica quatro fases de atuação do movimento estudantil brasileiro: a primeira fase caracterizada pela atuação individual em que não existe nenhuma entidade agremiativa, indo do período colonial aos primeiros anos do império; a segunda caracterizada pela atuação coletiva, quando surgem as primeiras sociedades intelectuais e culturais, ainda no período imperial; a terceira caracterizada pela atuação organizada do movimento estudantil, iniciada com a fundação da UNE; e uma última fase denominada de atuação clandestina, iniciada com a entrada em vigor do Ato Institucional n.º 5 (AI-5).

A segunda linha de interpretação busca se distanciar do pensamento nacional-desenvolvimentista fomentada pelo ISEB, configurando-se em torno das discussões da Escola Paulista de Sociologia a respeito das estruturas sociais que limitam ação dos sujeitos que não são analisados a partir da idéia de “povo” e sim de “classes sociais”. Dentro desta perspectiva, as pesquisas sociológicas tendem a entender a juventude estudantil no Brasil em relação ao limites colocados pelas estruturas sociais de uma sociedade que tarda a se modernizar e democratizar.

Dentro desta linha interpretativa destaca-se Otávio Ianni (1968). Este autor situa o aparecimento da juventude ao advento da sociedade capitalista. Nestas sociedades “... os jovens assumem importância crescente no campo da política” (1968:225). Fato que ocorre

segundo o autor em função das bruscas transformações impulsionadas por este sistema sócio-econômico. Frente a esta perspectiva, Ianni procura compreender como jovens de diferentes camadas sociais desenvolvem ações que em certas situações são contrárias a condição de classe social a qual pertencem. Isto ocorre segundo o autor, pois essa é uma das contradições das “sociedades estruturadas em termos da democracia burguesa. Nelas o processo de incorporação dos grupos imaturos não é automático e espontâneo. Ao contrário, ele se realiza por meio de mecanismos complexos” (Ianni, 1968:226).

A possibilidade deste desprendimento em face do não ajustamento dos indivíduos de uma determinada faixa etária, e portadora de uma determinada identidade social, às normas da sociedade capitalista gera uma situação de “desvinculamento” de seus interesses pessoais e o de sua condição social de origem. É em torno desta contradição que Ianni (1968) pensa a questão do jovem radical de origem burguesa, mas que questiona o sistema social que o mantém.

A construção desta abordagem pelo autor não enfoca apenas as discussões referentes à sociologia das gerações e dos movimentos sociais. Ele também aponta a necessidade de se estudar esta temática não apenas com o rigor das interpretações teóricas de especialistas que versam sobre o tema. A questão central a esse respeito é “a natureza essencial de um fenômeno singular, cuja inteligibilidade completa depende de uma compreensão histórico-estrutural da sociedade” (Ianni, 1968:26).

Partindo desta compreensão Ianni discute o inconformismo juvenil não apenas como um conflito de geração – como coloca Karl Mannheim – nem como uma fase transitória da vida, para ele, este fenômeno também está associado à situação sócio-econômica dos indivíduos.

Ainda dentro desta problemática, esse sociólogo pensa a respeito das atitudes dos jovens que ao adquirem a situação de trabalhador alienado, isto é se torna proletário,

assumem uma posição conformista. Segundo Ianni, isto ocorre em função da incorporação de padrões e valores da sociedade capitalista, ou ainda, pela exclusão desses atores do processo por não possuir o devido esclarecimento político/intelectual (Ianni, 1968).

Já a socióloga Maria Alice Foracchi não situa a participação dos estudantes no processo de transformação da sociedade brasileira dentro de uma escatologia histórica. Na sua avaliação, a atuação política dos estudantes só adquire destaque quando...

... associada com outras forças de renovação, sua força só ganha vitalidade quando integrada a um processo já desencadeado. Não obstante, é preciso compreender sua luta, esclarecer sua “premente necessidade de encontrar um campo de ação” (Foracchi, 1965:5).

Este campo de ação da juventude está, para a autora, relacionado à sua condição social, que baliza seu comportamento, e as escolhas de projetos que possibilitem a ampliação de seus horizontes. Desta maneira, a compreensão dos jovens estudantes como uma categoria social assume uma dimensão elucidativa, à medida que se descortina a sua classe de origem e suas relações de dependência/manutenção. Neste sentido, Foracchi não defende, como Ianni, que o indivíduo ao entrar no mundo do trabalho assumira uma identidade social enquanto classe explorada. Para a autora cada sociedade idealiza um tipo ideal de atitude para os jovens e estabelece limites para que estes se incorporem dentro de sua dinâmica.

Para Foracchi o eixo central dos estudos relativos ao movimento estudantil não estaria assentado numa visão idealista que “naturalizava” a função “revolucionária” inerente aos jovens, mas sim na possibilidade social dos estudantes assumirem, ou não, uma postura mais política, que oscilaria em conformidade com os interesses de sua situação social de origem. Dentro desta perspectiva o interesse da juventude estudantil brasileira estava em conformidade com os anseios da classe média e média-alta, da qual

provinham grande parte destes estudantes, e, como tal, assumiam posições políticas conforme os interesses das classes de que provinham. Para a autora, a condição de classe média, atribuída à grande parte da juventude estudantil nos idos de 1960, não impedia sua identificação e solidariedade com as reivindicações das camadas populares.

Ainda que os movimentos estudantis estejam ligados a contestação política e os movimentos da juventude estejam ligados a contestação cultural, em termos sociais os dois movimentos sugerem que as possibilidades da sociedade resolver os seus problemas dependem de “forças sociais novas” que vêm dos jovens envolvidos nessa dinâmica, cujas potencialidades criadoras se encontram definidas fora dos aportes convencionais, ainda que estejam ligados a sua classe de origem.

Guilhon Albuquerque (1977), dialogando Alan Touraine, ao analisar o movimento estudantil, desprende-se das amarras funcionalistas pelas quais se articulam as reações do movimento estudantil dentro de situações estabelecidas. Para o autor, é importante, também, considerar a perspectiva de “projeto”, segundo o qual a análise do movimento estudantil deveria recair também sobre a capacidade de ação de seus atores sociais frente às opções políticas adotadas pelos seus militantes para inserção e/ou mudanças na sociedade a que estão relacionados.

O sociólogo Décio Saes (1978) observa, a este respeito, que as reivindicações estudantis podem conter tanto elementos da luta de classe como de uma fração desta. Contudo, sua análise não deve se prender a modelos estruturados em outras formações históricas como no caso dos movimentos estudantis franceses ou norte-americanos. Até porque, os objetivos propostos pelas mobilizações estudantis variam em função de seu contexto sócio-histórico.

Martins Filho (1987; 1998), ao explanar sobre o tema, incorpora em parte as argumentações de Marialice Foracchi (1965;1972). Neste sentido, defende a idéia de que o

“... papel dos estudantes universitários como porta-vozes das expectativas das camadas médias brasileiras, diante do processo político do país” (1998:14) tem sido um fio condutor dos desdobramentos políticos organizados pelos estudantes no Brasil nos anos 60 e 70. Situação que tende a se modificar a partir dos anos 80 e 90 com a ampliação da oferta de vagas no ensino superior, o que vai favorecer a entrada de outros segmentos sociais nos cursos universitários do país.

Dentro desta perspectiva Martins Filho faz duras críticas aos estudos que discute o tema no Brasil, pois, segundo ele, em sua maioria, colaboram com a construção de uma “auto imagem” progressista e revolucionária dos estudantes brasileiros. Estas construções se expressam através de expressões do tipo: “Os estudantes sempre estiveram ao lado do povo brasileiro, em todas as lutas” (1987:4). Isto viria a colaborar com um reforço do que o autor denomina visão “mitológica do movimento estudantil”. Para Martins Filho, posicionamentos desta ordem tendem a compreender o movimento estudantil como algo invariável e imutável.

Dentro desta perspectiva, o livro organizado por Martins Filho, *1968 Faz 30 anos*, uma coletânea de estudos elaborados dentro e fora do eixo Rio - São Paulo, amplia a compreensão da atuação da juventude estudantil brasileira, vista não mais de maneira unilateral, mas sim articulada com as especificidades e desdobramentos regionais desse movimento social no Brasil, e sintonizada com novas abordagens metodológicas.

Além do descentramento regional destes estudos temáticos a obra mencionada elabora uma periodização específica sobre os diferentes momentos da juventude estudantil no Brasil. Neste sentido é necessário ressaltar os cinco momentos representativos das mobilizações estudantis das últimas décadas, na ótica de João Roberto Martins Filho: (i) no primeiro instante, as mobilizações estudantis que reivindicavam a realização de reformas

de base, durante os anos de 1962 a 1964, período no qual ocorre a crise do sistema de governo populista no Brasil e que é por nós focado nesta pesquisa; (ii) no segundo instante, com o embate do movimento estudantil frente a ditadura militar instalada no país, período de 1966 a 1968; (iii) em seguida o período de “Intermezzo ‘fascista’ e ressurgimento (1969-1976)” do movimento estudantil, durante o recrudescimento do regime contra a sociedade civil brasileira; (iv) o quarto momento, centrado-se nas lutas pela redemocratização do país (1977-1979); e, (v) o último instante, a posição dos estudantes na política contemporânea.

Ainda nesta abordagem Maria de Lourdes A. Fávero (1995), justifica a importância do movimento estudantil na América Latina a partir das especificidades de sua formação histórica, na qual existiria um “...espírito renovador da possibilidade de transformação social e de uma consciência de homem americano distinto do norte-americano e/ou europeu...” (1995:11). Esta distinção, segundo a autora, não nega as contradições presentes na sociedade brasileira, cujas frações também se achariam representada no movimento estudantil. Desse modo, o movimento estudantil se constituiria em um espaço de aprendizagem política, necessário para a complementação da formação da cidadania.

Uma terceira linha de estudo a respeito da juventude estudantil começa a surgir nos anos 90 acompanhando a busca das ciências sociais por novos horizontes interpretativos e as transformações pelas quais tem passado a sociedade brasileira. Em torno destes horizontes epistemológico e social as novas pesquisas não expressão com clareza uma ruptura com as outras correntes. O que se observa é uma releitura das problemáticas suscitadas por autores como Karl Mannheim, Erikson, Forrachi entre outros, vistos dentro de uma perspectiva mais ampliada e incorporando problemáticas dos atores sociais que compõe este seguimento social no tempo presente. Além disso, a tradução dos

trabalhos sobre a *História dos Jovens* de Levi e Schmit, publicado em português em 1996, tem influenciado o desenvolvimento de pesquisas sobre a juventude no Brasil enfocando temas não apenas relacionados a atuação política dos estudantes.

Aponta-se ainda, entre os estudos relacionados aos jovens no Brasil, o deslocamento de suas categorias de análise do âmbito da juventude como vanguarda política e cultural, ou condicionada por estruturas sócio-econômicas, para o âmbito dos estudos sócio-culturais que analisam as juventudes associadas a outras formas de representações. Deste modo, os jovens vão, a partir dos movimentos aos quais se aliam, buscar formas de legitimar sua inserção na sociedade. Estes movimentos espelham a busca dos mesmos em ocupar espaços de poder, em que lhes poderá ser facultado colocar seus pontos de vista e ideais.

Dentre esses novos estudos destaca-se o livro de Janice Tirelli Ponte de Sousa: *Reinvenções das Utopias*, publicado em 1999. Neste livro a autora analisa como os jovens do final do século XX constróem sua ação participativa em um tempo distante das grandes utopias transformadoras. Partindo deste tema a autora busca superar o senso comum, “... segundo o qual os jovens contemporâneos aparecem conformados, demonstrando uma rebeldia insuficiente para intervir como segmento significativo na sociedade” (1999:13). A construção desta representação faz com que os jovens se confundam dentro de uma realidade individualista e fragmentada. Partindo desta problemática a autora se propôs a “... entender a juventude que ainda resiste ao imposto pelo *consenso* e compreender sua inserção nos novos espaços de atuação no que trazem de possibilidade de um questionamento ético de nossa sociedade” (ibidem, 1999:14). Sousa ressalta que a cristalização nos anos 80 e 90 de novos atores sociais ocorre em função da configuração de uma organização social no Brasil diferenciada dos anos 60 e 70.



Dentro desta problemática a socióloga Helena Abramo (1994), apoiada no conceito de geração de Mannheim, diferencia os movimentos culturais relacionados a juventude estudantil dos anos 60 como o CPC da UNE – agência cultural em que estudantes e artistas ligados a classe média buscavam “concientizar” o “povo” – dos movimentos culturais contemporâneos que tem surgido nas periferias dos grandes centros urbanos do país como os *punks* e *darks*. Neste sentido, enquanto a produção cultural da juventude estude estudantil dos anos 60 era direcionada “para o povo”, a parti dos anos 80 começa a adquirir visibilidade a produção cultural das juventudes das periferias urbanas refletindo acerca do seu próprio cotidiano.

Paulo Sérgio Carmo (2001), apoiando-se nas reflexões de Bourdieu e Passeron a acerca do “mérito pessoal”, do “Dom” desmitifica a idéia da competência ou vocacional “natural” de algumas pessoas esta relacionado a herança cultural de sua classe social. Em torno desta reflexão, Carmo, discuti os bailes *funk* e os músicos de *rappers* como alternativas encontradas pela juventude das periferias dos grandes centros urbanos expressarem sua idéias.

Em Sergipe a temática da juventude estudantil – embora tenha sido mencionada diversas vezes por importantes pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo da sociedade e da história local<sup>3</sup> -, não havia sido objeto de nenhum estudo específico.

Em torno desta lacuna historiográfica, ainda na graduação do curso de História da UFS, desenvolvemos, em conjunto com alguns colegas de curso, as primeiras pesquisas no gênero em Sergipe. Inicialmente, através desse trabalho coletivo, exploramos as repercussões das experiências desenvolvidas pelo Centro Popular de Cultura da União

---

<sup>3</sup> Dantas (1989; 1998), Figueiredo (1989; 1991), Oliva (1989), Oliveira (1989), Nascimento (1991), Barros (1995), Graça (1996) entre outros.

Nacional dos Estudantes (CPC da UNE) em âmbito nacional, e da UNE-Volante<sup>4</sup> em suas passagens pelo Estado em 1962 e 1963 (Cruz et. alii,1996).

Essa pesquisa descortinou um cenário cultural particularmente rico em torno da atuação da juventude estudantil no início dos anos 60 em Sergipe, suscitando a elaboração de um outro estudo sobre o universo cultural da juventude universitária naquele momento sócio-histórico. Neste sentido, foi desenvolvido um trabalho monográfico a respeito do surgimento, organização e atuação do Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes Sergipanos (CPC da UEES) e suas relações com outros movimentos culturais no período mencionado (Cruz, 1998).

Os resultados dessas pesquisas e o surgimento de outros estudos<sup>5</sup> relacionados à juventude estudantil universitária em Sergipe no período enfocado como foi caso dos trabalhos de Menezes (1998), sobre a influência das idéias do CPC no teatro em Sergipe, Oliveira (1999) e Ramos (2000), ambos abordando a questão da atuação política da Juventude Universitária Católica (JUC), Graça (1998) a respeito da juventude ginásiana em Aracaju nos idos dos anos 50 e 60. Estes trabalhos destacaram, de um modo geral, a relevância desta temática como algo mais que simples distúrbios etários atribuíveis a uma “juventude-problema”.

---

<sup>4</sup> Este movimento cultural também conhecido pela denominação de CPC-Volante se constituía em uma caravana composta de membros da diretoria da UNE e do Centro Popular de Cultura que percorreu as principais cidades do país, mobilizando os estudantes, através de apresentações artísticas e seminários em torno de suas idéias e ações políticas. Maiores informações a respeito ver em: Barcellos (1994) e Berlinck (1990).

<sup>5</sup> Entre os novos estudos é mister ressaltar também os trabalhos de Dantas (1997), Pereira (1997) e Brito (1999). As obras de Dantas merecem atenção pelo caráter precursor que elas assumem frente ao tema, e em especial a sua publicação de 1997 comporta um capítulo voltado para o tema no período da tutela militar em Sergipe. O ensaio de Pereira descortina a atuação da juventude secundarista do Colégio Estadual de Sergipe – CES, nos primeiros anos do regime militar. E o de Brito, pela contribuição para o conhecimento da atuação política da juventude universitária em Sergipe em descompasso com as medidas e atitudes dos primeiros anos do regime militar no Estado. Entretanto, apesar da ligação temática, os trabalhos mencionados fogem ao escopo temporal da presente pesquisa.

Estes estudos descortinaram análises que ajudam a entender, sob os holofotes dos acontecimentos nacionais que se desencadearam naquele instante, a trama das relações políticas e sociais então vivenciadas no Estado. Não obstante a contribuição dessas pesquisas, ainda se conhece pouco sobre esta temática, sendo que as pesquisas até aqui elaboradas descreveram apenas alguns estudos de fundo histórico e educacional a respeito do tema em estudo. Sem nos furtar o diálogo com estes estudos, buscamos com nossa pesquisa contribuir para a construção de uma abordagem sociológica dos elos de identificação social construída pelos universitários em Aracaju entre os anos de 1960 e março de 1964.

Balizado em torno desta discussão buscamos nos capítulos seguintes articular o entendimento acerca do conceito de “juventude” relacionada ao termo “universitária” como categoria de identificação social. Dentro desta perspectiva, no próximo capítulo, desenvolveremos a partir dos dados levantados nas pesquisas documentais, um perfil da juventude universitária em Aracaju no período proposto, buscando identificar as faixas etárias em que estão inseridos, que cursos freqüentavam, o sexo, as cidades e os Estados de origem entre outras questões.

Já a busca pelo desvelamento do contexto de formação/identificação dos atores sociais envolvidos nessa pesquisa, será realizada no capítulo III, no qual iremos buscar o testemunho dos mesmos, procurando analisar como aqueles atores sociais, que nos anos 60 viviam o cotidiano do início dos anos 60, criando e recriando elos de ligação com passado para inventar/memorizar seu presente. Na tentativa de saber como construíram, ou ainda como vêm construindo essa imagem/identidade e como viveram a partir dela ou com ela, incorporando-a ao seu cotidiano.

## **CAPÍTULO II**

### **RETRATOS DE UMA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA**

Buscamos, neste capítulo, realizar uma análise a respeito dos estudantes universitários que freqüentaram as faculdades isoladas em Aracaju entre os anos de 1960 e 1964. Para tanto procuramos configurar informações acerca da quantidade de alunos matriculados nas então existentes faculdades de Química, Economia, Direito, Serviço Social, Filosofia e Medicina. Nestas faculdades, identificamos os cursos escolhidos pelos alunos, o sexo, a naturalidade, a cidade de origem, a idade, a cor da pele, o estado civil, o domicílio, o curso de formação anterior, a escola de formação anterior, o ano de entrada e saída das faculdades, forma de ingresso dos alunos entre outras variáveis.

A sistematização dessas informações tornará possível identificar alguns retratos da juventude universitária em Aracaju no início dos anos 60. Retratos que permitirão, no curso deste capítulo, configurar alguns traços comparativos entre a imagem generalizada para a juventude como sendo masculina, branca, ocidental e classe média (Levi e Schmitt 1996; Groppo,2000) e a realidade da juventude universitária em Aracaju, no período em estudo.

Em termos sociológicos poucos são os trabalhos que abordam a temática da situação social dos jovens fora de modelos universalizantes e/ou ideológicos. A este

respeito os trabalhos que têm como base as reflexões da socióloga Marialice Foracchi (1965; 1975) e do sociólogo Nibert Elias (2000) que apresentam possibilidades de ampliação do debate que se configura, principalmente, a partir do diálogo com outros campos do conhecimento como a História, a Psicologia e o diálogo com métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos.

A construção de estudos estatísticos se torna, no bojo dessa discussão, uma fonte importante para que se identifique quem tinha acesso às faculdades isoladas em estudo no que se refere à faixa etária, ao sexo, às questões relativas à cor da pele, à naturalidade, ao tipo de escola de onde eram provenientes entre outras que aliadas às questões culturais delinearão a imagem do jovem universitário no período por nós referendado. Esses dados foram obtidos a partir do exame dos registros de nascimento, casamento, declarações, requerimentos, históricos escolares, fichas de matrícula entre outros registros por nós pesquisados.

### **2.1. Levantamento dos dados e delimitação da amostragem**

O acesso a essas informações se tornou possível a partir de 1998, quando a Universidade Federal de Sergipe criou para fins de gestão do seu acervo documental, um arquivo central. Nesta divisão administrativa encontramos um tipo de unidade documental denominada de “Dossiê dos alunos”. Tal unidade reunia informações pessoais, acadêmicas e institucionais a respeito dos alunos matriculados nas então faculdades isoladas existentes em Aracaju, no início dos anos 60. Acerca desse tipo de documentação é mister salientar o caráter inédito de seu uso para fins de pesquisa em Sergipe.

Após a localização da fonte de pesquisa necessária ao desenvolvimento deste estudo foi iniciado o exame das informações contidas na documentação. No primeiro instante foi observado que a documentação em questão estava organizada em séries documentais a partir do ano em que os estudantes ingressaram em seus cursos e em ordem alfabética. Essa forma de organização reunia os documentos dos alunos das faculdades isoladas, entretanto, não possibilitava a consulta por instituição em separado uma vez que os documentos não estavam dispostos dessa maneira.

Ainda sobre a forma de organização dos documentos, para que pudéssemos realizar a pesquisa foi necessário delimitar um intervalo de tempo que iniciava em 1957 e se limitava a 1964. Considerando o tempo médio de 4 ou 5 anos em que os estudantes poderiam concluir seus cursos e o escopo temporal desta pesquisa que é trabalhar com os estudantes universitários em Aracaju no início dos anos 60, estabelecemos como momento inicial para coleta de dados o ano de 1957. Dentro dessa lógica os estudantes que ingressaram na época mencionada permaneceram na universidade no mínimo até 1961. E 1964 como ano limite para coleta de dados, mesmo considerando que os estudantes deste último permaneceriam matriculados em seus cursos nos anos posteriores. Em termos de pesquisa, o critério para a delimitação era identificar os atores sociais que estavam estudando nas faculdades isoladas em Aracaju no período em estudo. Assim, nesse intervalo de sete anos nos foi possível localizar o conjunto de estudantes que freqüentaram as antigas faculdades isoladas de Sergipe no início dos anos 60.

A obtenção das informações demandou a organização de uma ficha de coleta de dados, onde se buscou obter uma série de 22 tipos de informações de interesse da pesquisa visando obter, da documentação encontrada, um quadro dos universitários no período em estudo (ver ficha de coleta de dados). É necessário frisar que as informações coletadas

limitam-se aos dados registrados nos documentos disponíveis nos respectivos dossiês; as informações que não estavam disponíveis por falta de documentos ou inelegibilidade foram consideradas como dados não identificados.

## **2.2. Os Resultados da Pesquisa**

A digitalização das informações demandou a construção de um banco de dados organizado a partir do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), utilizado para análises estatísticas nas áreas de domínio das Ciências Sociais. A tabulação gerou um banco de dados contendo a catalogação de 758 estudantes universitários que haviam ingressado nas seis faculdades isoladas de Aracaju no período de 1957 a 1964. Da análise do material coletado foi possível obter uma série de informações sobre os universitários aracajuanos. A seguir discutiremos a configuração de alguns dos dados, assim como teceremos a combinação de algumas variáveis pesquisadas.

### **2.2.1. A Faixa Etária**

Os dados referentes à idade se constituem em uma variável importante para o escopo desta pesquisa que toma a idéia de juventude como uma categoria de identificação social e intrinsecamente associada aos estudantes universitários. A sistematização e análise das informações relacionadas à idade dos estudantes das faculdades isoladas que existiam em Sergipe no início dos anos 60 não é uma tentativa de se estabelecer idades padrões e sim de verificar as faixas etárias em que os estudantes daquele período estavam inseridos.

Dentro desta perspectiva nos apropriamos das discussões desenvolvidas no capítulo anterior acerca do conceito de juventude. Essas discussões colocam que a juventude também é definida por critérios biológicos, sociais e culturais. Ao considerarmos a questão da idade como critério para a definição de juventude – feitas todas as problematizações no que concerne aos perigos de suas padronizações e generalizações para épocas e contextos diferenciados – temos o intuito de situar as faixas etárias dos estudantes pesquisados.

Assim, ao tabularmos o ano de nascimento com o ano de entrada destes nos seus cursos, em um universo de 758 estudantes conseguimos identificar 736 (97,1%) das idades dos mesmos. A variação de idade deles oscila entre 17 a 66 anos, de indivíduos que nasceram entre 1896 e 1946. Ao procedermos à configuração das variáveis, elaboramos uma tabela com o cruzamento entre o ano de nascimento e o ano de entrada dos estudantes na faculdade. Desse modo, estabelecemos uma seqüência quantitativa e em percentuais entre ano de nascimento, ano de entrada e a idade dos estudantes pesquisados (tabela 1).

A partir da tabela 1 delimitamos cinco faixas etárias de estudantes: (i) a primeira com estudantes até 18 anos; (ii) a segunda com estudantes entre 19 a 25 anos; (iii) a terceira com estudantes entre 26 a 30 anos; (iv) a quarta com estudantes de 31 a 35 anos; a (v) quinta e última com estudantes com mais de 35 anos. Aplicando estas faixas etárias aos dados sistematizados obtivemos, no universo de estudantes identificados, os seguintes percentuais 4,89% (até 18 anos), 73,23% (19 a 25 anos), 11,68% (26 a 30 anos), 5,98% (31 a 35 anos) e 4,22% (mais de 35 anos), conforme pode ser observado no gráfico 1.



Gráfico 1: Faixa etária dos alunos ao entrarem nas faculdades isoladas

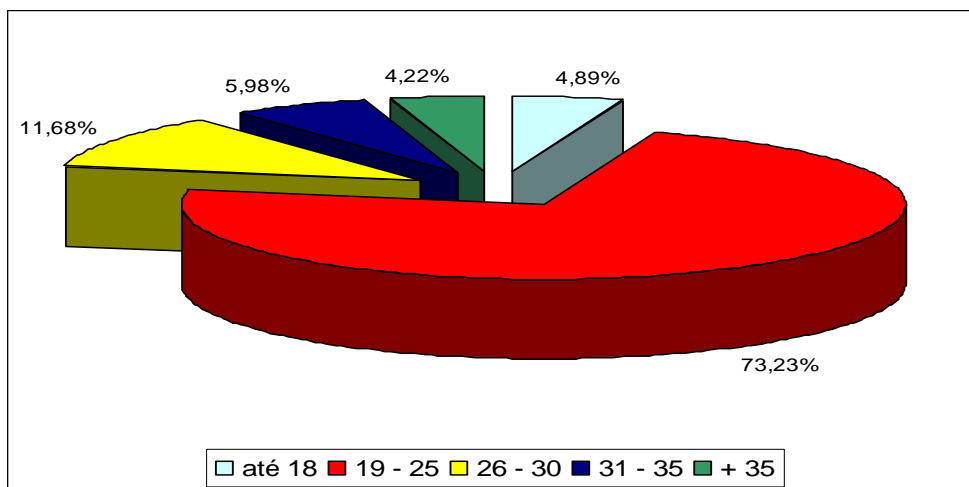


Tabela 1: Cruzamento entre ano de nascimento dos estudantes e ano de entrada na universidade (idade dos alunos / quantidade / percentual)

Ano de nasc.	Entrada			1957			1958			1959			1960			1961			1962			1963			1964			Total		
	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	id	qt.	%	qt.	%	
não identificado					3	2,86%		1	1,30%					2	2,50%		1	1,33%		3	3,19%		2	1,89%		1	0,78%	13	1,72%	
1896																			66	1	1,06%							1	0,13%	
1908				49	1	0,95%																						1	0,13%	
1914																						49	1	0,94%				1	0,13%	
1916																			46	2	2,13%							2	0,26%	
1917																										47	1	0,78%	1	0,13%
1919																										45	1	0,78%	1	0,13%
1920					37	1	0,95%	38	1	1,30%																44	1	0,78%	3	0,40%
1922					35	2	1,90%	36	2	2,60%	37	3	3,57%			39	1	1,33%	40	1	1,06%	41	1	0,94%				10	1,32%	
1923					34	2	1,90%				36	1	1,19%	37	1	1,25%							40	1	0,94%				5	0,66%
1924											35	1	1,19%			37	1	1,33%										2	0,26%	
1925					32	2	1,90%				34	1	1,19%	35	2	2,50%				37	1	1,06%	38	1	0,94%	39	2	1,56%	9	1,19%
1926							32	1	1,30%	33	3	3,57%				35	1	1,33%											5	0,66%
1927							31	5	6,49%	32	3	3,57%				34	2	2,67%					36	2	1,89%	37			12	1,58%
1928				29	1	0,95%				31	2	2,38%	32	2	2,50%	33	2	2,67%	34	1	1,06%	35	1	0,94%	36	3	2,34%	12	1,58%	
1929		1	11,11%	28	2	1,90%									32	1	1,33%	33	3	3,19%					35	2	1,56%	9	1,19%	
1930				27	4	3,81%	28	2	2,60%				30	4	5,00%								33	1	0,94%	34	1	0,78%	12	1,58%
1931				26	4	3,81%	27	2	2,60%	28	3	3,57%	29	1	1,25%	30	2	2,67%								33	1	0,78%	13	1,72%
1932				25	6	5,71%	26	1	1,30%	27	4	4,76%	28	4	5,00%				30	2	2,13%								17	2,24%
1933				24	6	5,71%	25	4	5,19%	26	1	1,19%	27	3	3,75%	28	2	2,67%	29	1	1,06%	30	2	1,89%	31	3	2,34%	22	2,90%	
1934				23	8	7,62%	24	6	7,79%	25	2	2,38%	26	4	5,00%	27	1	1,33%	28	4	4,26%	29	1	0,94%	30	2	1,56%	28	3,69%	
1935				22	14	13,33%	23	6	7,79%	24	1	1,19%	25	5	6,25%	26	6	8,00%	27	1	1,06%	28	4	3,77%	29	1	0,78%	38	5,01%	
1936				21	7	6,67%	22	6	7,79%	23	12	14,29%	24	4	5,00%	25	6	8,00%	26	2	2,13%	27	1	0,94%	28	1	0,78%	39	5,15%	
1937		3	33,33%	20	18	17,14%	21	11	14,29%	22	11	13,10%	23	8	10,00%	24	2	2,67%	25	4	4,26%	26	5	4,72%	27	5	3,91%	67	8,84%	
1938				19	19	18,10%	20	14	18,18%	21	10	11,90%	22	5	6,25%	23	5	6,67%	24	8	8,51%	25	3	2,83%	26	3	2,34%	67	8,84%	
1939				18	5	4,76%	19	8	10,39%	20	14	16,67%	21	11	13,75%	22	9	12,00%	23	6	6,38%	24	10	9,43%	25	7	5,47%	70	9,23%	
1940		2	22,22%				18	7	9,09%	19	10	11,90%	20	11	13,75%	21	11	14,67%	22	6	6,38%	23	7	6,60%	24	7	5,47%	61	8,05%	
1941		2	22,22%							18	2	2,38%	19	10	12,50%	20	13	17,33%	21	10	10,64%	22	9	8,49%	23	11	8,59%	57	7,52%	
1942													18	3	3,75%	19	5	6,67%	20	18	19,15%	21	14	13,21%	22	15	11,72%	55	7,26%	
1943		1	11,11%												18	4	5,33%	19	13	13,83%	20	21	19,81%	21	20	15,63%	59	7,78%		
1944																		18	6	6,38%	19	15	14,15%	20	16	12,50%	37	4,88%		
1945																			17	1	1,06%	18	4	3,77%	19	20	15,63%	25	3,30%	
1946																									18	4	3,13%	4	0,53%	
		9	100%		105	100%		77	100%		84	100%		80	100%		75	100%		94	100%		106	100%		128	100%	758		

Esses dados revelam que a maior quantidade de estudantes estava na faixa etária de 19 a 25 anos quando ingressaram nas faculdades naquele período. Acrescendo a este percentual a frequência de estudantes com até 18 anos temos um total de 78,12%, quase 4/5 do universo de alunos identificados. Os estudantes situados nas outras três faixas etárias – de 26 a 30, de 31 a 35 e mais de 35 anos – formam um percentual de 21,87%. Se por um lado esse dado indica que a maior parte dos estudantes universitários daquele período está inserida em uma faixa etária reconhecida institucionalmente como de jovens, por outro também indica que a parcela de alunos acima dessa faixa não é desprezível. Em observância a esses dados, ao conversarmos com pessoas que estavam acima da faixa etária tida biologicamente como jovem e que freqüentavam a universidade, esses declararam que o fato de serem universitários dá-lhes a sensação de rejuvenescimento; ao se tornarem universitários sentem-se jovens, independente do fator biológico, embora este seja um dado importante no computo geral.

Ao freqüentar a universidade, voltando aos estudos depois de tantos anos, sinto-me renovada, a minha idade não conta, sou da mesma idade que todos os outros que aqui estão, meus ideais e vontades caminham junto com o de todos que freqüentam o meu curso ou ainda outros cursos (Declaração de uma universitária com 40 anos).

Ao combinarmos a variável idade e sexo percebemos que as estudantes do sexo feminino tinham uma frequência maior nas faixas etárias mais jovens, enquanto os homens apresentavam uma frequência maior nas últimas faixas etárias (tabela 2). Ou seja, os homens, deste período, entravam relativamente mais tarde nos cursos universitários.

Tabela 2: Idade de entrada X Sexo do estudante

sexo \ Idade quando entrou	não identificado	masculino	Feminino	
não identificada	2	10	10	22
até 18	1	11	24	36
19 - 25	23	236	280	539
26 - 30	2	63	21	86
31 - 35	2	36	6	44
+ 35	2	23	6	31
Total	32	379	347	758

Ao tabularmos a combinação entre sexo e idade, continuamos a observar a dificuldade em se definir a categoria juventude a partir de faixas etárias determinadas, pois as combinações desta ordem colocam que outros parâmetros devem ser observados para delimitação dos grupos juvenis, como no caso o gênero, entre outros a serem levados em consideração.

No caso desta pesquisa que ora se encontra em consubstanciação é preciso alertar para algumas questões que serão melhor entendidas no próximo capítulo, quando estivermos discutindo as experiências culturais e as práticas de socialização dos atores em estudo. Essas discussões relacionadas ao contexto sociocultural têm colocado, mais recentemente no campo da sociologia da juventude, que a “condição de estudante universitário” amplia a representação cultural acerca da “condição juvenil”, transcendendo as convenções sobre a idéia de juventude enquanto condição biológica, configurando uma situação de prolongamento desta a partir, principalmente, do sentimento de indivíduo que está se preparando para atuar na sociedade.

A construção dessa representação é consubstanciada a partir de práticas e atitudes partilhadas socialmente pelos indivíduos. A natureza dessa explicação ultrapassa também o aspecto estatístico. Como exemplo temos as declarações de atores sociais que vivenciaram essa condição, e que, independente da faixa etária a qual pertencessem tendiam a associar as lembranças desse período como um momento de sua juventude. Somamos a essas atitudes a declaração de uma aluna que estava se formando em 2002 em um dos cursos da Universidade Federal de Sergipe e que deixou claro o significado dessa associação que ora tentamos colocar: “...é agora, estou ficando velha de novo, tenho que voltar outra vez para a universidade”.

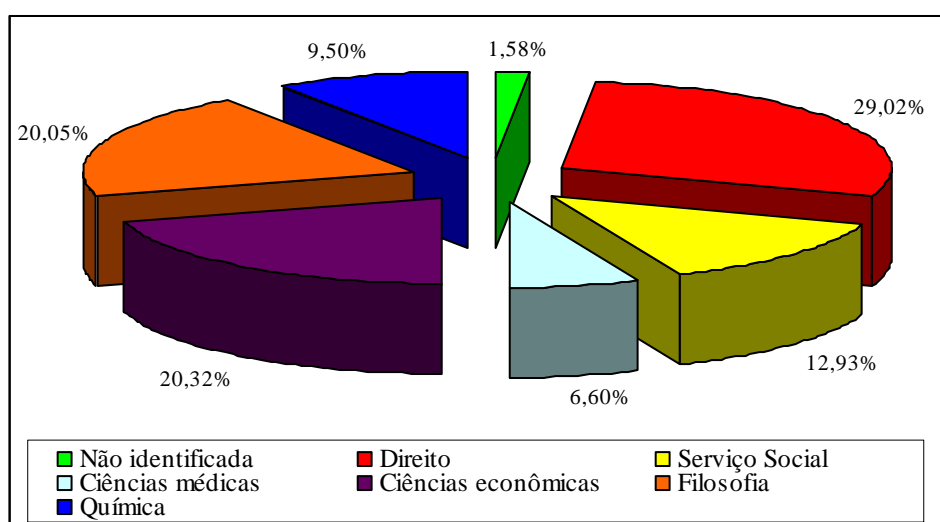
### **2.2.2 Situação dos Estudantes por Faculdade**

Do universo de 758 estudantes pesquisados foi possível identificar em 745 (98,3%) dos casos as faculdades em que eles haviam ingressado (tabela 3). Neste universo, 220 (29,02%) estavam na Faculdade de Direito, 154 (20,32%) na Faculdade de Ciências Econômicas, 152 (20,05%) na Faculdade Católica de Filosofia, 98 (12,93%) na Faculdade Católica de Serviço Social, 72 (9,50%) na Faculdade de Química e 50 (6,60%) na Faculdade de Ciências Médicas (gráfico 2).

Tabela 3: Faculdades Pesquisadas

Faculdade	Percentual	Frequência
Não identificada	1,58	12
Direito	29,02	220
Serviço Social	12,93	98
Ciências médicas	6,60	50
Ciências econômicas	20,32	154
Filosofia	20,05	152
Química	9,50	72
Total	100,00	758

Gráfico 2: Percentual de alunos por faculdade pesquisada



Em torno destes dados foi possível mensurar que o maior percentual de alunos matriculados se encontrava na Faculdade de Direito. Em parte isto se deve ao fato dessa faculdade ter sido a primeira instituição de ensino superior federalizada em Sergipe, o que lhe garantiu recursos suficientes para o seu funcionamento; por outro lado, deve-se também, ao significativo e prestígio social cristalizado no imaginário cultural do país pelo título de Bacharel em Direito, fato que não ocorria nos cursos ofertados pela Faculdade Católica de Filosofia que segundo entrevista com o professor José Silveira Leite Fontes

(entrevistado em 10/08/1998), sofreu muitas dificuldades pela falta de recursos e a pouca procura, pelos alunos, no início da implantação dos seus cursos.

É necessário registrar também a situação da Faculdade de Química que apesar de ter sido uma das primeiras criadas em Sergipe, em 1950, dois anos após a criação da Faculdade de Ciências Econômicas, apresenta, pelos dados coletados, um percentual de matrícula de 9,50%; ficando próximo aos 6,60% da Faculdade de Ciências Médicas que, embora só tenha sido criada em 1961, apresenta um índice de matrícula relativamente alto, ou ainda em ascendência se consideramos que de todas as faculdades pesquisadas esta só registra dados, dos sete anos pesquisados, referentes às matrículas realizadas nos três últimos anos. Um comparativo do percentual de matrícula entre a faculdade de Química com 9,50% e a Faculdade de Economia com 20,32%, reforça o baixo índice na Faculdade de Química.

Em torno da questão as atas do “Centro Acadêmico Antônio Bragança Militão”, formado pelos alunos da Faculdade de Química, um dos mais atuantes politicamente no período em estudo colocaram, por diversas vezes, o problema da aprovação nos vestibulares. A preocupação dos estudantes, em função do não preenchimento das vagas ofertadas por causa do índice de aprovação do vestibular desta faculdade, refletia também a preocupação dos mesmos acerca de uma problemática de âmbito nacional que era a necessidade do preenchimento e ampliação do número de vagas nas instituições de ensino superior no Brasil. A esse respeito no arquivo da Universidade Federal de Sergipe, junto ao qual se localizam as atas do centro Acadêmico mencionado, encontra-se uma série de correspondências expedidas por entidades de representação estudantil de âmbito nacional (UNE), local (UEES) e de entidades representativas de segmentos estudantis como

medicina, química, entre outros, enviados para as faculdades do período, defendendo a necessidade de preencher e ampliar o número de vagas.

### 2.2.3 Situação dos Estudantes por Curso Pesquisado

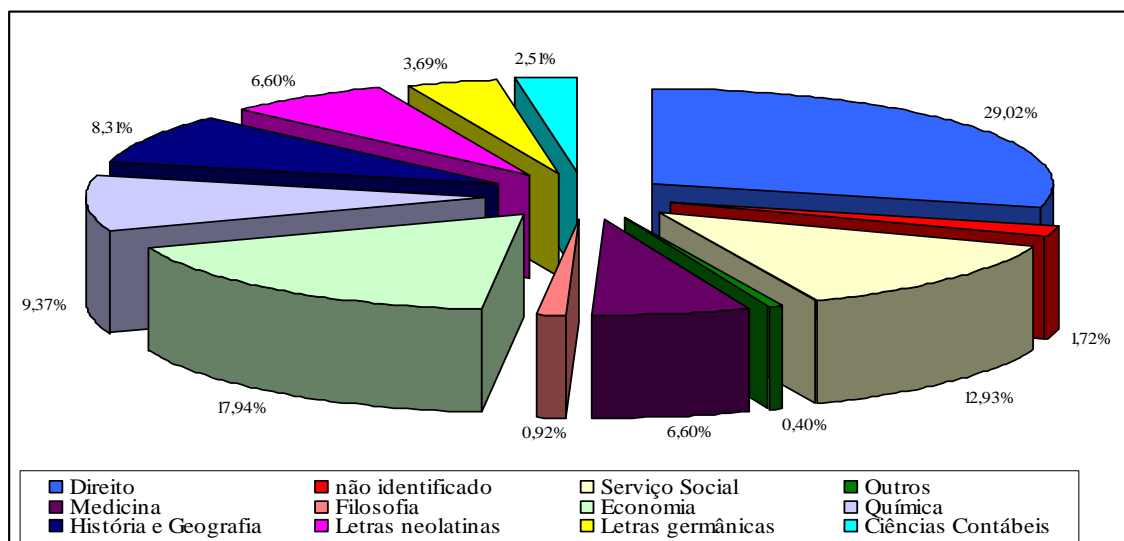
Nesta variável, dos 758 estudantes pesquisados foi possível identificar, em 745 dos casos (98,3%), os cursos escolhidos pelos estudantes. Nesse universo 220 (29,02%) estavam no curso de Direito; 136 (17,94%) em Economia; 19 (2,51%) em Ciências Contábeis; 71 (9,37%) no curso de História e Geografia; 50 (6,60%) no curso de Letras Neolatinas; 28 (3,69%) no curso de Letras Germânicas; 7 (0,92%) no curso de Filosofia; 98 (12,93%) no curso de Serviço Social; 50 (6,60%) em Medicina. E ainda aparecem 3 (0,40%) alunos que, após-64, matricularam-se em outros cursos (tabela 4 e gráfico 3).

Tabela 4: Curso Pesquisado

Curso	Frequência	Percentual
não identificado	13	1,72
Direito	220	29,02
Serviço Social	98	12,93
Medicina	50	6,60
Economia	136	17,94
Filosofia	7	0,92
Química	71	9,37
História e Geografia	63	8,31
Letras neolatinas	50	6,60
Letras germânicas	28	3,69
Ciências Contábeis	19	2,51
Outros	3	0,40
Total	758	100



Gráfico 3: Percentual de alunos por curso pesquisado



As informações desta variável sinalizam que a Faculdade Católica de Filosofia e a Faculdade de Ciências Econômicas eram as únicas a ofertarem, no período em estudo, mais de um curso. Filosofia, Letras Neolatinas, Letras Germânicas e História e Geografia, no caso da primeira; Economia e Ciências Contábeis, no caso da segunda. Essas faculdades estão entre as três com maior número de matrícula de estudantes: 20,05% e 20,32% respectivamente, perdendo em número de estudantes apenas para a Faculdade de Direito que possuía 29,02% de matrícula no universo dos estudantes pesquisados.

A respeito do índice de matrículas da Faculdade de Direito devem ser consideradas duas questões: o fato de a instituição ter sido a primeira a ser mantida com recursos federais, e o fato do curso por ela ofertado ser um dos mais valorizados no período. Dessa forma, a soma da maior quantidade de recursos por um lado, o que permitia à faculdade se estruturar melhor, e a demanda pelo curso que ela ofertava por outro, são fatores que provavelmente contribuíram para a configuração do percentual de suas matrículas.

A Faculdade de Direito não era apenas a que ofertava e que tinha o maior número de estudantes matriculados entre as faculdades isoladas do período em Aracaju. Essa instituição usufruía um relativo prestígio intelectual como centro de fomentação cultural, sobretudo nos anos 50. A fomentação cultural pode ser apreciada em dois periódicos relacionados à Faculdade de Direito: o jornal “ACADEMOS” e a “Revista da Faculdade de Direito de Sergipe”. O primeiro relacionado ao “Centro Acadêmico de Direito Silvio Romero” e o segundo, à própria faculdade. Em ambos está presente a preocupação com os debates jurídicos, sociais e culturais da sociedade. A partir dos anos 60 essa posição, gradualmente, vai sendo dividida com as outras faculdades, na medida em que elas foram se estruturando.

#### 2.2.4 Distribuição de universitários por Sexo

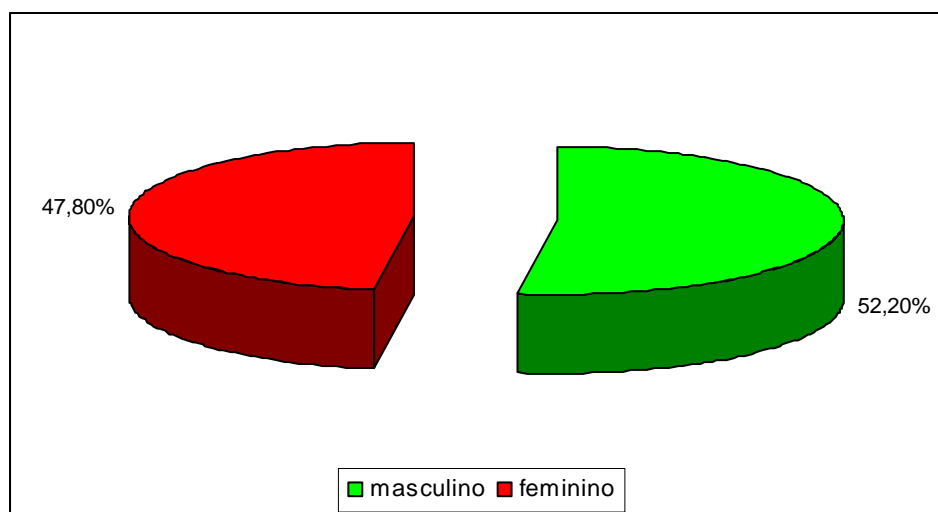
Em relação ao sexo pesquisado foi possível identificar, através dos registros de nascimento, casamento e declarações ou requerimentos, o sexo de 726 estudantes, o que corresponde a 95,85% do universo pesquisado (tabela 5).

Tabela 5: Distribuição dos universitários por sexo

Sexo	Frequência	Percentual
não identificado	32	4,22
masculino	379	50,00
Feminino	347	45,78
Total	758	100,00

Considerando o universo de estudantes identificados em relação ao sexo temos uma proporção de 52,2% de homens e 47,8% de mulheres (gráfico 4).

Gráfico 4: Estudantes identificados por sexo



Esses resultados demonstram que há uma certa homogeneidade com relação ao sexo dos estudantes, haja vista que a diferença entre um gênero e outro é de apenas 4,40%, levando-se em consideração os números de estudantes identificados, sendo a quantidade de estudantes do sexo masculino um pouco maior que a de estudantes do sexo feminino. Resultados que contrastam com as representações idealizadas para a juventude contemporânea, uma imagem masculina como problematizada Levi e Schmit (1996).

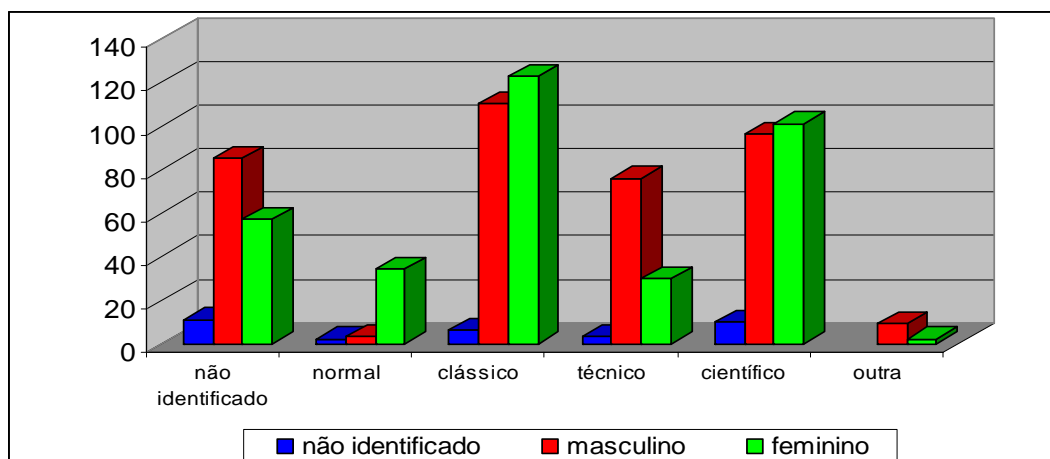
Associando à variável sexo a variável tipo de curso de formação anterior ao ingresso nas faculdades, observamos que as mulheres eram maioria entre os que haviam estudado os cursos Normal, Clássico e Científico, enquanto os homens só representavam maioria em relação ao curso Técnico (tabela 6).

Tabela 6: Formação anterior X Sexo

Curso do Aluno \ Sexo	não identificado	Masculino	Feminino	Total
Não identificado	11	85	57	153
Normal	2	3	34	39
Clássico	6	110	123	239
Técnico	3	76	30	109
Científico	10	96	101	207
Outra		9	2	11
Total	32	379	347	758

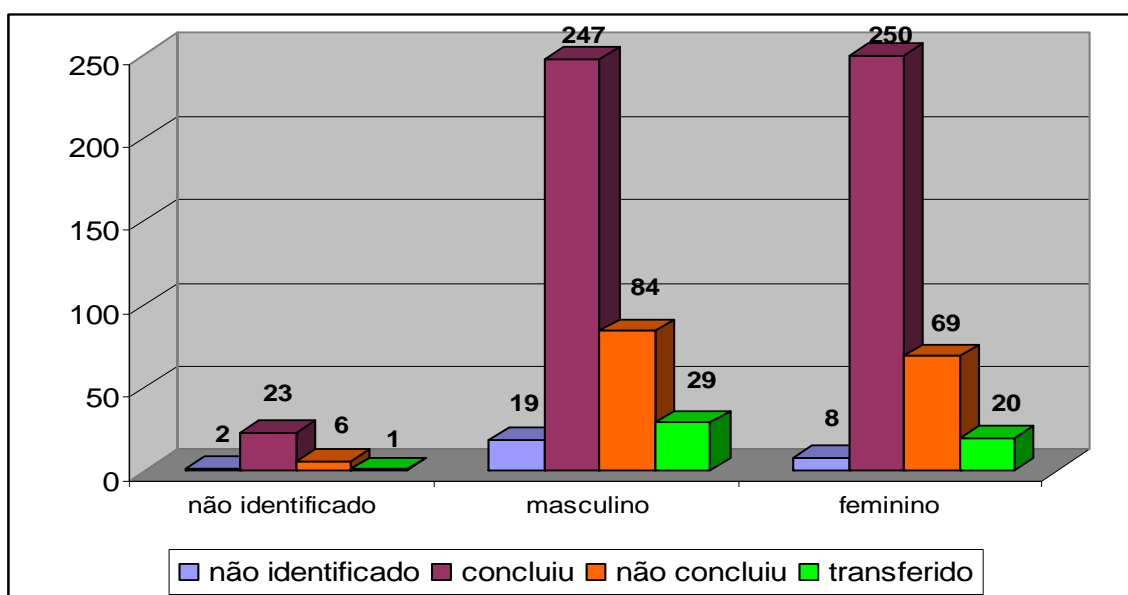
O predomínio de homens entre os universitários que haviam feito curso Técnico anteriormente, em parte pode ser explicado porque esses cursos que *a priori* não visam à entrada em cursos superiores e sim ao encaminhamento para uma área específica de trabalho, parece ter representado, para estes o caminho mais rápido para sua inserção no mercado de trabalho (gráfico 5).

Gráfico 5: Curso secundário dos alunos X Sexo



A confirmação dessa hipótese pode ser um fator explicativo para que os alunos do sexo masculino, apesar de representarem uma ligeira maioria na situação de entrada do curso, invertam essa relação em favor das mulheres quanto à situação de conclusão, como percebemos no gráfico 6.

Gráfico 6: Sexo X Situação de Conclusão



Em relação a cruzamento da variável sexo com a variável situação de conclusão, o percentual de estudantes do sexo feminino que se forma é de 50,3%, enquanto que o percentual de estudantes do sexo masculino é de 47,3%. Embora tal diferença seja pequena ela torna a se repetir quando a variável é abandono do curso, situação na qual as mulheres perfazem 45,10% e os homens 54,90%. Verificamos assim que neste período, as mulheres, apesar de não se configurarem como maioria na universidade (347 mulheres e 379 homens do total identificável no universo por nós pesquisado), lideram no que se relaciona a chegarem ao final dos cursos por elas escolhidos, ou seja, os homens são maioria nos cursos mas não são a maioria no que se relaciona ao item conclusão dos mesmos.

O equilíbrio aparente entre universitários homens e mulheres é quebrado quando realizamos a análise entre as variáveis sexo e curso escolhido, o que nos remete a uma maior diferenciação entre os dois gêneros no que diz respeito à identificação com as áreas escolhidas, configurando uma imagem ainda mais específica dos estudantes universitários no período em estudo a partir do sexo (tabela 7).

Tabela 7: Curso Pesquisado X Sexo

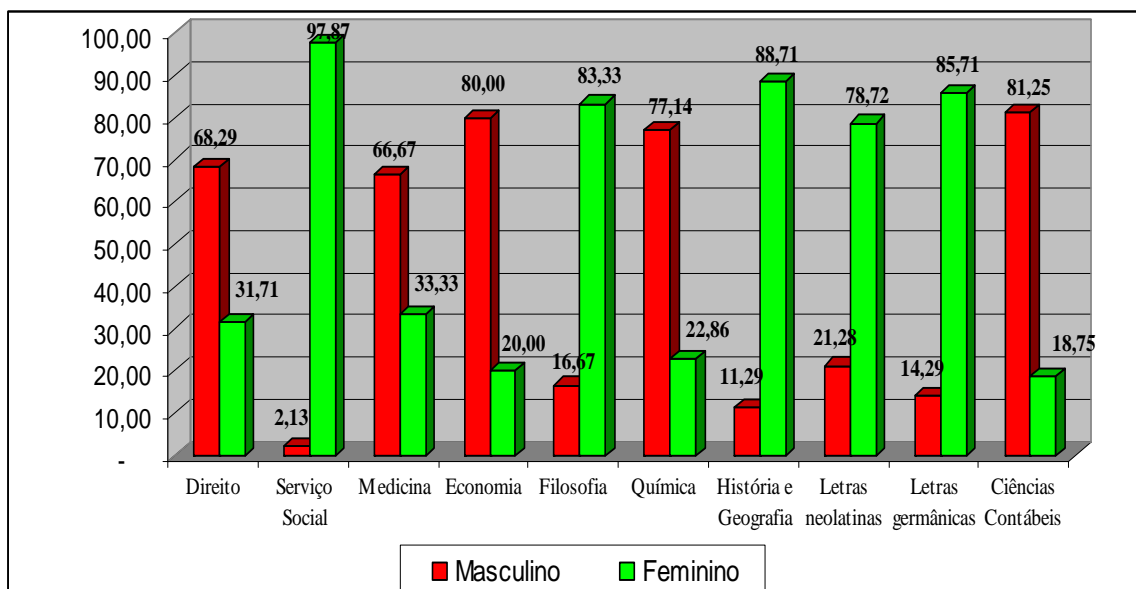
Sexo Curso	não identificado	masculino	Feminino	Total
não identificado		7	6	13
Direito	15	140	65	220
Serviço Social	4	2	92	98
Medicina	2	32	16	50
Economia	1	108	27	136
Filosofia	1	1	5	7
Química	1	54	16	71
História e Geografia	1	7	55	63
Letras neolatinas	3	10	37	50
Letras germânicas		4	24	28
Ciências Contábeis	3	13	3	19
Outros	1	1	1	3
Total	32	379	347	758

Esses dados demonstram que estudantes do sexo feminino estavam presentes em todos os cursos. Entretanto, nos cursos de licenciatura: História e Geografia (88,71% de mulheres e 11,29% de homens), Letras Neolatinas (78,72% de mulheres e 21,28% de homens), Letras Germânicas (85,71% de mulheres e 14,29% de homens), Filosofia (83,33% de mulheres e 16,67 de homens) ofertados pela Faculdade Católica de Filosofia, e no de Serviço Social (97,87% de mulheres e 2,13% de homens) ofertado pela Faculdade Católica de Serviço Social. Nesses se observa uma grande concentração de estudantes do sexo feminino. Uma explicação possível para essa concentração é o fato dos cursos de

licenciaturas na área das humanidades e de serviço social no período estudado serem associados como profissões de domínio feminino e também à baixa remuneração e à dissociação desses aos títulos de doutores e ou bacharéis, fatores que parecem não despertar o interesse dos estudantes do sexo masculino.

Em contrapartida os cursos de: Química (77,14% de homens e 22,86% de mulheres), Economia (80% de homens e 20% de mulheres) e Ciências Contábeis (81,25% de homens e 18,75% de mulheres) apresentavam os percentuais mais altos em relação à matrícula de estudantes do sexo masculino. No caso, a imagem desses cursos estava associada às áreas administrativas: Economia e Ciências Contábeis, e Industrial e Mineralógica como o caso do curso de Química. Tais associações representavam, para os estudantes daquele período, profissões e áreas de atuação com prestígio e rentabilidade em uma sociedade que vivia às voltas com os debates do nacional desenvolvimentismo. Nos cursos de Medicina (66,67% de homens e 33,33% de mulheres) e Direito (68,29% de homens e 31,71% de mulheres); embora ocorra um maior equilíbrio na distribuição percentual ainda observamos uma tendência bastante acentuada com relação ao sexo masculino. Números que podem ser entendidos em parte pela valorização destes cursos pela sociedade, inclusive pelas mulheres, e que revelam uma relativa procura por vagas, acirrando, de modo mais sistemático, a concorrência nessas áreas (gráfico 7).

Gráfico 7: Comparativo entre homens e mulheres por curso



### 2.2.5 Distribuição por estado civil

Em relação ao estado civil dos estudantes pesquisados foi possível identificar, através dos registros de nascimento, casamento e declarações ou requerimentos a situação civil de 504 estudantes, o que corresponde a 66,5 % do universo pesquisado (tabela 8).

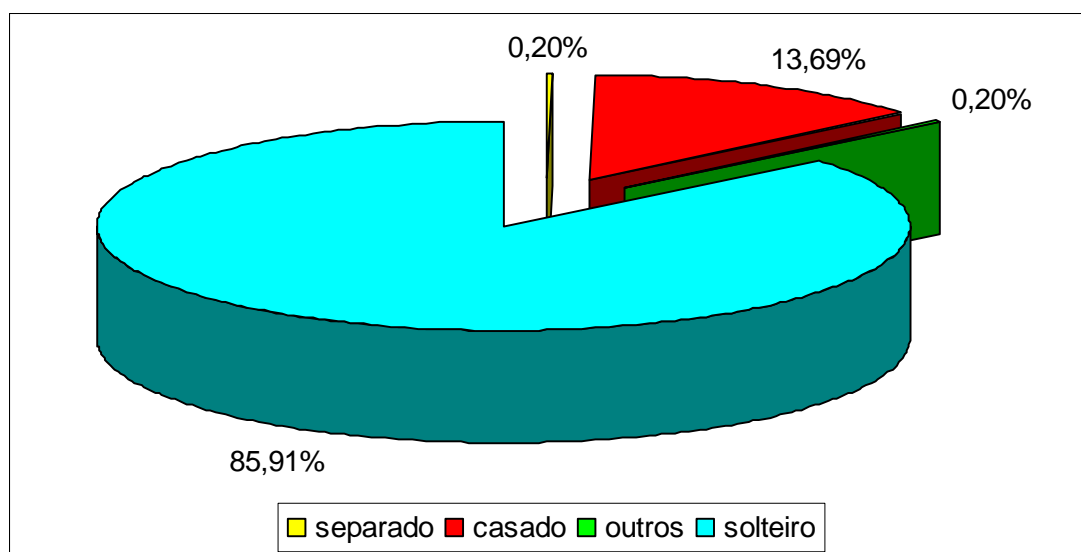
Tabela 8: Sexo X Estado Civil

Estado Civil \ Sexo	não identificado	Solteiro	casado	separado	outros	Total
não identificado	18	13	1			32
masculino	143	214	22			379
feminino	93	206	46	1	1	347
Total	254	433	69	1	1	758



Considerando os dados identificados temos os seguintes percentuais: solteiros 85,91%, casados 13,69%, separados 0,20% e outros 0,20%. Esses percentuais indicam que a maior frequência de estudantes em relação ao estado civil é de solteiros (gráfico 8).

Gráfico 8: Situação civil dos alunos identificados

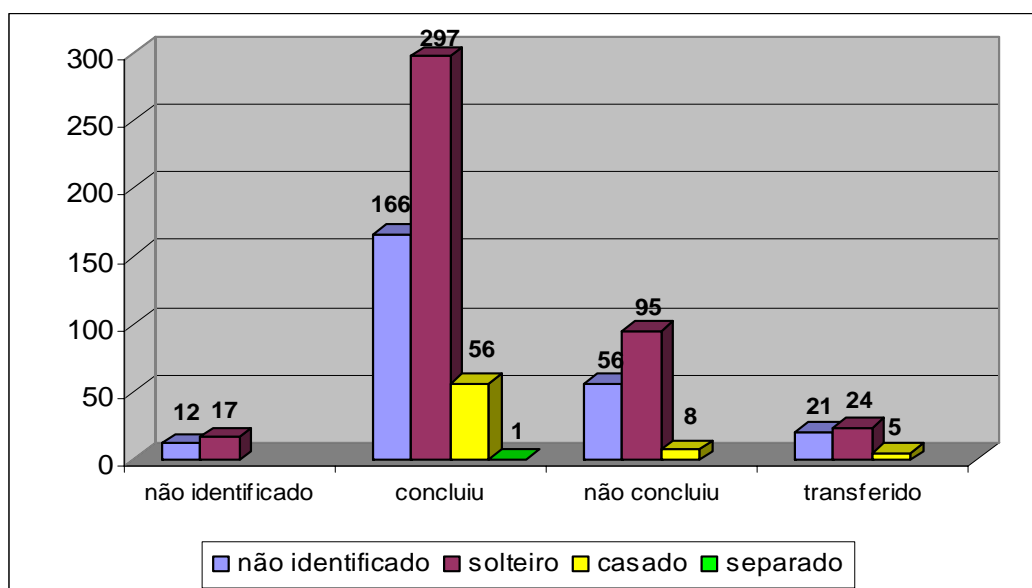


Ao relacionarmos esses dados ao índice de conclusão dos cursos alcançados pelos alunos, observamos que os casados concluem mais que os solteiros. Do universo pesquisado 71,39% concluem o curso enquanto que entre os casados o percentual é de 81,16%. Ao desviarmos a variante para o índice de mulheres e homens, o percentual de mulheres casadas que cursavam uma faculdade neste período era de 67,65%, superior ao de homens que era de 32,35% (tabela 9, gráfico 9).

Tabela 9: Comparativo ente estado civil X situação de conclusão

Estado civil	<b>Situação de conclusão</b>						Total
	Concluiu		não concluiu		transferido		
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	
Solteiro	297	71,39	95	22,84	24	5,77	416
Casado	56	81,16	8	11,59	5	7,25	69
Separado	1	100,00	0		0		1
Total	354		103		29		

Gráfico 9: Comparativo entre estado civil e situação de conclusão



### 2.2.6 Situação por naturalidade

Em relação à naturalidade dos universitários pesquisados no período supra mencionado foi possível identificar 720 (95%) dos estudantes assim distribuídos: 73,6% do

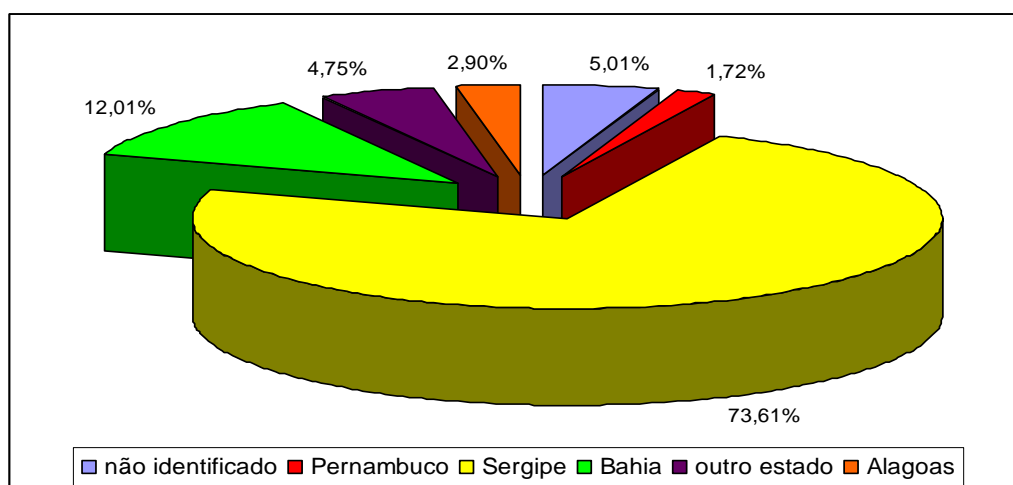
Estado de Sergipe; 12% da Bahia; 2,9% do Estado de Alagoas; 1,7% de Pernambuco e 4,7% de outros Estados (tabela 10).

Tabela 10: Distribuição dos estudantes por Estado de origem

Estado de origem	Percentual	Frequência
não identificado	5,01	38
Pernambuco	1,72	13
Sergipe	73,61	558
Bahia	12,01	91
Outros Estados	4,75	36
Alagoas	2,90	22
Total	100,00	758

A partir destes dados é possível mensurar que as faculdades isoladas de Sergipe eram freqüentadas predominantemente por sergipanos. Uma segunda questão que nos chama a atenção é a existência de um número relativo de estudantes vindos de outros Estados; 21,3%. E destes, 12% vindos da Bahia além da presença de alagoanos, pernambucanos entre outros (gráfico 10).

Gráfico 10: Distribuição dos estudantes por Estado de origem



A presença de baianos, alagoanos e pernambucanos em parte deve-se ao fato destes Estados fazerem fronteira com Sergipe e, neste sentido, é freqüente que populações de municípios localizados próximos ao território sergipano, se sirvam da estrutura de serviços do mesmo.

Outro dado relevante é o fato de que, muitas vezes, os municípios fronteiriços estão mais próximos do centro cultural sergipano que dos seus próprios Estados. Isto se deve, principalmente, ao fato de que Sergipe possui dimensões menores que os seus vizinhos, relativizando a questão da distância. As vias de acesso para as faculdades então disponíveis também se configuraram como um dado a ser considerado para o deslocamento dos estudantes das cidades circunvizinhas.

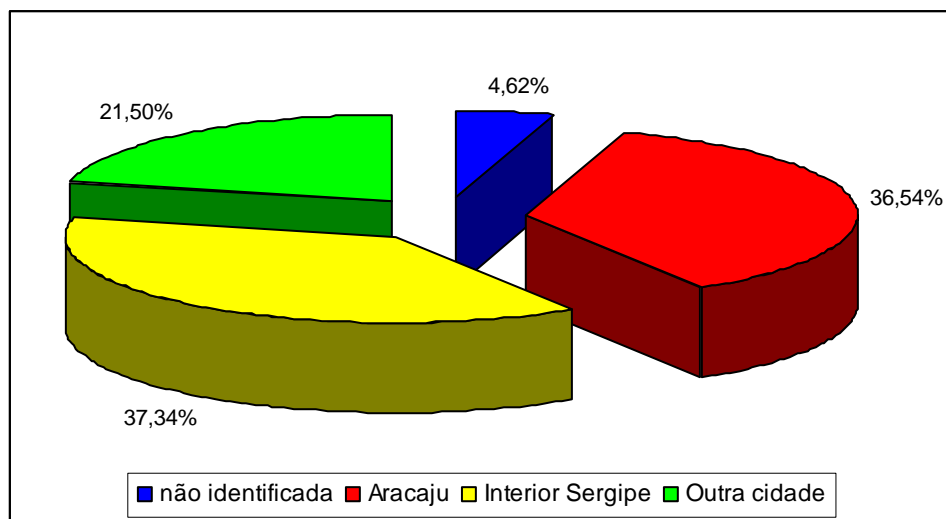
### **2.2.7 Situação por cidade de origem**

Quanto à situação da cidade de origem foram identificadas a situação de 723 estudantes, o que corresponde a 95,4 % do universo pesquisado. Em torno desse universo obteve-se o percentual de 36,54% de nascidos em Aracaju; 37,34% que nasceram em outras cidades de Sergipe e 21,50% que nasceram em cidades de outros Estados (tabela 11, gráfico 11).

Tabela 11: Cidade de origem

Cidade de origem	Percentual	Frequência
não identificada	4,62	35
Aracaju	36,54	277
Interior Sergipe	37,34	283
Outra cidade	21,50	163
Total	100,00	758

Gráfico 11: Cidade de origem



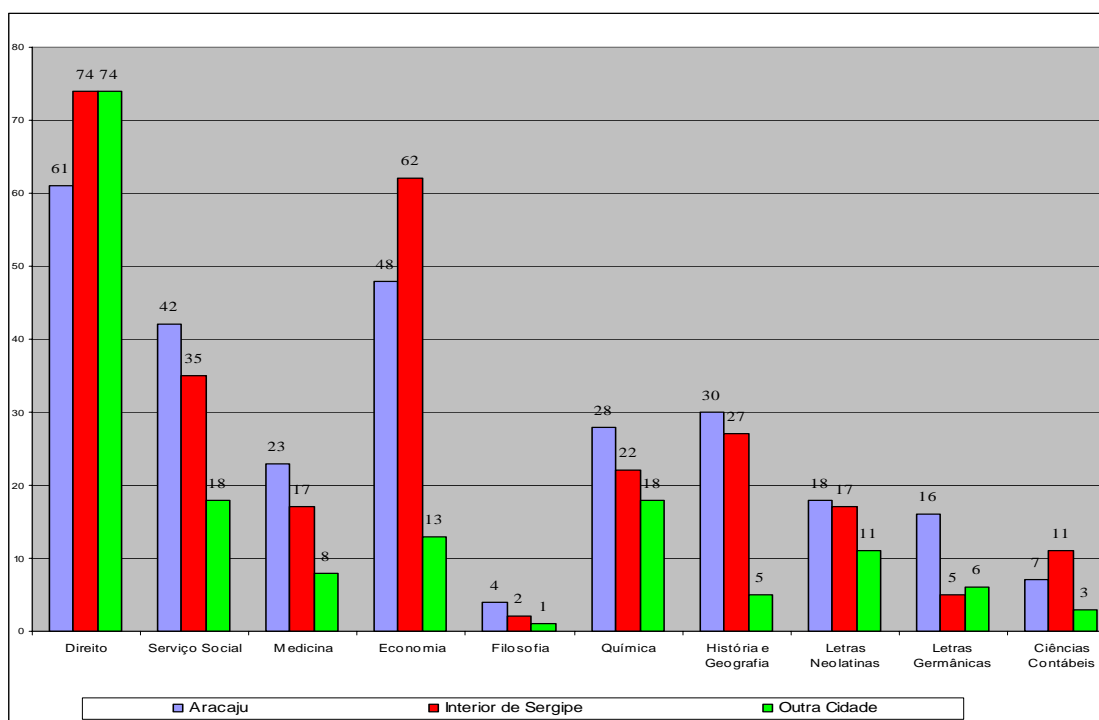
A combinação de dados relativos às variáveis referentes à cidade de origem e situação por naturalidade nos encaminhou para uma observação de que as faculdades de Sergipe eram essencialmente freqüentadas por sergipanos, pois a maioria absoluta de seus alunos, 73,8% nasceram no Estado.

A análise dos dados permite, ainda, demonstrar a forte presença de estudantes vindos de cidades interioranas do Estado de Sergipe (37,34%); percentual um pouco superior ao da capital (36,54%). Essa informação configura duas ordens de reflexões: na primeira é possível questionar a imagem de que a juventude estudantil em Sergipe seja marcadamente urbana. O que se pode inferir é que há uma tendência à homogeneidade, haja vista que a diferença entre o percentual de estudantes vindos do interior e os da capital do Estado é de apenas 0,8%, com uma tendência maior para outras cidades do Estado. Estas cidades, convencionalmente denominadas cidades do interior apresentam, segundo

censos do IBGE<sup>6</sup> nas décadas de 1970, 1980 um predomínio de moradores na zona rural. Recentemente a elaboração de alguns trabalhos sobre a urbanização de cidades do interior do Estado aponta que o enquadramento dos municípios sergipanos, dentro de uma disciplina urbana, tem demorado a se configurar, vindo a apresentar contornos mais explícitos a partir dos anos 80 (Barbosa, 2002; Andrade, 2002; Santos 2002).

A segunda questão que esses dados permitem inferir é a expressiva demanda de estudantes de outras cidades do Estado em torno da obtenção de um curso universitário. Quando correlacionamos essa tendência ao curso realizado percebemos que é uma constante que se repete em todos eles, sendo que em alguns casos a quantidade de estudantes vindos do interior supera os que vêm da capital do Estado (gráfico 12).

Gráfico 12: Curso versus Cidade de Origem



<sup>6</sup> Os censos populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) só começam a registrar com mais frequência a distinção entre população urbana e população rural dos municípios a partir de 1970.

O traslado dessas populações para a capital coaduna com os registros históricos de que só as elites locais tinham condições de enviar os seus filhos para estudarem fora do Brasil ou nos centros culturais então existentes no país, pois continua sendo os filhos dos mais abastados aqueles que têm condições para se manter como estudantes na capital devido, principalmente, aos custos com hospedagem, seja em pensionatos ou em casa de parentes, alimentação e compra do material escolar. Os altos custos para manter os filhos na capital, aliados ao número reduzido de vagas nos cursos superiores serviam, como ainda servem até à atualidade, como objeto de segregação da classe menos privilegiada. Os cursos que contam com maior número de estudantes vindos do interior são os de Direito, Economia e Ciências Contábeis, sendo que nos restantes há uma maior inclinação para os estudantes da capital, com exceção do curso de Letras Germânicas, cujo contingente de alunos da capital se sobrepõe de forma bastante acentuada em relação aos vindos das demais localidades.

Essa demanda da população das demais cidades do Estado por cursos universitários tem crescido nos últimos anos, apesar da lenta inserção de faculdades nestas cidades; exceção dos pólos de educação do Projeto de Qualificação Docente (PQD), mantidos pelo Governo de Estado em parceria com a Universidade Federal de Sergipe instalados nas cidades de Estância, Lagarto, Itabaiana, Nossa Senhora da Glória e Propriá e de algumas experiências associadas ao ensino privado da Universidade Tiradentes, da Universidade do Vale do Acarú e da Faculdade Pio Décimo.

---

### 2.2.8 Distribuição dos alunos quanto ao domicílio

Ao analisarmos a variável relativa à situação de origem observamos que um número substancial de estudantes são oriundos do interior do Estado e ainda de outros Estados. Devido a este fato, muitos dos estudantes parecem ter fixado suas residências em pensionatos localizados no centro de Aracaju, além daqueles que, não dispendo de moradia, alojavam-se na casa do estudante administrada pela UEES com recursos que vinham do poder público e eram geridos pelos próprios estudantes, como podemos constatar através da fala de uma de nossas entrevistadas.

Aqui a UEES tinha uma casa, em cima da casa Ávila, na rua São Cristóvão, para os estudantes que vinham do interior, havia uma preocupação com estes estudantes. (...) A gente recebia uma verba federal, éramos nós que tomávamos conta (entrevista realizada em 04/08/98).

É mister observarmos que as discussões do movimento estudantil universitário em torno da existência da Casa do Estudante e de residências próximas ao centro da cidade onde, normalmente se estabeleciam os alunos vindos de outras cidades, era muito acirrada, pois destas dependia a permanência de diversos estudantes vindos dos municípios sergipanos e mesmo de outros Estados. Além destas alternativas é preciso considerar, também, o fato de algumas dessas pessoas já terem fixado residência em Aracaju por outros motivos, mesmos antes de ingressarem nas faculdades, assim como se hospedarem nas casas de familiares e amigos.

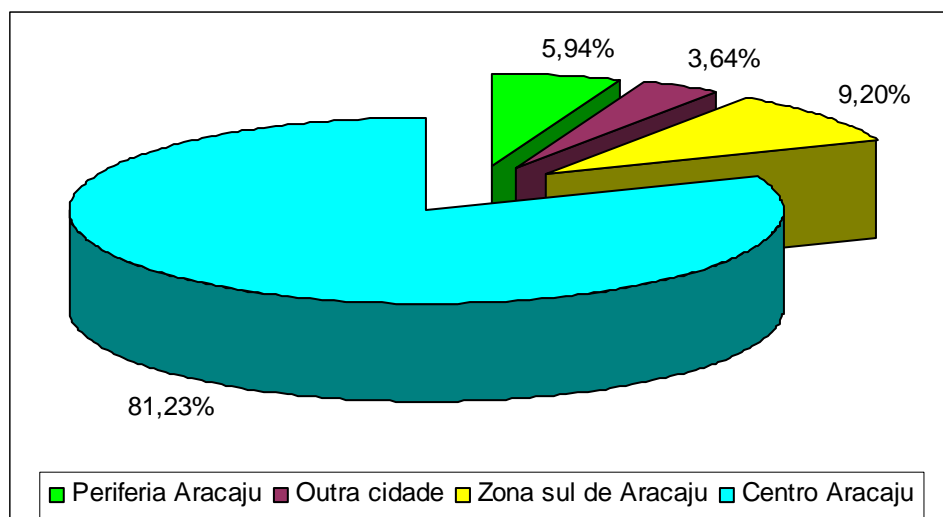
Com relação a essa variável foi possível identificar a situação domiciliar de 522 estudantes, o que corresponde a 68,87% dos que indicaram o local em que residiam. Dentro deste universo 96,36% em Aracaju, distribuindo-se em: 81,23% no centro de



Aracaju; 9,20% residentes na zona sul da cidade e 5,94% com domicílio na periferia.

Apenas 3,64% do total identificado residiam em outras cidades (gráfico 13).

Gráfico 13: Distribuição dos estudantes por domicílio



Com relação a essa vertente observamos que o centro de Aracaju era também o local onde se concentravam as faculdades isoladas e os pontos culturais do período, a exemplo do Cacique Chá, Soverteria Iara, Teatro Atheneu e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Era no centro onde se realizavam os eventos culturais do período. Os cinemas, as Livrarias Regina e Nascimento, a Rua João Pessoa, entre outros espaços culturais, eram os “pontos da moda” na então Aracaju dos anos 60. Além disso, no centro da capital se localizavam os pensionatos que recebiam os alunos vindos do interior e que, portanto passavam a residir nestes estabelecimentos durante o período de estada na faculdade. Ainda é no centro da então Aracaju dos anos 60 que residiam a classe média e alta do município, cujos casarões formavam um belo complexo residencial, muitas vezes próximo dos seus próprios empreendimentos, ainda que esses também possuíssem

residências em alguma cidade do interior sergipano. Esses fatos, *grosso modo*, sobretudo fugindo do aspecto sectarista, ainda que não comprovem a classe social dos estudantes do período contribuem sobremaneira para traçarmos um perfil dos mesmos.

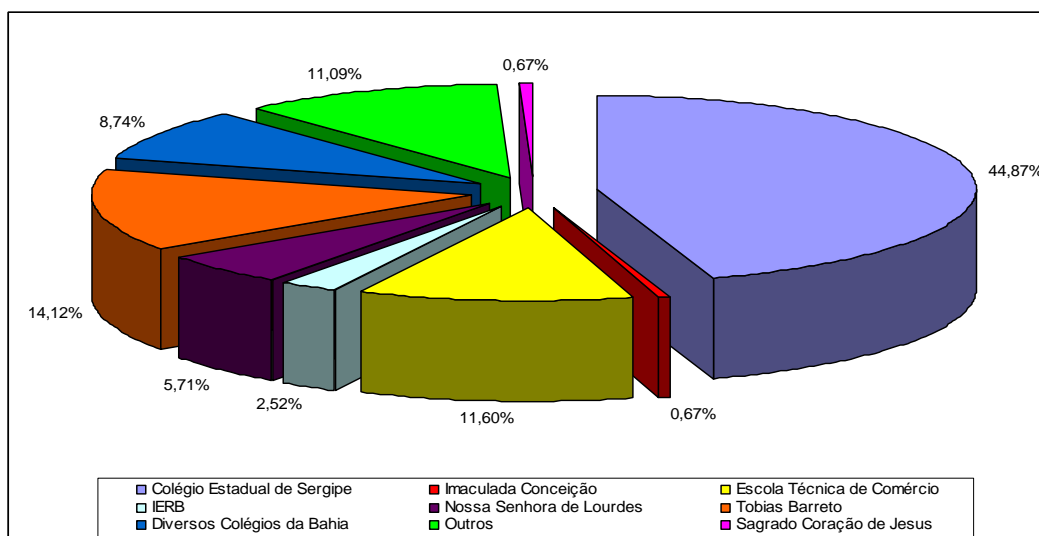
### 2.2.9 Distribuição dos alunos em relação a sua formação secundária

Em relação ao colégio estudado 78,5% foram identificados. Considerando o universo identificado 44,87% dos estudantes universitários do período eram oriundos do Colégio Estadual de Sergipe; da Escola Técnica de Comércio vieram 11,60%; do Tobias Barreto 14,12%; do Colégio Nossa Senhora de Lourdes 5,71%; do Instituto Educacional Rui Barbosa (IERB), mais conhecido como Escola Normal, vieram 2,52%, e de diversos colégios da Bahia 8,74%, sendo estes os colégios de maior contribuição para o total de estudantes que chegaram às faculdades isoladas no período em estudo (tabela 12, gráfico 14).

Tabela 12: Escola da formação secundária

Escolas	Percentual	Frequência
Colégio Estadual de Sergipe	44,87	267
Imaculada Conceição	0,67	4
Escola Técnica de Comércio	11,60	69
IERB	2,52	15
Nossa Senhora de Lourdes	5,71	34
Tobias Barreto	14,12	84
Diversos Colégios da Bahia	8,74	52
Outros	11,09	66
Sagrado Coração de Jesus	0,67	4
Total	100,00	595

Gráfico 14: Distribuição dos estudantes por escola estudada



Considerando esses dados observa-se que o Colégio Estadual de Sergipe – na atualidade Atheneu Sergipense – foi a escola que mais formou estudantes para os cursos universitários do início dos anos 60. Esse estabelecimento de ensino configurou-se, no período, como ponto de referência para o ensino público. O fato de um número significativo de estudantes terem sido provenientes deste estabelecimento indica um grau de convivência anterior de uma parte dos estudantes das faculdades isoladas de Sergipe.

Ao fazermos a combinação entre curso de ingresso e escola de formação anterior conseguimos identificar essa relação em 595 dos casos. Dentro do universo pesquisado observou-se que os universitários que haviam estudado no Colégio Estadual de Sergipe, escola pública, eram maioria nos cursos de Direito, Serviço Social, Medicina, Química, História e Geografia, Letras Neolatinas, Letras Germânicas e Ciências Contábeis. Estavam na mesma proporção com outras escolas no curso de Filosofia, e muito próximo da frequência de alunos de outras escolas no curso de Economia. Em relação aos estudantes

vindos de instituições de ensino de outros Estados, nota-se que eles estavam concentrados no curso de Direito, mapeamento que teremos na tabela 13.

Tabela 13: Curso Pesquisado X Escola

Curso \ Escola	não identificado	Direito	Serviço Social	Medicina	Economia	Filosofia	Química	História e Geografia	Letras neolatinas	Letras germânicas	Ciências Contábeis	Outros	Total
não identificada	2	61	17	7	28	3	7	15	13	6	4		163
Colégio Estadual de Sergipe	7	57	50	27	26	3	35	31	11	13	7		267
Escola Técnica de Comércio	3	19	2		36			3	2	2	2		69
Tobias Barreto	1	23	1	7	30		8	3	7	1	2	1	84
IERB			7					2	5		1		15
Nossa Senhora de Lourdes		5	12	2			1	6	3	4		1	34
Imaculada Conceição			2		1				1				4
Sagrado Coração de Jesus			2			1			1				4
Diversos Colégios da Bahia		26	1	1	6		14		1	1	2		52
Outros		29	4	6	9		6	3	6	1	1	1	66
Total	13	220	98	50	136	7	71	63	50	28	19	3	758

### 2.2.10 Situação em relação a cor da pele

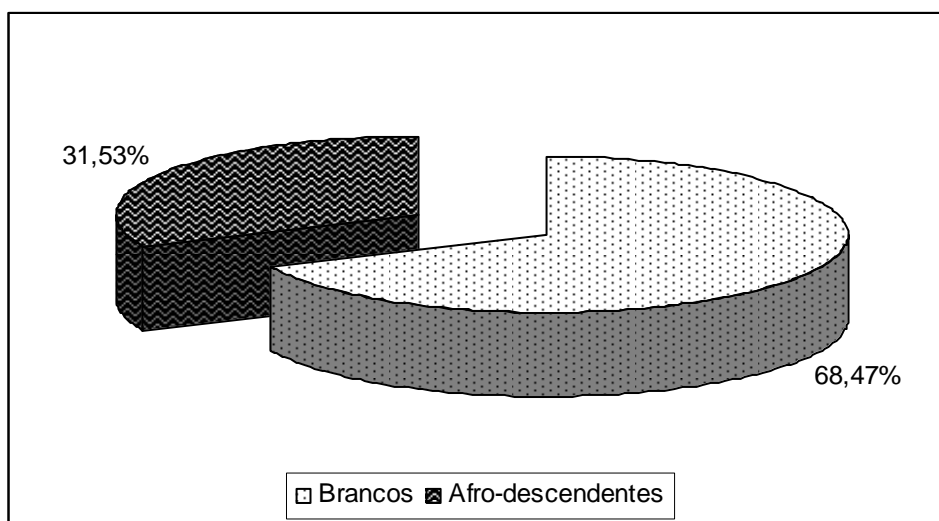
Em relação a cor da pele a documentação pesquisada nos possibilitou identificar 558 estudantes, o que corresponde a 73,7% do total do universo pesquisado. Considerando os estudantes identificados temos os seguintes dados: 50,1% brancos; 2,9% pardos; 20,1% morenos; 0,1% negros e 0,4% outras. Estas frequências indicam que entre os estudantes identificados nos documentos em relação à cor da pele ocorria um predomínio dos brancos sobre os demais (tabela 14).

Tabela 14: Distribuição dos estudantes por cor da pele registrada nos documentos

Cor da pele	Frequência	Percentual
não identificada	200	26,4
Branca	380	50,1
Parda	22	2,9
Morena	152	20,1
Negra	1	0,1
Outra	3	0,4
Total	758	100,00

Em uma outra simulação, ao incluirmos em uma mesma categoria todos os estudantes que não foram identificados como brancos e por nós denominada como afro-descendentes, tendo considerado apenas o universo de estudantes identificados nos documentos em relação à cor da pele, temos 68,47 % de brancos e 31,53% de afro-descendentes (gráfico 15).

Gráfico 15: Distribuição dos estudantes identificados em relação a cor da pele (registrada nos documentos)



Este trabalho não tem, *a priori*, a intenção de defender um sistema de cotas baseado na cor da pele, apesar de reconhecermos a necessidade de mecanismos que garantam o acesso democrático ao ensino superior. É preciso, contudo, que se discuta essa questão com maior profundidade, inclusive levando em consideração questões como a situação social além da cor da pele.

Considerando o universo identificado combinamos a variável cor da pele com a variável curso pesquisado e obtivemos que os cursos com maior percentual declarado de brancos foram os de Filosofia (80%), seguido pelo de Letras Germânicas (79,17%). Com relação à cor parda o maior número de alunos identificados foram dos cursos de Ciências Contábeis (9,09%) e de Economia (6,36%); a cor morena foi mais identificada entre os alunos do curso de Ciências Contábeis (54,55%), sendo o curso de Economia (32,73%) o segundo maior índice desta variável. Os negros são minoria absoluta, constando apenas um caso identificado no curso de Direito, perfazendo 0,75% de alunos matriculados naquele curso (tabela 15).

Tabela 15: Combinação da variável cor da pele X curso escolhido

Curso	Branca		parda		Morena		Negra		Total
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
Direito	98	73,68	3	2,26	31	23,31	1	0,75	133
Serviço Social	53	74,65	1	1,41	17	23,94			71
Medicina	27	65,85	2	4,88	12	29,27			41
Economia	67	60,91	7	6,36	36	32,73			110
Filosofia	4	80,00			1	20,00			5
Química	48	75,00	2	3,13	14	21,88			64
História e Geografia	29	61,70	2	4,26	16	34,04			47
Letras neolatinas	25	62,50	3	7,50	12	30,00			40
Letras germânicas	19	79,17	1	4,17	4	16,67			24
Ciências Contábeis	4	36,36	1	9,09	6	54,55			11
Total	374		22		149		1		546

No que se refere à situação de conclusão analisada a partir dessa mesma variável, observou-se que o único caso de estudante negro identificado não concluiu o curso nesta instituição, tendo sido transferido. Do total de brancos identificados, 75,27% concluíram. Concluíram ainda 80,95% de pardos, configurando-se como o maior índice de conclusão nesta variável, e 70,55% de morenos. O maior percentual de não conclusão foi observado entre os de cor morena (25,34%), seguidos por brancos (20,05%) e pardos (9,52%). Com exceção dos negros a relação de maior índice de transferência verificado ocorreu entre os pardos (9,52%). Os dados da frequência e percentuais desta variável podem ser observados na tabela 16.



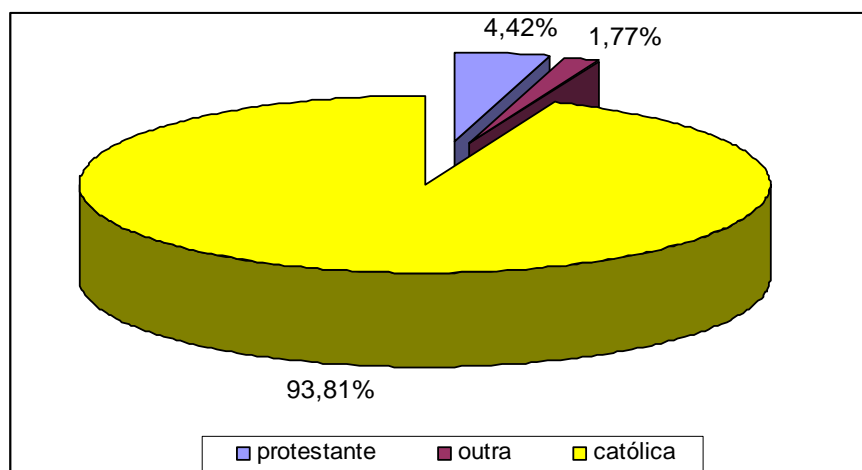
Tabela 16: Combinação cor da pele X situação de conclusão

Cor da pele	Concluiu		Não concluiu		Transferido		Total
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	
Branca	274	75,27	73	20,05	17	4,67	364
Parda	17	80,95	2	9,52	2	9,52	21
Morena	103	70,55	37	25,34	6	4,11	146
Negra	0	-	0	-	1	100,00	1
Total	394		112		26		532

### 2.2.11. Distribuição dos estudantes quanto à Religião

Com relação a essa variável no total de casos pesquisados foi identificado 15% dos casos de opção religiosa nos registros documentais, correspondendo a um total de 113 estudantes do universo de 758. Em torno do universo de casos identificados obteve-se os seguintes percentuais: 93,81% de católicos; 4,42% de protestantes e 1,77% de outras religiões. Estes números revelam, com maior frequência, a presença de estudantes identificados como católicos (gráfico 16).

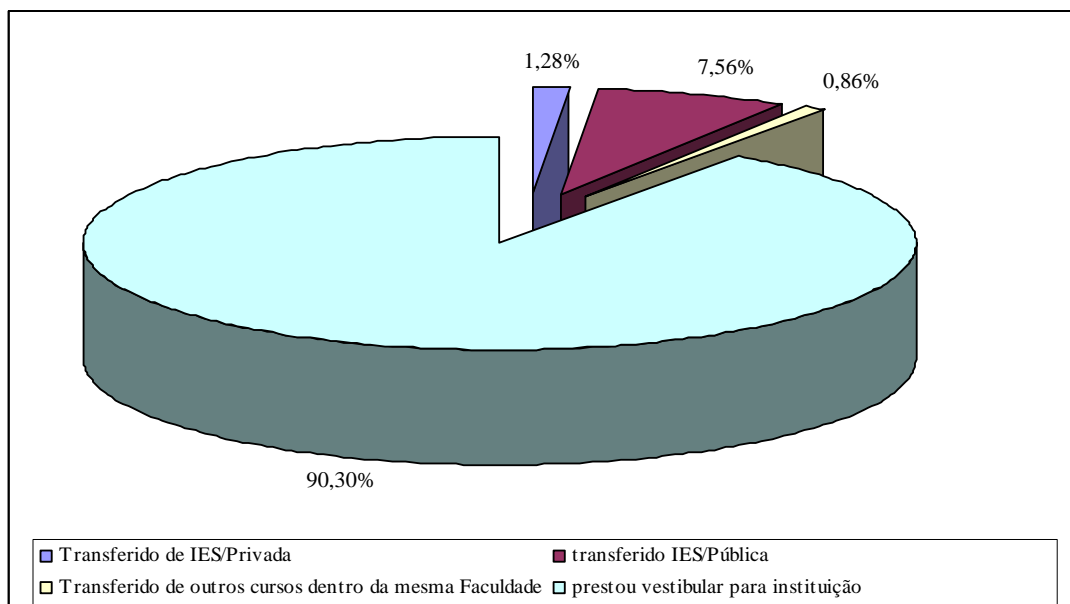
Gráfico 16: Distribuição dos estudantes quanto à religião



### 2.2.12 Situação de entrada no curso

Em relação à situação de entrada dos estudantes em seus cursos foi possível identificar 92,48%, perfazendo um total de 701 alunos. Considerando o universo dos estudantes identificados obtivemos as seguintes frequências: 90,30% prestaram vestibular para o curso em que haviam ingressado inicialmente; 7,56% foram transferidos de outras instituições públicas; 0,8% foram transferidos internamente de um curso para outro dentro da faculdade e 1,28% foram transferidos de instituições de ensino privados (gráfico 17).

Gráfico 17: Distribuição em relação à situação de entrada



Em torno das frequências pudemos mensurar que grande parte dos estudantes ingressou na universidade através de concurso vestibular, entretanto nota-se que 9,7% deles ingressaram de outras formas. Este dado revela uma questão importante, a entrada de estudantes através de outros processos que não o vestibular, indicava a existência de vagas a serem preenchidas.

Ao se observar a relação entre a situação de entrada e os cursos existentes na época percebemos que o maior índice de transferência ocorreu no curso de Direito, que teve 36 alunos transferidos de outras instituições públicas e 7 transferidos de instituições privadas; seguido pelo curso de Economia com 2 alunos transferidos de outras instituições de ensino superior públicas, 4 transferidos de outros cursos dentro da mesma faculdade e 2 transferidos de instituições de ensino particular e Medicina com 4 alunos transferidos de instituições de ensino superior da rede pública (tabela 17).

Tabela 17: Curso pesquisado X situação de entrada

Situação de entrada \ Curso	não identificada	prestou vestibular para instituição	transferido IES/Pública	Transferido de outros cursos dentro da mesma Faculdade	Transferido de IES/Privada	Total
Não identificado	1	12				13
Direito	14	163	36		7	220
Serviço Social	6	90	2			98
Medicina	5	41	4			50
Economia	9	119	2	4	2	136
Filosofia		7				7
Química	1	69	1			71
História e Geografia	10	50	3			63
Letras neolatinas	6	41	3			50
Letras germânicas	3	23	1	1		28
Ciências Contábeis	2	16		1		19
Outros		2	1			3
Total	57	633	53	6	9	758

Combinando a variável situação de entrada com a naturalidade do estudante observou-se que o maior número de alunos que ingressou nas faculdades sergipanas por outras processos que não o concurso vestibular era oriundo do Estado da Bahia, num total de 29 estudantes, sendo 23 transferidos de instituições públicas, 1 de outra faculdade e 5 de instituições particulares. Sergipe é o segundo Estado em frequência de casos de transferências perfazendo um total de 20 alunos: 16 transferidos de instituições públicas, 3 de cursos da mesma faculdade e 1 de instituições particulares. Pernambuco e Alagoas aparecem com 2 casos de transferências para cada Estado, sendo que o contingente relacionado a outros Estados chega a 9 casos (tabela 18).

Tabela 18: Situação de entrada X naturalidade

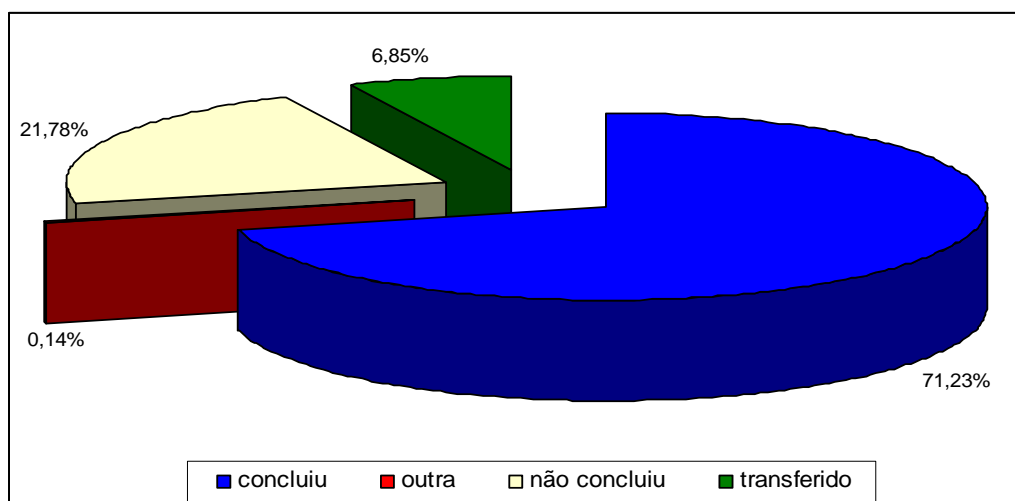
Naturalidade \ Situação de Entrada	não identificado	Sergipe	Bahia	Pernambuco	Alagoas	outro Estado	Total
Não identificada	4	43	6	2		2	57
Prestou vestibular para instituição	26	497	56	9	20	25	633
Transferido IES/Pública	3	16	23	1	2	8	53
Transferido de outros cursos dentro da mesma Faculdade	2	3	1				6
Transferido de IES/Privada	1	1	5	1		1	9
<b>Total</b>	<b>36</b>	<b>560</b>	<b>91</b>	<b>13</b>	<b>22</b>	<b>36</b>	<b>758</b>

### 2.2.13 Situação de conclusão

Quanto à situação de conclusão foram identificados 96,31%, num total de 730 dos casos. Neste universo, 71,23% concluíram o curso; 21,78% não concluíram; 6,85% foram

transferidos e 0,14% se encaixaram em outros casos. Os dados apontaram números relativamente altos de não conclusão 21,78%. Considerando o fato de que em Sergipe menos de 0,5% da população tem acesso aos cursos de ensino superior, esses percentuais agravam ainda mais a questão dos indicadores de escolarização superior no Estado (gráfico 18).

Gráfico 18: Distribuição dos alunos por situação de conclusão



Ao se observar qual o curso com maior índice de não conclusão obtém-se que a maior ocorrência está no curso de Economia com uma frequência de 41 casos não conclusos: 8 transferências e 12 casos sem identificação. Logo após está o curso de Direito com uma frequência de 38 casos de não conclusão e 28 de transferências, além de contar com 8 ocorrências em que não foi possível identificar a situação de conclusão do aluno. O que chama a atenção no curso de Direito é que as 28 transferências relativas à situação de conclusão estão associadas, em muitos desses casos, à forma de ingresso dos alunos, que foi a transferência de uma instituição de ensino da Bahia para Sergipe. Esses dados, que parecem indicar um movimento de migração vindo inicialmente para as faculdades de

Sergipe, para algum tempo depois retornar ao ponto de origem, as faculdades da Bahia (tabela 19).

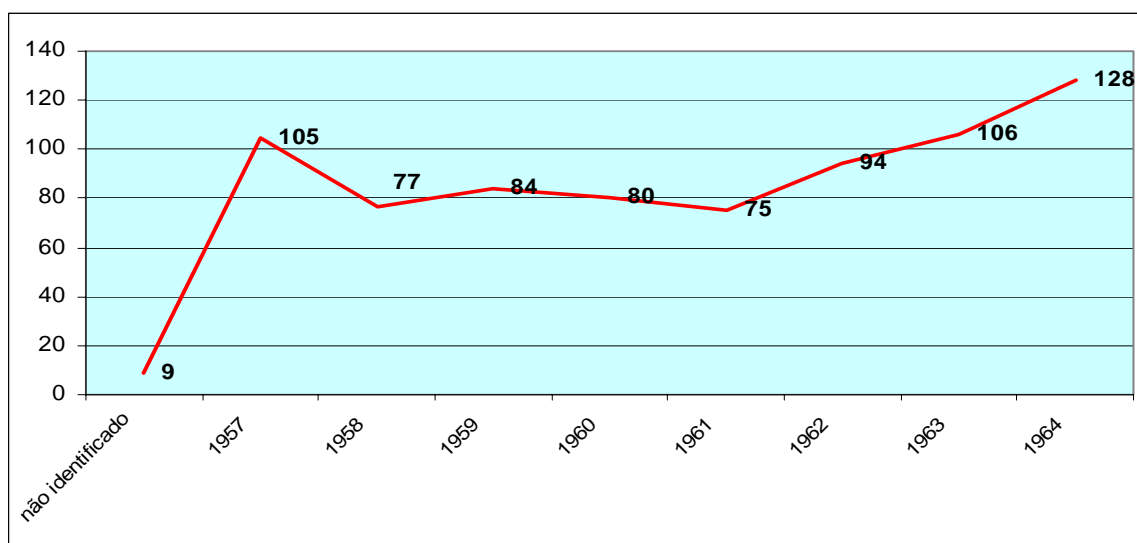
Tabela 19: Curso pesquisado X Situação de conclusão

Situação de conclusão \ Curso	não identificado	concluiu	não concluiu	transferido	outra	Total
não identificado		10	1	2		13
Direito	8	145	38	28	1	220
Serviço Social	3	62	30	3		98
Medicina	1	41	8			50
Economia	12	75	41	8		136
Filosofia	1	4	2			7
Química	1	64	6			71
História e Geografia		43	16	4		63
Letras neolatinas		40	9	1		50
Letras germânicas	1	22	2	3		28
Ciências Contábeis	1	11	6	1		19
Outros		3				3
Total	28	520	159	50	1	758

#### 2.2.14 . Distribuição dos alunos por ano de entrada

Em relação ao ano de entrada dos estudantes nas faculdades, ao tabularmos as informações relativas a esta variável percebemos que o número de alunos matriculados a cada ano entre 1957 e 1964 variou entre 105 e 128. A disposição dos dados no gráfico 17 demonstra que no período de 1958 a 1962 foi realizado um número de matrículas bem abaixo do registrado em 1957. Considerando que no período pesquisado foi criada a faculdade de Medicina, pode-se inferir que as vagas ofertadas não estavam sendo preenchidas. Já no período de 1963 a 1964 observa-se uma retomada nos índices de matrículas (gráfico 19).

Gráfico 19: Distribuição dos alunos por ano de entrada



A demanda por cursos superiores no Estado cresce em número absoluto e em percentual no ano de 1964, quando alcança o pico de 16,89% dentre os alunos pesquisados. Nesse período há um empate técnico entre o ano de 1957 (13,85%) e o ano de 1963 (13,98%) – (tabela 20). Em parte pode se atribuir uma retomada dos índices de matrículas de 1957 a 1963 em função das discussões fomentadas pelas entidades estudantis com parte da sociedade brasileira, preocupadas com a necessidade de preencher e ampliar o número de matrícula nestas instituições.

Tabela 20: Distribuição dos alunos por ano de entrada

Ano de entrada	Frequência	Percentual
não identificado	9	1,19
1957	105	13,85
1958	77	10,16
1959	84	11,08
1960	80	10,55
1961	75	9,89
1962	94	12,40
1963	106	13,98
1964	128	16,89
Total	758	100

### **2.3 O encaminhamento dos dados pesquisados**

Outras variáveis como profissão do pai, profissão da mãe e profissão dos estudantes não puderam ser configuradas em função da insuficiência dos registros. Neste caso, apesar da importância dessas informações para a consubstanciação da situação social dos atores em estudo, outras questões relevantes foram levantadas a esse respeito a exemplo da cidade de origem e situação de moradia, que muito embora não nos dê condições de precisar a condição social são indicativos de aportes de recursos.

Em termos, gerais os dados configurados nesta pesquisa apontam informações importantes a respeito da média de idade dos estudantes universitários em estudo, a sua distribuição por sexo, estado civil, cor da pele, religião, naturalidade, cidade de origem, escola de formação anterior, forma de ingresso na universidade, situação de conclusão, matrícula destes estudantes, entre outras variáveis que permitem entender, de maneira mais concreta, algumas identificações dos atores sociais pesquisados.

Entretanto, a coleta e sistematização dos dados não são suficientes para descortinar todo um conjunto de significados que os números por si só não podem registrar como a alegria de aprovação nos concursos vestibulares, o trote cultural em que os estudantes comemoraram o ingresso nas faculdades, os laços de amizade construídos ao longo do curso, a satisfação pessoal e social da formatura. Por outro lado, esse conjunto de dados pode ajudar a entender a dimensão social desses instantes a partir da consubstanciação de informações mais gerais dos indivíduos em comparação com um exame de fontes mais qualitativas como entrevistas, artigos, fotos e peças teatrais, perspectiva que será explorada no capítulo que se segue.



Por conta disto buscaremos, no capítulo *posterior*, a partir da experiência dos atores sociais envolvidos, descortinar um pouco mais desse cenário, enriquecendo as contribuições nesse campo, formando um diálogo entre o vivido e os que viveram efetivamente essa fase. Buscaremos, com as entrevistas coletadas definir, como os atores sociais vão seletivizar, no presente, o discurso do vivido nos anos 60, como incorporaram a suas imagens e ao seu cotidiano as experiências culturais de suas vivências socialmente partilhadas no início dos anos 60.

### **CAPÍTULO III**

## **INSTITUIÇÕES, IDÉIAS E ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO:**

### **JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA EM ARACAJU**

Os estudos relacionados à juventude estudantil em Aracaju têm fornecido análises que ajudam a esclarecer questões relativas ao cotidiano urbano: a educação (Graça, 1998), a sociedade, a cultura (Cruz, 1998), e a política (Dantas, 1989; 1997). A esse propósito, neste capítulo traçaremos algumas discussões sobre as instituições, os espaços de socialização e os debates de idéias que envolviam o cotidiano da juventude estudantil em Aracaju.

#### **3.1 Juventude Estudantil: Instituições educacionais e entidades representativas**

##### **3.1.1. Instituições de Ensino Superior: uma incorporação tardia**

A elaboração dessa reflexão acerca da juventude estudantil em Aracaju, aponta a lentidão com que foram organizadas as instituições de ensino secundário e superior no nosso Estado, só se concretizando a partir dos ventos democratizantes do pós Segunda Guerra Mundial. Já as bases do ensino secundário são lançadas ainda no último quartel do séc. XIX, a partir do Regulamento de 1870 em seu art. 17 que cria “... o Ateneu Sergipense, abrangendo o curso de Humanidades e da Escola Normal” (Nunes, 1984:113).

Neste ínterim entra em circulação o jornal *O Porvir* - uma publicação dos alunos do Atheneu, sendo dirigido por Baltazar Gois, Eustáquio Lins, Silvério Martins Fontes e Melchidesech Matusalém Cardoso – que parece ter sido o primeiro impresso<sup>7</sup> da juventude estudantil em Aracaju (idem: 119). Em Sergipe, antes mesmo do florescimento de uma imprensa estudantil, alguns jovens estudantes e intelectuais radicados em outras cidades do país se destacavam pela sua produção acadêmica e cultural. É pertinente registrar, no caso, os comentários de Silvério Fontes a esse respeito:

Segue-se logo verdadeiro surto historiográfico que abrangerá o último quartel do século XIX e primeiro do século XX. Não resulta de desenvolvimento endógeno. São influências culturais estrangeiras recebidas pelos estudantes sergipanos que freqüentam os meios universitários de Recife, Bahia e do Rio de Janeiro, ou transmitidos por eles aos radicados em Sergipe. Cumpre assinalar a jovem geração republicana dos fins do Império (Fontes, 1972: 4).

A saída de muitos jovens da colônia, inicialmente, e para fora do país, posteriormente, ou para os centros culturais então existentes como Recife, Bahia e Rio de Janeiro, foi uma constante em Sergipe até a efetivação das primeiras faculdades durante o período populista. Nunes (1984), a este respeito, ao historiar os fluxos e refluxos da educação no Estado enfatizou, por diversas vezes, os anseios dos setores mais elitizados da sociedade local em enviar os seus filhos para adquirirem uma formação superior – prioritariamente nos cursos de bacharelado –, motivando-os a usarem os cursos de humanidades como trampolim para os exames preparatórios para faculdades então existentes no país ou mesmo fora do território nacional. A escolha do bacharelado em

---

<sup>7</sup> A imprensa estudantil se constitui em um importante instrumento para a análise dos discursos e práticas socioculturais que os estudantes ou grupos de estudantes tem de si e da sociedade em que vivem. Em Sergipe ainda não foram desenvolvidas pesquisas mais detalhadas a respeito das contribuições desta fonte de pesquisa. Exceção o artigo de Nascimento (2002), que faz uma breve discussão a acerca destes impressos nas décadas de 1930 e 1940.

detrimento de outros títulos acadêmicos não se efetiva apenas pelas preferências individuais dos estudantes. Esse título acadêmico conferia ao indivíduo o prestígio e o reconhecido institucionalmente necessário para que ele viesse a ocupar cargos ou mandatos políticos.

Dentre os jovens estavam intelectuais como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Felisbello Freire, João Reibeiro, Manoel Bomfim entre outros. Cabe ressaltar a esse respeito que esses intelectuais nascidos em Sergipe tiveram uma expressiva atuação no panorama cultural brasileiro. Atuação por vezes utilizada para forjar uma auto-imagem positiva dos intelectuais sergipanos, em âmbito local e nacional.

A organização tardia das instituições de ensino superior em Sergipe, em parte é explicada em função do processo de inserção dependente da sociedade brasileira no sistema capitalista. Esse processo tem um peso muito forte na lentidão com que o ensino vem se democratizando no país. No Brasil a situação é agravada pelas disparidades regionais. Um bom exemplo das disparidades pode ser observado quando comparamos a região Sudeste, mais industrializada e urbanizada, à região Nordeste, ainda em processo de industrialização.

Outra questão relevante para essa discussão é o sentimento de solidariedade e compromisso estabelecido entre os membros da elite local. Segundo Oliva (1991), os setores mais privilegiados em Sergipe podem ser caracterizados por duas questões: (i) a necessidade de autonomia frente às demais elites regionais, no caso a Bahia, e (ii) a coesão e solidariedade com que se uniam para manter subordinados os setores menos privilegiados.

Fontes (1990), a esse respeito, coloca as ligações sócio-familiares como um componente importante na persistência dos interesses particularistas na gestão pública em Sergipe. Dentro dessa argumentação, a possibilidade das famílias mais abastadas em

enviarem seus filhos para estudarem fora de Sergipe, completando sua formação intelectual e adquirindo o título acadêmico que lhes asseguraria prestígio social não despertava, nessa elite, a necessidade de criar instituições de ensino superior para os segmentos menos privilegiados da sociedade local. Assim, a “naturalidade” do prosseguimento dos estudos limitava-se a um grupo restrito de parentes e afilhados.

Só a partir do final da década de 40, com a crise da atividade canavieira e a conseqüente expansão das áreas de pastagens é que o Estado irá caminhar rumo a um desenvolvimento industrial e urbano mais acelerado, apesar de indicadores sociais adversos (Dantas, 1987). Nesse contexto, quando há um processo de diversificação da economia favorecendo o crescimento das camadas médias da sociedade sergipana é que se intensificam as pressões para que venham a ser criados estabelecimentos de ensino superior no Estado. Nesse ínterim, a educação começa a ser pensada dentro de bases mais racionalizadas e sistêmicas (Mendonça, 1961).

Apesar do destaque obtido por alguns sergipanos em âmbito nacional, até meados do século XX Sergipe não dispunha de instituições de ensino superior, exceção do *Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus*, fundado em 1913, que tinha por objetivo a formação de religiosos para a vida sacerdotal e que teria uma importância capital na formação intelectual em Sergipe a partir de então. A importância deste seminário é ainda mais consubstanciada quando da criação das primeiras instituições de ensino superior laicizadas em Sergipe, pois em um momento em que não era fácil encontrar profissionais para comporem os quadros das então faculdades isoladas, os intelectuais formados por esta instituição acabaram por servir de suporte para as mesmas (figura 1).



Figura 1: Seminário Episcopal Sagrado Coração de Jesus, Aracaju, 1936.  
Fonte: Encarte comemorativo do Jubileu de Ouro da vida sacerdotal de Dom Luciano Cabral Duarte, 1998.

As primeiras tentativas para a criação de cursos superiores laicizados no Estado remontam ao ano de 1898, no governo do Presidente em exercício Daniel Campos. A segunda tentativa ocorre no governo Graccho Cardoso durante a década de 20 “... com a instituição da Faculdade de Farmácia e Odontologia ‘Anibal Freire’ e da Faculdade de Direito ‘Tobias Barreto’...” (Nunes, 1989: 251).

Com o fim do Estado Novo e os ventos democratizantes do pós-guerra, que começaram a soprar no país a partir de meados dos anos 40 e início dos anos 50, é que vão ser efetivadas às primeiras instituições de ensino superior em Sergipe e com elas surge também uma juventude universitária no Estado. Nesse período são criadas: as Faculdades de Ciências Econômicas (figura 2) que comportava também o curso de Ciências Contábeis, criada através da Lei nº 73, de 12 de novembro de 1948, embora suas atividades só tenham iniciado a partir de 1950, ano em que também passa a funcionar o Curso de Licenciatura em Química (figura 3), mantido pela Faculdade de Química e criado pela Lei Estadual nº 86, de 25 de novembro de 1948; ambas as faculdades foram mantidas com recursos do Estado. A Faculdade de Direito (figura 4) é criada como uma sociedade civil, através do

Decreto n° 29, de 19 de janeiro de 1951, sendo depois federalizada pela Lei n° 3.856, de 18 de dezembro de 1960. A Faculdade Católica de Filosofia (Figura 5) com autorização para funcionar através do Decreto n° 20.311, de 23 de fevereiro de 1951, funcionando com os cursos de Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo-Germânicas, Pedagogia e Matemática. A Faculdade Católica de Serviço Social (figura 6) foi instituída pela Sociedade Sergipana de Cultura, em 22 de janeiro de 1954. Em 11 de janeiro de 1961 foi criada a Faculdade de Ciências Médicas (figura 7), mantida pela Fundação de Ensino Médico de Sergipe.



Figura 2: Faculdade de Economia,  
Praça Camerino.  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.

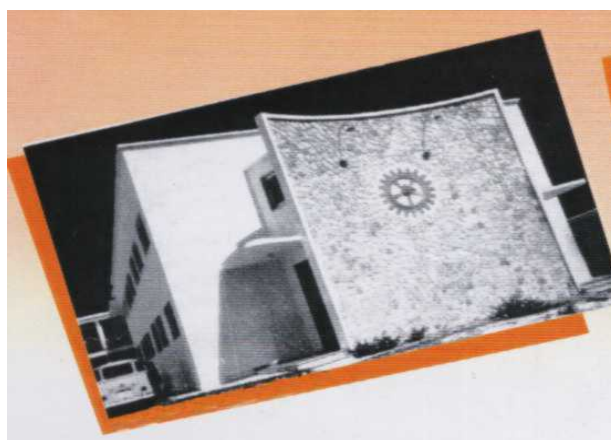


Figura 3: Faculdade de Química,  
Rua Campo do Brito  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.



Figura 4: Faculdade de Direito,  
Av. Ivo do Prado  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.

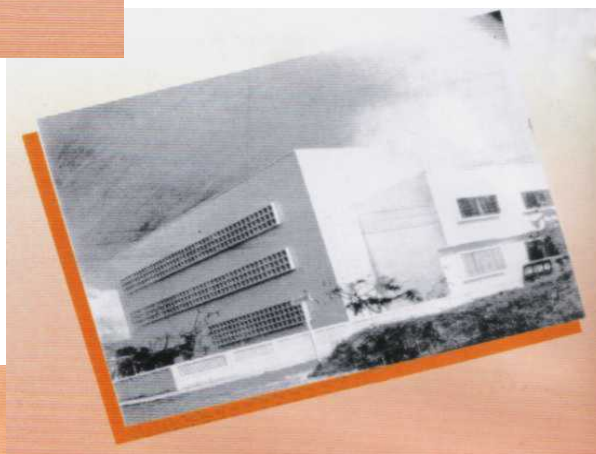


Figura 5: Faculdade de Filosofia,  
Rua de Campos  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.



Figura 6: Faculdade de Serviço Social,  
Rua de Estância  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.



Figura 7: Faculdade de Medicina,  
Av. Desembargador Maynard  
Fonte: Rollemberg e Santos, 1999.



Todas as faculdades eram localizadas em Aracaju (ver quadro 3).

Quadro 3: Instituições de Ensino Superior Existentes em Aracaju: 1948 - 1961

<b>Ano</b>	<b>Faculdade</b>	<b>Vinculação Administrativa</b>
1948	Ciências Econômicas	Pública – Estadual
1948	Química	Pública – Estadual
1951	Direito	Pública – Federal
1951	Filosofia	Particular – Católica
1954	Serviço Social	Particular – Católica
1961	Ciências Médicas	Particular – Fundação

Fonte: Gonçalves in: Diniz, 1991.

Durante o período de consolidação dos cursos foi uma constante a utilização de vultos culturais sergipanos como meio de forjar a idéia de grandiosidade científica do Estado, assim como foi utilizado, por diversas vezes, para afirmar ou legitimar a intelectualidade local.

Entre as imagens dos intelectuais utilizados chamam a atenção os membros da Escola do Recife, notadamente através de figuras como Tobias Barreto e Sílvio Romero, entre outros. Nascimento (1998), a este respeito destaca a importância desses intelectuais e de outros relacionados à Escola do Recife como interlocutores responsáveis pela introdução e difusão do pensamento cientificista alemão no Brasil, de modo mais específico no campo educacional e cultural.

Alguns exemplos da utilização da imagem dos “grandes” intelectuais sergipanos podem ser bastante ilustrativos a este respeito. O primeiro se refere à denominação “Tobias Barreto” atribuída à Faculdade de Direito criada no governo do Graccho Cardoso – político cujas origens familiares estavam ligadas a profissionais da área da educação – na década de 1920 e que por questões outras não se efetivou.

A segunda se remete à cena da aula inaugural da Faculdade de Direito de Sergipe na década de 1950 – situada onde atualmente funciona o Centro de Cultura e Arte (CULTART) –, ocasião em que a congregação de professores e alunos faziam menção ao “Ninho das Águias”, uma referência aos intelectuais sergipanos da Escola do Recife. O passado prestigiado por intelectuais de expressão nacional nascidos em Sergipe é reforçado com a utilização de imagens como a de Tobias Barreto, evocada para legitimar o potencial da então nascente Faculdade de Direito.

A utilização desses reforços à *intelligentia* sergipana se encaminha para além do discurso, materializando-se em representações iconográficas e plásticas, a exemplo da tela de Tobias Barreto<sup>8</sup> – que figurava no cenário da aula inaugural<sup>9</sup> –, e das esculturas de intelectuais que permeiam as praças de Sergipe. É interessante se observar, ainda dentro da argumentação que estamos desenvolvendo, a denominação dos Centros Acadêmicos da Faculdade de Direito de “Sílvia Romero” e da Faculdade Católica de Filosofia “Jackson de Figueiredo”<sup>10</sup>.

Esses intelectuais foram homenageados em outros espaços e instituições em âmbito nacional, porém não é a este tipo de referência que queremos nos ater, mas sim à necessidade de legitimação através do empréstimo de imagens dos ícones sergipanos do saber. Nesse contexto, embora possa parecer paradoxal, Sílvia Romero<sup>11</sup> a quem se atribui um pensamento conservador inspirou os estudantes, tidos como contestadores, em Sergipe como modelo. Autor que como bem colocou Zelita Correia, líder estudantil do início dos

---

<sup>8</sup> A título de registro essa tela se encontrava desaparecida e graças ao trabalho da professora Beatriz Góes Dantas foi localizada e atualmente está exposto no rol da Biblioteca Central da UFS.

<sup>9</sup> A referência a este cenário está relatada nas primeiras edições da Revista da Faculdade de Direito de Sergipe.

<sup>10</sup> Jackson de Figueiredo foi um importante líder religioso da Igreja Católica no Brasil no início do século XX; maiores informações ver Fontes (2001).

<sup>11</sup> Como exemplo das homenagens a Sílvia Romero temos a frase impressa nas correspondências do Centro Acadêmico Sílvia Romero, gestão 1968, que dizia: “O mundo é muito sério, no céu despontam outros astros, nas consciências outras aspirações, aos peitos outros ímpetos, nos frentes outras lutas” e a frase utilizada na greve dos professores ocorrida na UFS em 2000,: “juventude sem rebeldia é servidão precoce”.

anos 60, era leitura de referência, pois “estava todo mundo com Silvio Romero ..., todo mundo se preparando para o vestibular porque caía muita literatura para o vestibular de Direito, literatura demais” (entrevistada em 1998).

Se por um lado o prestígio dos intelectuais sergipanos serviu de base para conclamar Sergipe como o “ninho dos intelectuais”, por outro lado não impediu que nos idos dos anos 60 o Estado possuísse um dos maiores indicativos de analfabetismo do país. Tal fato justificou, no período em questão, a escolha desta localidade para a realização de dois planos pilotos associados aos movimentos de educação e cultura popular – o que corresponde na atualidade aos programas de ensino destinados a jovens e adultos – o MEB (Movimento de Educação de Base), implementado através do Programa de Rádio Difusão ligado à Igreja Católica (Barros, 1995), e MCP (Movimento de Cultura Popular) organizado pelo governo estadual e apoiado por instituições da sociedade civil como a UEES (União Estadual dos Estudantes de Sergipe). O apoio dos estudantes sergipanos a essas experiências educacionais também se associa à necessidade de ampliação do exercício à cidadania, que para os grupos envolvidos nesses projetos estava associado à democratização do ensino.

Nesse sentido, os anos 60 encontram os jovens universitários em estado de efervescência cultural, muito embora os estudantes estivessem mais inclinados a uma relação de contracultura em que se colocava em cheque os valores culturais da sociedade e, principalmente, a relação de poder, instituindo um estilo de contestação. Dentre as formas de contestação e mobilização sócio-cultural tem-se os movimentos estudantis; estes se apresentam instigados pelo clima de reformas que eclodia no Brasil no início dos anos 60 e deles trataremos no item que se segue.

### 3.1.2 Juventude Estudantil Sergipana e suas Entidades Representativas

A lentidão com que o ensino superior estava sendo implantado no país e as discrepâncias regionais, a exemplo de Sergipe, contribuíram para a demora na organização institucional da juventude estudantil brasileira, diferentemente de estudantes de outros países latino-americanos que já acenavam com entidades representativas em finais do século XIX e início do século XX (Poerner, 1968). Os estudantes brasileiros só conseguiram ter uma entidade de representação nacional a partir de 1937 com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE). Apesar disso, somente a partir dos anos 40 é que o movimento estudantil passou a atuar efetivamente de forma organizada<sup>12</sup>.

No contexto da década de 1940 começam a ser articuladas, em vários Estados do Brasil, mobilizações contra o nazi-facismo. É salutar refletirmos sobre essa questão, pois em Sergipe, em particular a sua capital teve, ao longo de sua costa, navios torpedeados por submarinos alemães (Cruz, 1999). Esses incidentes teriam incentivado os estudantes e parte da sociedade sergipana a apoiarem o ingresso do Brasil na guerra, ao lado dos aliados (*Voz do Estudante*, 25/05/1949).

Segundo Dantas (1989), nesse momento surgiram em Sergipe as primeiras discussões a respeito da organização de uma entidade de representação de estudantes secundaristas, a qual só veio a se concretizar, de acordo com a imprensa estudantil, após o fim da guerra, quando foram dados “... os primeiros passos para a realização do I Congresso Estadual dos Estudantes Secundaristas de Sergipe (AESS)...” (*A Voz do Estudante*, 1946). É preciso registrar, ainda nos anos 40, o posicionamento da imprensa

---

<sup>12</sup> Alguns trabalhos de fundo histórico situam a participação política dos estudantes brasileiros já no período colonial. Entretanto, todos são unânimes no reconhecimento de que a fase de atuação organizada/institucional da juventude estudantil, enquanto movimento social de dimensões nacionais, estruturou-se a partir da fundação da UNE. Maiores informações a esse respeito ver em Poerner (1968) e Mendes Júnior (1981).

estudantil sobre o governo de Getúlio Vargas e sua relação com a sociedade civil brasileira:

... a juventude esteve frente à vanguarda dos movimentos democráticos de nossa terra. Foi logo depois da implantação do Estado Novo em nossa pátria em que se suprimiram as liberdades democráticas e em que o movimento proletário esteve a reboque do Ministério do Trabalho em que todo o povo ficou subordinado às normas das fascistas da reacionária carta de 37, até hoje repudiada pelo povo... (A Voz do Estudante, 25/05/1949).

É interessante notar que em concomitância ao surgimento das instituições de ensino superior em Sergipe desenvolveram-se, também, as primeiras agremiações universitárias a exemplo do Centro Acadêmico Sílvio Romero (CASR), fundado em 17 de maio de 1951. A precocidade na criação das agremiações universitárias estudantis provavelmente está relacionada à experiência política acumulada pelos secundaristas dos anos 40 que se tornaram universitário nos anos 50.

Ligado ao Centro Acadêmico Sílvio Romero é criado um importante periódico de cunho informativo e cultural denominado ACADEMUS. Sua regularidade, ao longo dos anos 50, torna-o uma fonte de informação importante para se estudar a história da juventude universitária no período, em Sergipe. Evidentemente ele retrata a leitura do ambiente cultural e político, reservado ao ponto de vista dos alunos e professores da Faculdade de Direito.

Além desse centro acadêmico foram criados o Diretório Acadêmico “Jackson de Figueiredo”, relacionado aos estudantes da Faculdade Católica de Filosofia; o Diretório Acadêmico “Antônio Militão de Bragança”, associado aos estudantes da Faculdade de Química; o Diretório Acadêmico “Augusto César Leite”, dos alunos da Faculdade de Ciências Médicas, entre outros.

Seguindo o ritmo de criação dos centros acadêmicos, em dezembro de 1951 foi realizado o *I Congresso dos Estudantes de Sergipe* com representações de alunos de todos

os cursos de nível superior então existentes em Sergipe. Iniciava-se, a partir daí, o processo de constituição da entidade de representação dos universitários sergipanos. No congresso seguinte, realizado no dia 13 de janeiro de 1953, assumiu a direção do movimento uma coalizão de forças apoiadas pelos alunos do Centro Acadêmico “Sílvia Romero” que aprovou a constituição da União Estadual dos Estudantes Sergipanos (UEES). Segundo a constituição, a UEES passaria a ser a “... entidade máxima de representação dos estudantes de estabelecimentos de ensino superior do Estado de Sergipe” (Constituição da UEES, 1954:3), entidade que, desde seu início, foi filiada à UNE.

Sua organização comportaria três instâncias deliberativas: o Congresso dos Estudantes Superiores de Sergipe, órgão máximo da entidade e que se realizaria no período referente à primeira quinzena do mês de setembro de cada ano; a Diretoria da UEES eleita no Congresso da entidade para um mandato anual, iniciado nos meses finais do ano e estendendo-se, em observância às datas previstas para realização dos Congressos da entidade, até fins do ano subsequente; e, por último, como instância fiscalizadora, o Conselho de Representantes, composto por estudantes indicados pelos Centros Acadêmicos.

Ao longo dos anos 50 o movimento estudantil em Aracaju, junto com outros segmentos da sociedade civil, passou a participar dos debates nacionalistas sobre a modernização do país como a luta pelo “Petróleo é Nosso”, as discussões sobre a reforma agrária, a corrida inflacionária, a reforma do ensino brasileiro e, em particular, discutir sobre a “... necessidade de criação da Universidade de Sergipe, o que iria consolidar nossas faculdades e livrar-nos da ameaça de fechamento” (ACADEMUS, setembro de 1958)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> O trecho desta fala foi proferido pelo arcebispo de Aracaju D. José Vicente Távora durante VIII Congresso dos Estudantes Universitários de Sergipe realizado em 1958, logo de sua chegada a esta capital. Este fato demonstra também a influência e o interesse da Igreja na organização do ensino superior em Sergipe, o que já vinha sendo consubstanciado desde a criação do Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus.

Em específico, a discussão em relação à necessidade de criação de uma universidade em Sergipe se torna, a partir do final dos anos 50 e início dos anos 60, uma tônica presente na pauta de reivindicações estudantis. Esse movimento se encontrava sob a hegemonia de grupos ligados a:

...uma esquerda católica que, já em 1961, assumia o comando da União Nacional dos Estudantes (UNE), em aliança com os militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Esses ativistas católicos traziam para as entidades estudantis um amplo patrimônio de militância capaz de atingir o estudante médio e um ideário que procurava conciliar humanismo cristão e marxismo, em busca de uma ‘terceira via’ entre o capitalismo e o comunismo. Pouco depois, a esquerda católica rompe com a hierarquia da Igreja e funda a Ação Popular (AP), daí em diante a principal organização do movimento estudantil brasileiro” (MARTINS FILHO,1998:15).

Seguindo essa tendência, entre os grupos juvenis em Sergipe, no período em estudo, destaca-se a Juventude Universitária Católica (JUC). Este grupo juvenil foi criado por um movimento da Igreja denominado de Ação Católica com o objetivo de incorporar grupos de leigos no processo de ampliar a divulgação e a prática dos ensinamentos católicos cristãos, uma forma de reação da Igreja Católica contra o avanço de igrejas evangélicas, de cultos afro-brasileiros e do espiritismo dentro do universo de conhecimento institucionalizado.

A JUC, em Aracaju, se efetivou enquanto grupo religioso constituído por jovens universitários a partir de 1958, sob a assistência do então Padre Luciano Cabral Duarte. Segundo Oliveira (1999), inicialmente o objetivo desses jovens universitários católicos estava voltado para programações religiosas como participar dos festejos da páscoa, retiros, passeios, peregrinações, missas entre outras atividades, congregando em torno de si o maior número possível de católicos no meio acadêmico, muito embora, *a priori*, tenha nascido como um grupo restrito. A Jucista Carmem Machado, entrevistada por essa autora, coloca os critérios, iniciais para entrar no movimento “...os estudantes eram escolhidos a

dedo para participar da JUC, eram os melhores alunos e tinham princípios. Por exemplo, um jucista jamais poderia colar, mesmo ficando sozinho numa sala.” (in: Oliveira,1999: 46). A questão dos melhores alunos nos remete à necessidade de criar uma liderança católica a partir do meio universitário e que atuaria, posteriormente, com destaque na sociedade.

Segundo Oliveira (1999), a JUC estava organizada da seguinte forma: (i) Assistente, (ii) Eclesiástico, (iii) Equipe de Direção, (iv) Equipes Dirigentes, (v) Militantes. A partir dessa estrutura descrita pela autora e a opção religiosa dos universitários, como descrito no capítulo anterior em cerca de 93,81% de católicos entre os estudantes que identificaram a religião que professam, a JUC torna-se um dos pontos de referência entre os estudantes universitários no período estudado. Para a jucista Carmem Machado, a JUC observou que tinha o:

...domínio no meio estudantil, o número de militantes da JUC tinha crescido muito. Os jovens universitários políticos estavam encontrando na gente uma força muito forte, e essa força eles não estavam respeitando suficientemente. Colocavam na UEES pessoas que não nos interessavam e nos chamavam para participar com eles. Mas resolvemos derrubar e derrubamos o grupo vigente e passamos deste então a dominar a política estudantil. (In: Oliveira,1999: 47)

O domínio mantido pela JUC passa a decair depois do Golpe de 64 e durante o Governo Militar perde a hegemonia política para outras vertentes dentro do movimento estudantil ligados ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). A esse respeito temos a fala de um dos líderes estudantis da época:

...havia uma tentativa muito forte de se lutar contra o Regime Militar dentro das Universidades porque as lideranças sindicais as lideranças políticas de esquerda que se contrapunham ao Regime Militar elas foram massacradas ou estavam presas, ou assassinadas ou no exílio, então a luta contra o Regime se concentrou nas Universidades e, especificamente, em Sergipe, sob a coordenação nossa de Gama, Mário Jorge Vieira, Wellington Mangueira, Benedito Figueiredo, Francisco Varela, Políto que já faleceu e que era presidente do Diretório de Química e de Abelardo e em agosto eu me elegei presidente do recém criado Diretório Central da Universidade Federal de Sergipe, eu fui



o 1º presidente, ...nós éramos ligados ao Partido Comunista do Brasil, o PCB, o partidão, ...nós ganhamos as eleições enfrentando os setores ligados a JUC e a AP que era a Ação Popular... (João Augusto Gama da Silva, entrevistado em 19/11/2002).

Pensada inicialmente com fins religiosos, a JUC passa a se preocupar com as discussões políticas e sociais que se colocavam na agenda do início dos anos 60. A jucista Maria Auxiliadora comenta acerca dessa questão que esse movimento teve: “... dois momentos: no primeiro ele tinha característica confessional, ou seja, estava envolvido somente com programações religiosas; no segundo momento os jucistas individualmente assumiram práticas políticas envolvendo-se no movimento estudantil” (in: Oliveira, 1999:50).

As opiniões diferentes começaram a existir entre alguns membros da JUC mais próximos às orientações do Padre Luciano Cabral do Duarte<sup>14</sup>, que tendiam a manter o movimento com características confessionais, movimento contrário a uma outra vertente da JUC que passara a atuar politicamente, denotando uma maior preocupação com as questões sociais; estes, inspirados nas orientações de Dom José Vicente Távora, o então arcebispo de Aracaju. Tais atitudes refletiam as contradições internas da Igreja Católica em Sergipe no período em estudo.

Entre as tendências acima relacionadas, a JUC é a única que tem sido objeto de estudos mais aprofundados. Um dos estudos referentes a essa tendência afirma que a JUC em Sergipe manteve-se adésista aos interesses da Igreja Católica e desarticulada das lutas sociais pela democratização da sociedade brasileira no período (Ramos, 2000). A outra pesquisa enfoca esta questão e demonstra que a JUC se estruturou, e como parte dos que a freqüentavam deslocou sua militância para além das questões religiosas se envolvendo

---

<sup>14</sup> O Padre Luciano Cabral Duarte, formado pelo Seminário Episcopal Sagrada Coração se Jesus, viria a ser Arcebispo de Aracaju e uma das figuras mais eminentes da Igreja no Brasil, como também um dos

também com as questões políticas e culturais fomentadas no período em estudo (Oliveira, 1999), questão reafirmada pelo então jucista Alexandre Felizola Diniz:

Eu estava, desde 1960, envolvido como o movimento estudantil universitário, através da JUC, que antes tinha um posicionamento mais religioso. Porém a partir do início dos anos sessenta, houve um maior envolvimento político. Neste período, que vai de 1960 a 1964 o movimento estudantil que era mais acomodado passa por período de ebulição política surgem as tendências do PCB, POLOP, AP (entrevistado em 12/03/1998).

Além dessa questão vale frisar, também, as divergências e o convívio social entre os jucistas e os militantes do PCB. A entrevista realizada com a jucista Diana Diniz deixa clara essa questão:

Nossa grande rivalidade era com a turma do PCB, todos eram amigos, porque era grupo pequeno. Era grande a dificuldade de entrar e manter-se numa faculdade, então a gente brigava nos congressos e eleições afoitos, mas no fundo todo mundo se dava bem (in: Oliveira, 1999: 52).

Segundo José Alexandre Filizola Diniz, entrevistado em 12/03/98, em meio às configurações de tendências políticas, também deve-se levar em consideração, no jogo de correlação de forças das entidades estudantis universitárias, o interesse dos alunos de cada faculdade e as articulações feitas pelos mesmos. Também na fala de Zelita Correia veremos assertiva a esse respeito:

(...) a gente estudava, militava, namorava e trabalhava. O pessoal respeitava a gente. A turma de Economia é que era meio anárquica, (...) a turma de Economia tinha um porém com a gente na UEES, mas eles não ganharam eleição (...), então pronto, quem a gente contava era Química, Medicina, Filosofia e Direito; Serviço Social ia de reboque porque fazia o que Filosofia lhe dizia, tinha uma base boa Serviço Social (entrevistada em 04/08/1998).

O que mostra que não havia hegemonia de pensamentos entre as lideranças universitárias do período. Mesmo entre aqueles que se diziam aliados, por exemplo, a falta de entendimento sobre a criação de uma universidade que congregasse todas as faculdades, enquanto a gestão da UEES que no período de 1960/1961 utilizou-se do slogan de que “Sergipe precisaria ter uma universidade” defendendo a proposta de unificação. Por outro lado, os alunos da Faculdade de Direito, que já estavam em uma instituição federalizada e com acesso a maior aporte de recursos eram, de certa forma, contrários a essa idéia. A luta pelo fortalecimento das outras faculdades, sob a forma de uma universidade, não despertava grande interesse da Faculdade de Direito. Temia-se que os recursos das Faculdades de Direito e Química, as mais bem estruturadas no período, fossem parar na bolsa comum da universidade, implicando em perda de qualidade daqueles cursos (Zelita Rodrigues Correia, entrevistada em 04/08/98).

Já no caso dos alunos das Faculdades Católicas, o interesse na criação da universidade de Sergipe apontava suas preocupações em relação ao funcionamento das faculdades isoladas que sofriam com a falta de recursos. A posição dos alunos das Faculdades Católicas, em especial da Faculdade de Filosofia voltava-se, portanto, para a defesa da criação de uma universidade em Sergipe mantida com recursos federais (Clodoaldo Alencar, entrevistado em 15/09/1998).

Uma das questões que conseguia forjar nesse grupo juvenil à imagem de que eram tão fortes era a ligação existente entre eles, pois iniciavam seus cursos juntos, indo até o final dos mesmos em uma mesma turma. Além disso havia o fato de que a maior parte das Faculdades era próxima e, muito embora alguns fossem rivais políticos “no fundo todo mundo se dava bem” (Diana Diniz, entrevistada em 1996). Essa pretensa relação de força vem a ser combatida pelo governo militar que buscou fragmentar esses grupos, jogando-os

na ilegalidade e, posteriormente, criando o sistema de crédito nas universidades, o que tornou mais difícil a coalizão de forças entre os estudantes. A esse respeito a entrevistada Zelita Correia (04/08/1998), faz a seguinte declaração:

...depois de 64 tudo foi feito para diluir a Universidade, até esse sistema de crédito, que vocês não se insurgiram ainda não sei porquê. (...) é justamente para diluir as turmas, porque [a união] cria um vínculo muito forte na Universidade; o vínculo de amizade permanece, de respeito, até as deficiências as pessoas sabem considerar, sabem revelar...

Os movimentos estudantis dos universitários desse período não se organizavam apenas em torno das questões políticas; o lado sócio-cultural era também muito forte, sendo desenvolvido pelos diversos grupos então existentes, ainda que estes se configurassem a partir das disputas de interesse entre as tendências políticas como JUC, AP, PCB entre outras e os interesses dos estudantes de cada faculdade isolada. Nesse contexto, a juventude estudantil universitária em Sergipe viveria uma fase efervescente e participativa propagando, no âmbito dos movimentos culturais, a idéia de uma arte engajada que os protagonizavam como agentes sociais responsáveis pela resolução dos problemas da sociedade, discussão que desenvolveremos a seguir.

### **3.2 A Juventude Estudantil e os Debates sobre Reforma Universitária em Aracaju**

No florescer dos anos 60, parte da juventude estudantil brasileira e outros segmentos sociais começaram a pensar politicamente o país, através da cultura, como chave para o desenvolvimento (Pinto, 1982; Ridenti, 2000). Imbuídos desse propósito, alguns acreditaram que falar não era o bastante e começaram a participar de

movimentos/experiências de educação e cultura popular que se configuravam por todo o país (Fávero, 1983).

Em Sergipe a este respeito ocorreram os seguintes movimentos/experiências: os Centros Populares de Cultura (CPC's), a Campanha Estudantil de Alfabetização (CEA), o Departamento Universitário de Ação Comunitária (DUAC), os grupos teatrais como o Teatro Gato de Botas (TGB) e o Teatro Novo de Sergipe além do Movimento de Educação de Base (MEB) e o Movimento de Cultura Popular (MCP) entre outros.

Esses movimentos/experiências ocorrem no período em que a crise do nacional-desenvolvimentismo e as freqüentes turbulências políticas do início dos anos 60 intensificaram os debates sobre as razões que emperravam a modernização do país. No âmbito educacional os debates fizeram aumentar ainda mais as divergências sobre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Brasileira, publicada em 1961. Nesse contexto, setores importantes da juventude estudantil brasileira buscaram repensar o ensino superior no país, relacionando-o aos problemas da realidade nacional e questionando o papel a ser desempenhado pela universidade na construção de uma sociedade democrática e desenvolvida.

Dentro dessa problemática, a discussão sobre a universidade foi deslocada do *para quê serve?* Para a questão do *para quem serve?*. A discussão levou os estudantes brasileiros a criarem Seminários Nacionais de Reforma Universitária (SNRU); deflagrarem greves estudantis em todo o país, entre elas a famosa greve por um terço de representação dos estudantes nas instâncias deliberativas das instituições de ensino superior e a tomarem parte nos movimentos de cultura popular, através dos Centros Populares de Cultura e dos movimentos de “alfabetização em massa”, entre outros movimentos/experiências políticas e/ou culturais freqüentes no período.

A participação de parte da juventude estudantil em Sergipe nos movimentos de cultura popular, em especial no Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes Sergipanos (CPC da UEES) tem sido objeto de pesquisas desde 1996. As pesquisas a esse respeito descortinaram as repercussões das idéias desenvolvidas pelo Centro Popular de Cultura da UNE (CPC da UNE) em Sergipe, principalmente a partir das passagens das duas UNE-Volantes pelo Estado (Cruz, 1996; 1998). O CPC-Volante, como também ficou conhecido esse movimento cultural, percorreu as principais capitais do país mobilizando os estudantes para participarem da famosa *greve-campanha* por um terço de representação estudantil nos conselhos deliberativos das instituições de ensino superior e disseminando, através de seminários e encenações artísticas, a idéia de uma arte engajada. Segundo Guido Azevedo, presidente da UEES, a passagem da primeira UNE-Volante em Sergipe tinha como objetivo:

... unificar e politizar os universitários brasileiros. Salientando o papel do Centro Popular de Cultura, disse que o mesmo apresentará peças teatrais de cunho eminentemente popular e perfeitamente identificado com a realidade nacional. (Gazeta de Sergipe, 06/04/1962).

Desta maneira, os estudantes universitários sergipanos preparavam-se, desde cedo, para a greve geral que reivindicava uma representação estudantil de um terço nos órgãos deliberativos das Instituições de Ensino Superior, deflagrada no dia primeiro de junho de 1962. Além da ampliação da representação estudantil, os alunos defendiam o fim do sistema de cátedra em suas congregações. Movidada por essas bandeiras, a greve se estenderia pelas principais cidades do país tendo duração de mais de 40 dias (Poerner, 1968).

Não obstante as idéias desse movimento colocarem nas pautas de discussões do país a necessária reforma da universidade, as estratégias utilizadas nem sempre foram as

mais adequadas. Partindo de uma visão homogênea os movimentos de bases nacionais – discutida em vários encontros e seminários específicos sobre o tema da reforma universitária – criticavam sem muita distinção as instituições de ensino superior e seus corpos docentes, tachando-os de conservadores e desvinculados da realidade nacional. Esse tipo de postura criou dificuldades para que professores sensíveis à necessidade da reforma da universidade apoiassem as reivindicações propostas.

Em Aracaju os debates sobre a participação dos estudantes universitários nos órgãos deliberativos das instituições de ensino superior transpôs os muros das instituições em direção às páginas da imprensa local. Um dos interlocutores docentes que mais interpelou os estudantes quanto à forma de suas reivindicações foi o professor. José Silvério Leite Fontes, então representante sindical dos professores. José Silvério colocou que...

...era contrário a isso porque achava que os estudantes se preocupavam muito com a política e a questão do ensino era, sobretudo, um problema de ordem cultural, eu tinha receio que houvesse um desmando do ensino em face dessa preocupação dos estudantes com 1/3 que poderia ser uma voz decisiva nas decisões da Faculdade, nós novo regulamento da Faculdade de Filosofia foi admitida a presença dos estudantes, eu não era contra a essa presença mas reivindicações de um terço. Foi admitida essa participação, embora bem menor, Alexandre inclusive fez parte dessa votação do regulamento da faculdade quanto a isso não havia oposição, mas a pretensão dos estudantes era muito maior e não foi aceita dentro do novo quadro da ditadura não havia condição de ser aceita (entrevistado em 10/08/1998).

De modo geral a greve não conseguiu grandes resultados, tornando-se extremamente desgastante para a UNE e suas representações estaduais. Entretanto, ocorreram ganhos localizados e parciais como o caso de algumas faculdades, pois como caberia a cada instituição de ensino atender ou não às reivindicações dos estudantes em greve, algumas delas atenderam parcialmente às solicitações. Em Sergipe, além da

Faculdade Católica de Filosofia, as Faculdades de Medicina e Ciências Econômicas vislumbraram esta perspectiva (Gazeta de Sergipe, 08/06/1962).

Os debates em torno da Reforma Universitária teriam reforçado, entre os estudantes sergipanos, a necessidade de criação de uma universidade em Sergipe. Esta idéia veio se consolidar durante a realização do II Seminário Estadual de Reforma Universitária, ocorrido na cidade de Santo Amaro das Brotas, em junho de 1963. Na ocasião foi publicada, na imprensa local, a “Declaração de Santo Amaro”, documento que sintetizou as deliberações dos vários segmentos estudantis em Sergipe. Nesta, os estudantes declararam seus anseios de uma universidade sob a forma de Fundação Federal (figura 8).

Assinaram o documento Juracy Magalhães Chagas (Bancada da Escola de Química), Luiz Machado Mendonça (Bancada da Faculdade de Medicina), José Cortes Rolemberg Filho (Bancada da Faculdade de Medicina), José Alexandre Felizola Diniz (Bancada da Faculdade Católica de Filosofia), Maria Laete Fraga (Bancada da Faculdade de Direito), Cândido Fontes (bancada da Escola de Serviço Social) e Gil Cardoso Natureza (Bancada da União Estadual dos Estudantes).

Antes da realização desse seminário, Sergipe havia recebido a visita da segunda UNE-Volante. Na oportunidade fora inaugurado o Restaurante Universitário. O restaurante, assim como a Casa do Estudante, eram organismos administrados pela UEES com o objetivo de atender aos estudantes vindos do interior e que necessitassem de alimentação e hospedagem na cidade, além dos próprios estudantes da cidade que necessitassem dos serviços por eles prestados. As verbas para o funcionamento de tais serviços provinham das reivindicações feitas pelos estudantes junto aos órgãos e instituições federais e estaduais. Nesse sentido, a participação dos estudantes nos processos



eleitorais e nos debates políticos também era importante para as entidades estudantis captarem recursos.

**GAZETA**  
*de Sergipe*

ANO VII — N.º 2225 Aracaju, Terça-feira  
11 de Junho de 1963

---

## Universitários : «Declarações De Santo Amaro Das Brotas»

Nós, os estudantes universitários de Sergipe, reunidos no II SEMINÁRIO ESTADUAL DE REFORMA UNIVERSITÁRIA considerando que:

- a) a atual estrutura que rege as nossas Faculdades é inadequada, decorrente das insuficiências locais;
- b) as nossas Faculdades ministra um ensino acadêmico, formando profissionais para uma realidade diversa da nossa;
- c) o nosso Estado necessita, como todo País em revolução, técnicos preparados para superação da atual estrutura;
- d) as universidades brasileiras estão fechadas para o povo e os seus ideais visam, essencialmente, a formação de uma carta de profissionais que insiste em manter a estrutura opressora, esquecendo-se das suas devidas para com o povo.

vimos de público declarar que somos favoráveis à criação da Universidade de Sergipe, sob forma de *Fundação Federal*, não como uma Universidade comum, igual as existentes no País, mas com uma estrutura nova, voltada, dos seus ideais mais profundos, até as suas mais superficiais características, integralmente para o povo. É preciso que em Sergipe não se crie mais uma entidade que vise a promoção, a cientificação e a justificativa filosófica para a manutenção da atual estrutura capitalista, a promoção do anti-povo. A Universidade não pode ser criada por um grupo, mas sim por todo um esforço consciente de professores e alunos. Por esta razão, exigimos uma representação efetiva no Grupo de Trabalho instituído pela Secretaria de Educação, Cultura e Saúde, segundo a Portaria n.º 10, e encarregado de estudar o problema do Ensino Superior no Estado.

Por outro lado, somos contrários a efetivação dos professores fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe, pois tal medida é contrária a toda e qualquer idéia de REFORMA UNIVERSITÁRIA, desde que a efetivação conduz em tese, a estagnação cultural. Apoiamos, assim, a luta do Centro Acadêmico "Silvio Romero", no sentido de conservar a situação dos professores até a criação da Universidade, onde o sistema de Fundação elimina a cátedra e a substitui pela carreira do magistério.

Convocamos nestes termos, os operários, camponeses e o povo em geral para a luta que neste momento empreendemos pela democratização do ensino superior no nosso Estado.

Que a Universidade venha para o povo; seja uma resposta aos angustiantes problemas do País que ficam sem resposta; que a Universidade ou venha para resolver problemas ou não chegue a nascer pois estaremos prontos para reagir contra mais uma mistificação.

**UNIVERSIDADE PARA O POVO OU NADA**

Santo Amaro das Brotas (SE),  
09 de junho de 1963.

- aa) **Juracy Magalhães Chagas**  
(Bancada da Escola de Química)
- Luiz Machado Mendonça**  
(Bancada da Faculdade de Ciências Econômicas)
- José Cortes Rolemberg Filho**  
(Bancada da Faculdade de Medicina)
- José Alexandre Felixola Diniz**  
(Bancada da Faculdade Católica de Filosofia)
- Maria Laete Fraga**  
(Bancada da Faculdade de Direito)
- Cândido Fontes**  
(Bancada da Escola de Serviço Social)
- Gil Cardoso Natureza**  
(Bancada da União Estadual dos Estudantes)

Figura 8: Declaração de Santo Amaro.

Fonte: Gazeta de Sergipe, 11/06/1963

Nesse período, segundo dados da CAPES publicados em 1965, os universitários sergipanos representavam apenas 0,45% da população do Estado, o quarto menor índice do país perdendo apenas para Maranhão, Piauí e Mato Grosso (Sanfelice, 1986), bem abaixo dos propalados 1% da população brasileira que tinha acesso ao ensino superior (quadro 4).

Quadro 4  
MATRÍCULA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL EM 1964

Unidade da Federação	População (estimada)	Matrículas (Geral)	Nº de estudantes por 1.000 habitantes
Amazonas	817.000	523	0,64
Pará	1.740.000	2.415	1,39
Maranhão	2.965.000	714	0,24
Piauí	1.351.000	431	0,32
Ceará	3.611.000	4.152	1,15
Rio Grande do Norte	1.234.000	1.137	0,92
Paraíba	2.145.000	1.843	0,86
Pernambuco	4.453.000	7.719	1,73
Alagoas	1.343.000	982	0,74
Sergipe	800.000	363	0,45
Bahia	6.487.000	5.510	0,85
Minas Gerais	10.705.000	14.221	1,33
Espírito Santo	1.343.000	1.643	1,22
Rio de Janeiro	3.952.000	6.431	1,63
Guanabara	3.740.000	22.512	6,02
São Paulo	14.824.000	39.499	2,66
Paraná	5.625.000	9.616	1,71
Santa Catarina	2.426.000	1.548	0,64
Rio Grande do Sul	6.028.000	17.153	2,85
Mato Grosso	1.127.000	266	0,24
Goiás	2.343.000	2.709	1,16
Distrito Federal	-----	989	-----
<b>BRASIL</b>	<b>79.837.000</b>	<b>142.386</b>	<b>1,78</b>

Fonte: CAPES, Boletim nº 147, 11 de fevereiro de 1965, In: Sanfelice, 1986: 15.

Além disso, as repercussões da UNE-Volante não apenas despertaram as atenções dos estudantes para os problemas da modernização e democratização do país, como também incentivaram a produção cultural dos artistas locais, muito dos quais eram egressos do movimento estudantil. Segundo o já crítico de arte e jornalista Ivan Valença:

O CPC mostrou, inclusive através de cursos rápidos de teatro, que haveria chance de termos grupos teatrais em Aracaju. E a partir daí teve sim, o teatro da cultura, a própria cultura artística criou um teatro chamado Teatro da SCAS, o TECA era o teatro dos estudantes do colégio Ateneu. Então 63, 64 (...). Descobriu-se nos meios estudantis atores sensacionais (Entrevistado no segundo semestre de 1996).

Essa perspectiva vai ser cristalizada entre os estudantes sergipanos com a criação dos centros populares de cultura, os chamados CPC's locais. Um dos primeiros CPC's criado em Sergipe estava relacionado ao Centro Acadêmico Silvio Romero. Entretanto, o CPC mais atuante no Estado foi o da UEES. Esta agência cultural:

... nasceu ainda na gestão de Guido Azevedo (...) o fato é que um grupo de estudantes eu, Zelita Correia, Chico Varela, Leosteme, Wagner Ribeiro e outros nos interessamos em montar apresentações com base no (...) CPC da UNE, contidos no disco... (José Alexandre Filizola Diniz, entrevistado em 12/03/98).

O que diferenciava a atuação do CPC da UEES das apresentações teatrais do TGB e do Teatro Novo de Sergipe que também eram sintonizados com as idéias do CPC da UNE, era a sua opção musical. A opção pela música pode ser observada no Hino do CPC da UEES:

"Centro de Cultura  
Vai apresentar  
A todos vocês ( bis)  
A Cultura Popular  
A cultura que vem do povo  
Cultura para libertar  
Cultura do grupo novo ( bis )

Cultura Popular  
Povo de Sergipe  
Povo brasileiro  
Escute com atenção  
Nosso grito de guerreiro  
Grito de luta de toda a nação  
*Que levará o povo à revolução"*

*(Alexandre Diniz, depoimento de 1996 ).*

A composição deste hino expressa a preocupação do CPC da UEES em ser uma agência de fomentação cultural organizada pela sociedade civil, e que tinha como objetivo trabalhar com a parcela da população não alfabetizada, de modo a esclarecê-las sobre a sua situação social e os seus direitos. A estratégia utilizada por essa agência cultural foi, além do parafraseamento dos hinos de um grupo folclórico, no caso o “auto guerreiro”, eles vão inclusive se vestir de guerreiros e utilizar alguns de seus símbolos como o estandarte. No estandarte, por sua vez, as letras que aparecem são a sigla do CPC da UEES.

Marilena Chauí, ao refletir sobre as idéias dos centros populares de cultura observa a sua impregnação por um discurso de construção da identidade nacional que estaria “por vir”, tão logo fosse superado o estado de alienação cultural do povo brasileiro (1984: 48). Tais idéias, segundo a autora, comportariam uma concepção vanguardista de estilo pedagógico-persuasivo “...isto é, o progresso, depende da ação pedagógica de quem a possui...” (idem: 83).

Partindo do âmbito da cultura nacional-popular, Renato Ortiz analisa as idéias dos centros populares de cultura como a “... produção de uma consciência que deveria ser levada ao povo na forma de produtos artísticos. Muito embora a perspectiva teórica do CPC tenha sido limitadamente esquemática” (1980:64). Dentro deste enfoque, Ortiz reavalia a importância desse movimento cultural para a organização da cultura brasileira,

contudo, desloca seu eixo interpretativo da esfera da alienação cultural para o da construção de uma nova hegemonia para a sociedade brasileira, desatrelada dos sistemas de dominação imperialistas.

Ainda dentro deste horizonte de discussões, Ridenti (2000) retoma o debate dos Centros Populares de Cultura dentro do campo de estudo relativo a produção cultural no Brasil. Ele interpreta tais iniciativas, contextualizado frente as expectativas em que foram gestadas, como um projeto cultural importante para a formação de parte da intelectualidade no Brasil.

Em Sergipe, assim como em outras cidades do país, os CPC's estavam relacionados também às campanhas de "alfabetização de massa", em especial ao Movimento de Cultura Popular, que utilizava o método Paulo Freire. Dentro desse cenário cultural, a juventude estudantil sergipana atravessaria os "... seus momentos mais febris, vivenciando o clima pré-revolução entre o entusiasmo triunfalista e a ansiosa preparação da chegada daquele que terminou não vindo..." (Dantas, 1988).

Em 1964, com o fim da gestão 62/63 da UEES, o grupo político que apoiou a greve-campanha por um terço e participava das atividades do CPC da UEES e de outras experiências políticas e culturais, não consegue eleger a nova direção da entidade, perdendo para a correlação de forças apoiada pelo PCB. A partir desse momento há um certo arrefecimento das atividades cepecistas no Estado. Em março de 1964 a nova direção do CPC da UEES informava que o CPC estaria "... retornando dentro de breves dias com sktchs inéditos por novos atores (..) promover uma campanha para a aquisição de novos valores entre os calouros" (Gazeta de Sergipe,12/03/1964). Contudo, a cortina estava descerrada para além das vontades dos seus atores, já não havia mais tempo. O golpe civil-militar seria deflagrado e com ele todo esse processo fora desarticulado, sendo:

... fechados os Centros Populares de Cultura existentes em todo o Estado, inclusive os mantidos pelos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Direito, Filosofia e Ciências Econômicas e da União Estadual dos Estudantes além do MCP (...) medidas que estão sendo adotadas pelas autoridades federais, visando abolir os órgãos considerados focos de agitação social e popular (Gazeta de Sergipe,10/04/1964)

A interrupção dessas experiências culturais e políticas representaram, para parte da sociedade civil e militar brasileira, o afastamento da ameaça de que o Brasil viesse a se tornar outra Cuba. Uma vez instalados no poder, os militares buscaram logo de imediato, desarticular esses movimentos e em seguida disciplinar o movimento estudantil que ainda rearticulava suas mobilizações nos anos seguintes.

O fechamento dos centros populares de cultura não foi a única medida do governo militar para cercear os estudantes e suas entidades. Foi criada toda uma legislação que regulava o funcionamento das instituições de representação acadêmica as quais foram transformadas, por força do regime instalado, em diretórios estudantis. As Uniões Estaduais de Estudantes, durante esse período político brasileiro seriam levadas ao fechamento, assim como a própria UNE, culminando com a prisão de algumas de suas lideranças. Em Sergipe a extinção da UEES, diferentemente de outros Estados brasileiros, tem sido uma realidade até os dias atuais.

A resistência da juventude estudantil em Sergipe, frente ao regime autoritário, tem suscitado bastante interesse entre os pesquisadores (Dantas, 1997; Pereira, 1997; Brito, 1999). As pesquisas que se debruçam nesse sentido apontam para sua rearticulação em descompasso com o regime militar, seus posicionamentos frente ao processo de criação da

Fundação da UFS e sobre as perseguições sofridas pelos estudantes durante esse primeiro momento da tutela militar em Sergipe, 1964 a 1968, quando o golpe foi radicalizado ainda mais com a decretação do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Essas pesquisas, no entanto, fogem ao escopo do nosso trabalho, configurando-se como tema para outras discussões.

Não obstante, esses jovens que não aceitaram a alcunha de pobrezinhos, que saíram às ruas inaugurando o que mais tarde chamaríamos de “os caras pintadas”, com alegria e responsabilidade coloriram os cenários culturais e políticos da então “adolescente” Aracaju, que hoje mais “crescida” relê tais contribuições, descortinando algumas faces da juventude estudantil e da cidade do Aracaju, ambos enquanto símbolos e construções de uma modernidade que vive sob inconstantes transformações.

### **3.3 A Juventude Universitária e seus Espaços de Socialização em Aracaju**

Enquanto no período anterior a juventude estudantil se organizou em meio aos debates do nacional-desenvolmentismo, os anos 60 particularizaram uma fase de efervescência política e cultural ainda mais intensa. Segundo Martins Filho esse foi um momento em que:

... as expectativas do estudante médio, levantou com decisão a luta pela Reforma da Universidade, no contexto efervescente da polarização do país em torno das reformas nacionalistas e populares que galvanizaram o debate político nos anos finais do populismo (Martins Filho, 1998:15).

Essas expectativas também foram observadas nos discursos e práticas dos universitários em Aracaju no período em estudo. A questão que se coloca a esse respeito é

como a atmosfera de envolvimento/participação que se configurou em Aracaju? Que outras expectativas e/ou ambições esses universitários visualizavam?

As pesquisas realizadas nesses sentido têm apontado que a atmosfera política e cultural já vinha sendo fomentada, em Aracaju, desde os anos 50, quando foram desenvolvidas algumas experiências de socialização significativas para construção de um ambiente cultural favorável ao debates de idéias (Dantas, 1989; 1997; Cruz, 1998; Meneses, 1998; Oliveira, 1999).

Tão importante quanto os próprios debates e alianças que vinham acontecendo desde os anos 50 são os espaços de socialização escolhidos pelos jovens desse período, pois os espaços dizem muito da personalidade daqueles que os escolhem. Além disso, se configuram como palco privilegiado das idéias e ações daqueles que ali convivem e passam a ser bem mais do que simples espaços para receber a marca que ali foi implantada.

Os locais escolhidos pelos então universitários dos anos 60 em Aracaju se configuraram como pontos de referência cultural, e foram para além dos muros das faculdades; para lá se encaminhavam mentes privilegiadas do período. Vale frisar que tais espaços falam muito sobre aqueles que os freqüentam: seus gostos e intencionalidades. Nesses locais foram gestadas as ações a serem realizadas pelos estudantes, seja com relação a uma atitude política e/ou cultural, como fica claro na fala que se segue: “a gente saía da UEES que ficava em cima do cinema Palace ali na Rua João Pessoa, a gente saía e vinha para a sorveteria Iara ou ía para o Cacique ali de frente e ficava conversando vamos fazer uma coisa! Vamos!” (Zélita Correia, entrevistada em 08/1998).

É pertinente lembrarmos aqui que tais locais serviam de ponto de encontro, também, bate papos sobre as leituras e associações culturais realizadas pelo grupo de jovens que ali se reuniam, leituras que já indicavam um caminho de contestação dos então



jovens universitários. Por outro lado, também indicavam um afã dessa juventude com relação a novas descobertas.

...estava muito em voga ler Sartre “Os Caminhos da Liberdade”, nós tínhamos reuniões em que discutíamos qual o último livro que tínhamos lido, tínhamos um grupo que se reunia todas as noites no Cacique Chá, (...) já havia toda uma atmosfera propícia para as discussões de idéias, de livro, de literatura, da própria poesia, os livros (...) extremamente esquerdista, e a própria literatura de Cordel, o Cinema Novo, tudo isso a gente discutia permanentemente (João Augusto Gama da Silva, entrevistado em 19/11/2002).

A professora Diana Diniz faz uma referência bastante pertinente sobre a necessidade de preservação dos prédios que fizeram parte da história cultural e política da década de 50 e 60 em Sergipe. Para ela:

O Cinema Rio Branco<sup>15</sup> tinha uma história muito bonita, foi o primeiro teatro de Sergipe, infelizmente foi descaracterizado por dentro. Naquela época as famílias reservavam os camarotes para as apresentações. O Rio Branco tem censo histórico, social e cultural importante, já foi tombado (...), porém no Conselho de Cultura, dizem que não tem nada ali para preservar, mas é certo que tem seu valor histórico (entrevistada em 1996).

Esse valor não se preserva apenas pelo aspecto dos edifícios em questão, o que não deixa de ser importante, mas também, pelo significado que adquiriram para o imaginário social, sendo que muitos deles já não mais existem como é o caso da Sorveteria e Churrascaria Iara, que servia de ponto de encontro tanto para leituras e discussões, como para dançar e namorar (figura 9).

---

<sup>15</sup> Em 2002, por falta de conservação e sob o pretexto de risco de desabamento, o teto do Cinema Rio Branco é demolido.



Figura 9: Sorveteria e Churrascaria Iara, *point* dos anos 60.  
 Fonte: Arquivo público de Aracaju.

Ainda com relação aos sentidos que os espaços, assim como as ações, vão adquirindo quando relacionados ao sentido que o mundo estabelece para tais circunstâncias, cabe ressaltar os trotes culturais dos universitários que, em comemoração ao seu ingresso no ensino superior, promoviam desfiles fantasiados pelas principais ruas da capital.

O trote dos calouros de nossas escolas superiores, comprovadamente, faz parte de nossa paisagem urbana. Era incalculável o número de pessoas que se aglomeravam desde o início da Rua Pacatuba na Praça Fausto Cardoso, atingindo os prolongamentos das ruas João Pessoa e José do Prado Franco para assistir a essa demonstração de espírito juvenil (Gazeta de Sergipe, 26/04/1960).

Para além dos possíveis exageros do jornal a *Gazeta de Sergipe*, principal periódico em circulação na época, os trotes culturais representavam uma espécie de ritual de passagem em que os calouros deixavam para traz a condição de secundaristas e passavam a ser incorporados ao universo simbólico do seletto clube de universitários das antigas faculdades isoladas de Sergipe, acontecimento que era aguardado com muita expectativa, afinal quem estava ali desfilando eram os melhores alunos, os filhos queridos da sociedade local. Mas não apenas por isso, também pelo significado social, pelo simbolismo que o momento denotava, aqueles jovens estavam assumindo a condição de “universitários”, e o trote seria um primeiro passo rumo à construção dessa identificação sociocultural. Os trotes ocorriam, normalmente, na Praça Olímpio Campos, em frente ao Palácio do Governo; as janelas permaneciam abertas para que os governantes pudessem saldar os recém aceitos no restrito círculo dos estudantes de ensino superior.

Os trotes não eram usados simplesmente como forma de apresentação, muitas vezes esse rito de passagem, *a priori*, porta de entrada para os espaços de socialização dos universitários, revestia-se de um sentido político/contestador que já singularizava o comportamento daqueles jovens. Um fato marcante a esse respeito está registrado no jornal *Gazeta de Sergipe*, a respeito do trote realizado no ano de 1962.

No quinto trote dos universitários sergipanos, promovido pela União Estadual dos Estudantes, os políticos foram os grandes visados nas piadas da juventude (...).

Todas as Escolas Superiores de Aracaju – Faculdade de Direito, Faculdade de Ciências Econômicas, Faculdade de Medicina, Escola de Química, Faculdade de Filosofia e Escola de Serviço Social, puseram os seus calouros a desfilar pelas ruas desta Capital.

Diferente de todos os anos, desta feita o governador Luiz Garcia não abriu as janelas do Palácio “Olímpio Campos”, nem apareceu para receber, como sempre fizeram outros governadores e êle próprio até o ano passado (Ano VII, nº 2781, Aracaju, terça-feira, 10 de abril de 1962).

A imagem dos trotes como divisor de águas e forma de contestação para os estudantes está presente na memória dos atores sociais desse período: “... o trote quando eu passei em Direito olha (...) a gente era mais ligado, (...) a gente vivia no caldo da cultura, a gente era um produto assim do nosso tempo. É, nos trotes a gente pintava o diabo!” (Entrevistada em 08/08/1998).

Entretanto, não eram apenas os trotes culturais realizados pelas principais ruas do centro de Aracaju que coadunavam para a configuração dessa identificação social. Uma gama de outras formas e espaços de socialização também colaboravam para a consubstanciação do universo cultural que se abria para aqueles jovens e para uma parte da sociedade local dos idos dos anos 60.

Entre as outras formas e espaços de socialização estavam as atividades desenvolvidas pelas faculdades isoladas; os eventos culturais nacionais e internacionais organizados pela Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS); as encenações teatrais do Teatro Gato de Botas, em sua linha inicialmente infantil; e do TECA, Teatro de Cultura Artística da SCAS; os programas da Rádio Cultura entre outros, que levavam um número substancial de espectadores aos teatros da cidade (figuras 10 e 11).



Figura 10: Público dos eventos organizados pelo SCAS no auditório do Atneu nos anos 60.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.



Figura 11: Apresentação do Grupo de Balé Dalal Achcal, anos 60.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

O teatro é reportado pelos atores sociais da época como sendo uma forma bastante utilizada, não só como forma de diversão, mas também, como meio de levar até as populações menos privilegiadas a cultura e o conhecimento acerca das políticas locais vigentes. Em torno do teatro, embora divergentes, diversos grupos estudantis se reuniram em busca de um ideal comum.

O primeiro espetáculo da JUC e CPC foi em Santo Amaro num retiro da JUC então eles deram o primeiro espetáculo e nos fizemos um congresso de JUC e lá e foi o primeiro espetáculo do CPC, tinha disco, tinha livrinho eu tenho até hoje, tinha um de Vinícius de Moraes com poesias, este eu não tenho, se queimou muita coisa e se acabou muita coisa. Era uma agitação muito grande, aqui era assim como nos grandes centros (Diana Felizola Diniz, depoimento em 1998).

Além disso, o teatro foi usado em Sergipe pelos universitários, como forma de fazer política estudantil muito embora não houvesse uma questão fechada em torno da

participação de membros de outras entidades, como fica claro nas memórias dos atores sociais:

Então a minha entrada no CPC da UNE, primeiro que o CPC era da UEE, a UEE era a UNE, aqui a União Estadual dos Estudantes, mais eles não rejeitavam, não trabalhavam somente com os universitários, tanto que eu fui selecionado para representar, quando ainda era secundarista, o que era o papel principal da peça, que foi inclusive ensaiado por uma das grandes figuras do teatro brasileiro, que era o Wilson MauX, da Paraíba, Wilson MauX foi quem montou a derradeira Ceia (João Augusto Gama da Silva, entrevistado em 19/11/2002).

Eu tinha 18, 19 anos quando estava no CPC, hoje é muito difícil você vê jovens dessa idade participando da construção de um futuro melhor para todos, eu agradeço, até sem saber a quem, a oportunidade que tive, em sendo secundarista participar de um movimento que era universitário (Luis Antônio Barreto, entrevistado em 08/08/1998).

As sociedades de cultura artística existentes no país possibilitaram, durante os anos 50, 60 e 70, a realização de uma série de apresentações de eventos culturais nacionais e internacionais como balés, corais, saraus, recitais, peças teatrais entre outros acontecimentos culturais ligados à cultura erudita em várias cidades brasileiras. Além da organização dos eventos a SCAS mantinha o Tetro de Cultura Artística (TECA), formado por jovens artistas locais como Tereza Prado, João Costa, Clodoaldo Alencar entre outros (figura 12).



Figura 12: Elenco da peça teatral *O Badejo*, década de 60.  
 Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

Dentre as peças apresentadas pelo TECA destacamos *Dias Felizes e a Inconseqüência da Juventude*, uma comédia romântica em três atos escrita por Claude-André Puget, tradução de Maria Jacinta e direção de Mário Sérgio Galvão Bueno. No folheto de apresentação da peça visualiza-se a idéia de juventude que esse grupo de teatro possuía:

É interessante notar ainda da atualidade da peça, quando só se ouve falar em 'juventude transviada' em 'pobres adolescentes complexos' (sic), 'DIAS FELIZES' vem mostrar que a juventude quer no Brasil, como em qualquer outra parte do mundo, inclusive nos Estados Unidos, é alegre, é viva, é sadia. A juventude não é e não pode ser representada pelo 'play boy', ignorante como lhe cabe ser, inculto ao extremo, chegando mesmo às raias da 'burrice', incapaz mesmo de ter outro caso de 'transviamento' entre jovens, mas a grande maioria é sadia, alegre. Se tem problemas, são inconseqüentes (Roteiro de Apresentação in: APA/SCA.C/Pacotilha 09)

Uma análise mais detida desse texto, explicita claramente a idéia de uma juventude responsável, culta, útil em oposição aos estigmas que alguns atribuem à “juventude como um problema”. Nota-se nesse sentido, aquilo que Nobert Elias (2000) coloca como um grupo social busca construir uma imagem positiva de si utilizando as qualidades positivas de seus melhores membros em oposição à generalização das qualidades negativas dos piores membros de outros grupos.

A peça em questão trabalha a imagem de uma juventude que aposta na educação esclarecida, que não se coloca como problema nem se intitula como “revolucionário”. Uma juventude que não quer ser comparada à imagem da juventude transviada dos anos 50 nos Estados Unidos, eternizada nas películas de cinema do período em filmes como *Rebel Without a cause* (Passerini, 1996), mas que reivindica para si o direito de tomar suas próprias decisões sem sentimento de culpa, sem obrigações. Por isso é que a fala das personagens são leves, com pequenos problemas que se resumem ao romance, pequenas rusgas sem maiores complexidades. Em consonância com a idéia de cultura a peça se passa em Paris, cidade exemplo de refinamento cultural, bem ao gosto dos jovens cultos e felizes que a peça deseja retratar, longe da juventude problema norte-americana.

Por outro lado, no início dos anos 60 também são visíveis na sociedade local as imagens e os discursos de uma juventude envolvida com os debates políticos que então pululavam naquele momento.

Naquele momento, principalmente no período anterior ao Regime Militar, você fazia política estudantil havia todo um envolvimento ideológico, as coisas estavam todas muito interligadas às posições de esquerda que vigoravam no momento. ...havia realmente um divisor, esquerda e direita, e essas posições eram todas alimentadas por debates, estudos, discussões, participações, não era uma coisa feita instintivamente. Havia todo um ambiente propício para isso e você tinha que estudar, tinha que ler... (João Augusto Gama da Silva, entrevistado em 19/11/2002).



Partindo desta perspectiva um dos mais importantes jornais em circulação no período em Sergipe fazia os seguintes comentários a respeito da importância da mocidade estudantil:

...o papel da mocidade estudantil, principalmente da universitária, será preciso como reação ideológica, como força de renovação, criadora de um novo sistema de vida. Essa a grande esperança que se nos abre. A esperança do povo, de suas classes trabalhadoras, seria inautêntico sem a participação dessa mocidade, na vanguarda de todos os movimentos renovadores (Gazeta, 19/11/1961).

Deste modo é que a participação dos estudantes no teatro também passa por grandes variações, chegando aos espetáculos com um grau de compromisso social bem mais pronunciado, inclusive com a incorporação do Teatro Gato de Botas que antes era mais voltado à peças infantis.

...o Teatro Gato de Botas, que inicialmente tinha uma linha mais infantil e depois adotou uma proposta mais política encenando, por exemplo, a peça "Eles não Usam Black-tie". Fizemos algumas apresentações juntas, uma delas em Propriá, cujo prefeito havia criado um MCP. Em Propriá, lembro que o palco montado para encenação da peça por eles encenados demorou a ficar pronto e a platéia ficou impaciente; então nós entramos e começamos nosso show. Participavam do Teatro Gato de Botas: Aglaé Fontes Alencar, Clodoaldo Alencar.... (Alexandre Felizola Diniz, em 12/03/1998).

Essa fase é marcada pela encenação de peças como: “Eles não Usam Black-Tie”, escrita em 1955 e de autoria de Gianfrancesco Guarnieri – uma peça idealista sobre o drama vivido pelos habitantes de uma favela carioca, botando a cru o desafio diário dos favelados para driblar a miséria. A respeito da importância dessa peça, em 1960, foi dito por Paulo Francis<sup>16</sup> que ela “marca o despertar da geração de hoje”. “Joana em Flor”, realizada em três atos, o primeiro tratava-se de um poema de Reinaldo Jardim – Joana em Flor –; o segundo um poema de Brechet, Reinaldo Jardim e Aldo Saturnino; o terceiro era um monólogo de Luís Antônio Barreto – Carta que fiz a Deus mas não mandei porque não

sabia o endereço, um poema que indagava de Deus o porquê da injustiça social, da fome e da miséria. Esta peça foi encenada no teatro do cinema Rio Branco e, logo após, os atores resolveram apresentá-la na Sorveteria Iara, onde foram presos e levados para o Quartel da rua de Itabaiana, sob acusação de que a peça era subversiva. A esta época o então Secretário de Segurança de Sergipe ficou conhecido por cunhar a frase: “em Sergipe quem entende de teatro é a polícia”, o que lhe garantiu uma entrada para o FEBEAPA – Festival da Besteira que Assola o País, escrito por Estanislau Ponte Preta, o Sérgio Porto, na coluna do Jornal Última Hora (Luís Antônio Barreto, em 08/08/1998). E “A Dança do Ouro”, de autoria de João Costa e música de Raimundo Ariquitiba Lobão, o tema da peça era a história de Chico-Rei, a crítica social é uma constante nessa peça a exemplo da fala da Atriz 8 – cena final:

“Negros ou brancos escravos!  
De livres não temos nada!  
Uni-vos, dançai ligeiro  
Dança da libertação!  
Mas escondi nesses rostos  
A fúria e indignação  
De vos haverem negado  
A terra pra o braço e mão!”

A peça Municipalista de João Costa, tratando as propagandas eleitorais como verdadeiro assédio ao eleitorado é uma violência contra a moral e a ética. Ainda que de forma bem humorada nesta peça fica clara a situação de caos político e falta de conscientização, tanto por parte do eleitorado quanto por parte dos candidatos que intencionavam apenas chegar ao poder. A forma como isso ocorre, as falas são coroadas

---

<sup>16</sup> Jornalista e crítico de teatro e cinema.

pelo depoimento de diversos eleitores que não sabem para que serve o título de eleitor e muito menos o seu voto, enquanto que para os “Coronéis” candidatos:

“Eu me chamo Labirinto,  
Sou figura importante,  
Sou figura que faltava  
Ao lado do coronel  
Que é dono disso tudinho.  
Êle paga direitinho  
Ao bandido corajoso.  
Mato gente por contrato,  
Mas a culpa é do Pacheco,  
Que é distinto e afamado  
Conhecido coronel  
Pra Prefeito candidato” (Peça Municipalista, 1959).

As peças eram encenadas tanto em Aracaju quanto nas cidades do interior do Estado, levadas pelas caravanas de cultura formadas com o objetivo de politizar o maior número possível de pessoas, encenadas no interior a cultura tão escassa no período. A chegada das caravanas era um grande acontecimento por onde passavam (figura 13).



Figura 13: Caravana da Cultura na cidade de Aracaju, 1964.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

Não obstante, Alexandre Felizola Diniz, participante ativo desses movimento, ao fazer uma análise a respeito da tentativa de mudar a sociedade através da cultura, ou ainda de peças que tencionavam levar a realidade política para as comunidades mais afastadas, acredita não ter tido êxito, pois “o povo percebia mais o lado satírico das apresentações, mas aquilo não era o suficiente para a sua politização. Acho que essa foi a conclusão da maioria de seus participantes” (entrevistado em 12/03/1998). Zelita Correia nos dá mais um indicativo a esse respeito. Para ela:

O pessoal que via nosso teatro achava bonitinho .... [diziam] que gracinha aqueles meninos estão fazendo. A gente só teve um espetáculo que foi (...) do cotidiano tinha muitas músicas, Sérgio Ricardo, os compositores estavam fazendo música engajada, aí dava para a gente utilizar eles; além das músicas, tinha uma linha de livros de cultura da UNE que eu tenho uma pena que nós queimamos... (entrevistada em 04/08/1998).

Oscilando em torno das imagens da juventude como metáfora da mudança social e da cultura juvenil transviada, esta pesquisa tem descortinado uma polissêmia de imagens acerca da juventude universitária em Aracaju. Nesse sentido, é possível visualizar as imagens/identificação da “turma da cultura erudita”, da “turma da cultura popular”, da “turma da JUC mais adesa à Igreja”, da “turma da JUC mais engajada politicamente”.

É preciso observar que isso não era apenas um discurso, nem é a análise desse discurso a proposta deste trabalho, era sim um conjunto de valores e atitudes que as práticas sociais de alguns grupos de jovens, em sua maioria recém egressa da universidade ou ainda universitária, forjaram no calor dos acontecimentos do início dos anos 60. Uma das formas encontradas por esses jovens para construir suas identificações/experiências cotidianas foi a teatralização de temas que instigassem o compartilhamento de práticas, atitudes e discursos. A este respeito, a conclusão do roteiro de apresentação da peça *Dias Felizes e a Inconseqüência da Juventude* é bastante significativa:

Se o espetáculo de ‘Dias Felizes’ mostrar esta juventude como ela realmente existe e conseguir apagar a falsa idéia geral, se nosso espetáculo tiver somente desta virtude estaremos plenamente satisfeitos. Cumpriu êles tôdas as suas finalidades, para o benefício da humanidade e melhor compreensão entre os homens. Assim conseguiremos caminhar para o verdadeiro e único ideal dos jovens de hoje: *ser útil!* (Roteiro de Apresentação in: APA/SCA.C/Pacotilha 09)

Ainda acerca da importância da SCAS como agência de fomentação cultural, em parte a consubstanciação dos eventos que ela realizava, sobretudo os internacionais, foram possíveis em função das políticas culturais das embaixadas dos países socialistas e capitalistas durante o período de vigência da Guerra Fria. Podemos notar fatos dessa ordem em fotografias como a do adido cultural dos Estados Unidos (ver figura 14), e do cônsul do Japão (ver figura 15) junto com membros da SCAS na década de 1960.



Figura 14: Fotografia do adido cultural dos Estados Unidos no palco do Ateneu em 1960<sup>17</sup>.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

<sup>17</sup> Aparecem também na foto ao fundo José Carlos Teixeira (presidente da SCAS) e à direita Clodoaldo Alencar (Um dos diretores culturais da SCAS).



Foto 15: Cônsul Japonês em frente ao Instituto de Química, prédio onde funcionava a Faculdade de Química de Sergipe<sup>18</sup>.

Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

A importância conferida aos eventos em parte deve-se também às possibilidades de lazer e entretenimento que se colocavam nos anos 50 e 60. Naquele momento, não havia emissora de TV, TV a cabo, vídeos, Internet, recursos que atualmente permitem aos indivíduos escolherem o que assistir, quando e como. Essas limitações tornavam os eventos organizados pela SCAS em acontecimentos que movimentavam o convívio social e cultural de parte da sociedade aracajuana. Nessa perspectiva, a vida cultural na cidade foi assim descrita por uma representante estudantil do período:

... tínhamos o teatro de Aglaé, que tinha tanto peças infantis quanto para o público adulto. A SCAS de Zé Carlos Teixeira trazia peças boas e balé do sul. Com Zé Carlos tinha algo de muito bom, os estudantes universitários podiam entrar sem pagar. Na praça tinha retretas com músicas todo domingo à noite, vínhamos olhar as vitrines da João Pessoa e ouvir as músicas semi-clássicas, popular. De qualquer modo os ouvidos estavam sendo educados. A rádio cultura da diocese, Alencarzinho era o disc jockey, escolhia muito bem as músicas.... (Zelita Rodrigues Correia, entrevistada em 04/08/98).

<sup>18</sup> Além do cônsul japonês (à direita), Clodoaldo Alencar e José Carlos Texeira (os dois primeiros da esquerda para a direita) e o Dr. Bragança, diretor da Faculdade de Química (terceiro da esquerda para a direita).

A visualização de parte desse cotidiano pode ser analisado ainda nas imagens da Livraria Regina, por ocasião dos lançamentos dos livros *A vida é bonita* de Ariosvaldo Figueredo, e *Dimensões poéticas* de Núbia Marques (ver figura 16). A imagem externa da livraria, por ocasião do lançamento destes livros (ver figura 17 e 18), revela também detalhes do vestuário utilizado nos eventos sociais.



Figura 16: Lançamento dos livros de Ariosvaldo e Núbia Marques na Livraria Regina.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.



Figura 17: Visão da movimentação de pessoas em frente a Livraria Regina na Rua João Pessoa  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.



Figura 18: Visão da movimentação de pessoas em frente a Livraria Regina na Rua João Pessoa.  
Fonte: Arquivo Público da Cidade de Aracaju/Fundo SCAS.

Aracaju de então era, espacialmente, muitas vezes menor que o seu tamanho atual, o que facilitava o intercâmbio de cultural e político entre a juventude estudantil e outros segmentos da sociedade aracajuana. No mapa abaixo é possível visualizar as suas dimensões espaciais entre os anos de 1949 e 1960, legendadas na cor laranja, em que se percebe como a cidade cresceu envolta do quadrilátero idealizado por Pirro quando do planejamento inicial, área legendada de verde (figura 19).



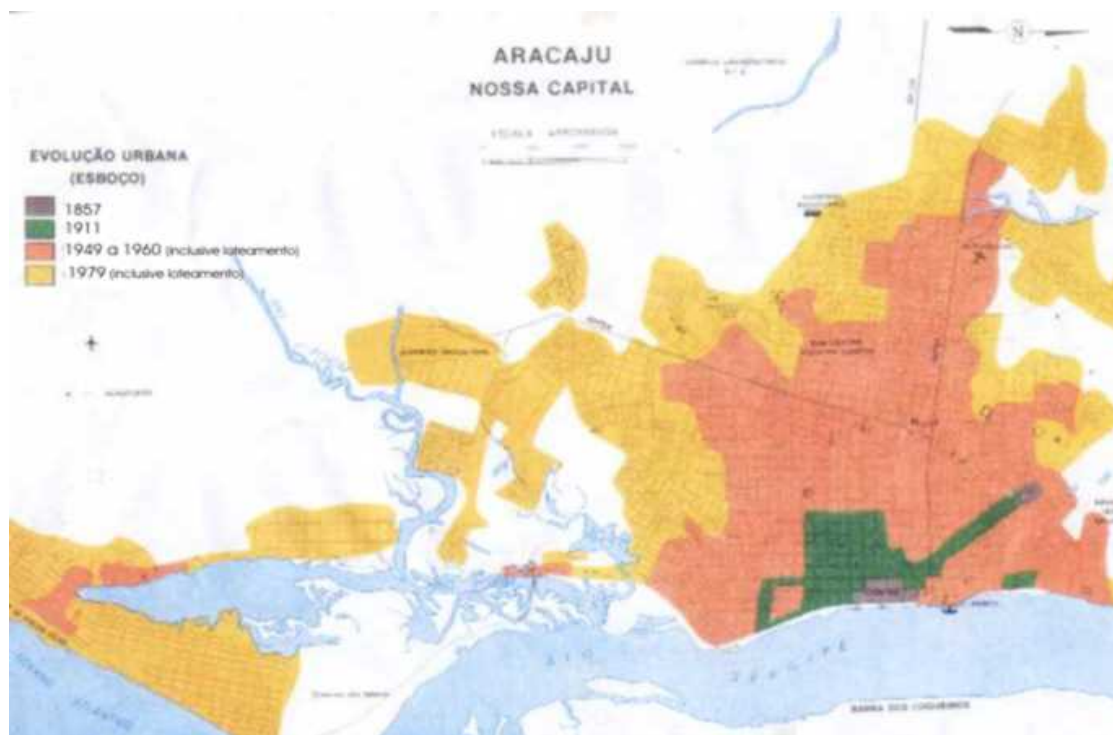


Figura 19: Planta da cidade de Aracaju. A área legendada de verde corresponde ao centro histórico de Aracaju, estruturado a partir de 1911; a parte em laranja corresponde ao seu espaço urbano entre 1949 e 1960; e a área em amarelo ao espaço urbano a partir de 1979.

Fonte: Atlas Escolar de Sergipe: Nossa Terra Nossa Gente. Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Geografia e Secretaria de Estado de Educação e Cultura. Aracaju, 1982:39.

Ao observarmos a evolução urbana da cidade percebemos que a Aracaju de 1949 a 1960 tem um salto quantitativo muito grande com relação à Aracaju de 1911, porém sua área é ainda bastante restrita, sendo que:

A vida era completamente diferente, havia um Quem-me-quer na Rua de João Pessoa. As pessoas iam ao comércio, ficavam com suas portas abertas cheias de vitrines, então se desciam, as moças desciam por um lado e voltavam pelo outro e os rapazes ficavam parados na calçada, encostados nas paredes vendo as pessoas passarem... Era uma coisa que começava no Cine Palace e ia até a Rua de São Cristóvão, voltava pelo outro lado dava uma volta na Praça Fausto Cardoso, e voltava a fazer isso, era um hábito o passeio público que se chamava de Quem-me-quer, e que acabou, porque hoje a orla está cheia de gente, os calçadões estão cheios de gente, as casas de conveniência que funcionam 24hs. por dia, se enchem muito à noite, por dentro, fora ou em torno deles, as casas de espetáculo, o Augusto's, EMES, os bares da orla, os pontos de orla, enfim, hoje a juventude vive mais a noite do que o dia. Meus filhos dormem de dia para se divertir à noite, então é uma coisa completamente diferente, e hoje também não há o mesmo interesse pela leitura (Luís Antônio Barreto, entrevistado em 08/08/1998).

Os tempos mudaram e a cidade de Aracaju foi se urbanizando. Em torno dessa urbanização os jovens da época também seguem seus rumos colhendo os frutos plantados no tempo de universitários. Embora, nas palavras da professora Diana:

A Revolução de 64 mutilou muitas coisas, porque veja bem, aquele grupo que estava se formando em 64 para governar o país (sei lá mudaram), ficou mutilado, ficou todo mundo disperso, então alguns voltaram, mas não quiseram saber de mais nada (entrevistada em 1996).

Em contrapartida, o que percebemos é uma realidade um pouco diferente; muitos dos jovens líderes estudantis daquela época hoje se encontram em cargos de destaque ou ainda são profissionais conhecidos nas suas áreas. Desse modo, embora muitos tenham se afastado para “cuidar da própria vida” (Alexandre Diniz), esses cuidados foram empregados na profissionalização e especialização dos estudantes universitários e hoje temos entre eles pessoas que já ocuparam desde o Cargo de Reitor, Governador, Prefeito, Secretário de Educação, Procuradores, Jornalistas todos bem conceituados em suas áreas de atuação. Assim observamos que, embora o regime tenha tentado dispersar esses jovens, a formação para governar não pôde ser debelada. Com eles se consolidou a idéia do preparo para governar, para administrar, ou seja, exercer cargos de comando através de um preparo que a academia, o convívio social e as experiências culturais ajudaram a consolidar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção desta dissertação, tivemos como objetivo estudar as experiências da juventude universitária em Aracaju no período de 1960 a 1964. Essas experiências se mostraram importantes enquanto práticas de socialização e de identificação social dos atores que freqüentaram as faculdades isoladas existentes na cidade no período em estudo. Para tanto nos utilizamos de um conjunto de fontes escritas, iconográficas e orais trabalhadas através de métodos quantitativos e qualitativos. Balizado em torno desses suportes estruturamos essa pesquisa em três momentos.

No primeiro momento desenvolvemos as discussões a respeito da juventude como uma categoria de identificação social. Nesse sentido, problematizamos as definições acerca da juventude, analisamos as representações da sociedade moderna sobre a mesma, e, por fim, empreendemos um diálogo entre as interpretações relacionadas à juventude estudantil no Brasil e em Sergipe.

Ao problematizamos as definições acerca da juventude como uma categoria de identificação social, observamos que as discussões a esse respeito tendem a considerá-la não apenas como um conceito biológico, mas também, social e cultural, sendo esses estabelecidos em consequência da sociedade e do contexto em que se inserem. A polissemia desse conceito adquire contornos mais específicos quando associamos a ele a condição de estudantes universitários, associação que, como observamos, tende a produzir um efeito de prolongamento da idéia de juventude para além das questões biológicas.

Já as representações acerca da idéia de juventude se cristalizam a partir do advento da sociedade moderna. Nela as imagens da juventude oscilam entre uma aposta

entre “novos atores” como protagonistas sociais em que se deposita a esperança no progresso da humanidade, em contraposição à imagem de uma “juventude-problema”.

Em relação aos estudos a respeito da juventude estudantil no Brasil se configuram três possibilidades de interpretação: (i) a primeira aborda a juventude estudantil como uma vanguarda cultural e política, (ii) a segunda, situa a compreensão da juventude estudantil em função dos limites e possibilidades de sua situação social de origem, (iii) e a terceira, tende a analisar os grupos juvenis valorizando as suas experiências socioculturais. Ainda nesse instante da pesquisa apontamos as discussões desenvolvidas em Sergipe que se situam em torno das duas primeiras correntes interpretativas.

Num segundo momento dessa pesquisa, incorporamos algumas discussões a respeito das definições sobre a juventude como uma categoria de identificação social e nos detemos nas informações acerca dos estudantes que freqüentaram as faculdades isoladas em Aracaju no período estudado. Nessa fase do trabalho foi possível constatar que no universo de estudantes pesquisados quase 4/5 encontravam-se na faixa etária de até 25 anos de idade quando de sua entrada na universidade.

Apesar da maior freqüência dos atores sociais na fase institucionalmente aceita como jovens (78,12%), a pesquisa registou um número significativo de estudantes em outras faixas (21,87%), percentual que não pode ser desprezado no computo geral. Não obstante, a imagem incorporada aos universitários é de jovialidade. Esse fato associa-se à questão de que os mesmos, *a priori*, estão se preparando para adentrarem no campo de trabalho, estão em consonância com a busca de conhecimento, a busca pelo desconhecido, por descortinar novos horizontes, serem também incorporadas às tenras idades. Desse modo, fazer parte do *mitier* dos universitários é coadunar com os ideários da juventude.

Às discussões sobre a juventude universitária, a faixa etária a que pertenciam e as atividades relacionadas a eles, se associam outras variáveis de estudo, a exemplo do gênero

ao qual se ligava o ideário de estudantes universitários. A esse respeito os estudos sobre o assunto em questão tendem a indicar a universidade com predomínio dos homens. Porém, ao levantarmos os dossiês dos alunos matriculados nas faculdades então existentes, nos encaminhamos para uma realidade um pouco díspare desse ideário, pois, descortinamos um universo em que 52,20% eram homens e 47,80% eram mulheres, o que mostra uma pequena vantagem para os homens em relação ao número de mulheres, mas nada que pudesse configurar a universidade como essencialmente masculina.

Ao detalharmos essa questão observamos que estudantes do sexo feminino pertenciam mais às faixas etárias tidas biologicamente como jovens e estavam presentes em todos os cursos, sendo que a maior concentração se dava nos cursos de Serviço Social e nas licenciaturas da área de humanas. Ainda a respeito do sexo foi possível observar que, nesse período, estudantes do sexo feminino concluem mais seus cursos se comparados aos estudantes do sexo masculino, independente do estado civil.

A esse respeito é mister salientarmos que uma maior disparidade entre os sexos irá ocorrer com relação aos cursos, que acabam por se configurar em duas vertentes: cursos para o sexo feminino e cursos para o sexo masculino. Como exemplo temos o curso de Serviço Social, em que 97,87% são mulheres, em contrapartida temos o curso de Economia com 80% de estudantes do sexo masculino.

Em relação à cidade de origem e à naturalidade observamos que 73,80% dos estudantes pesquisados haviam nascido em Sergipe, sendo 37,30% naturais de outros municípios do Estado. Entretanto, quando a questão pesquisada se relacionou ao domicílio, a grande maioria residia em Aracaju e no centro da cidade. Esses dados registram uma migração para Aracaju, não apenas dos estudantes de outros municípios de Sergipe, como também de alunos oriundos de Estados circunvizinhos.

Em relação à cor da pele e da religião os registros escritos nos permitiram mensurar que a ampla maioria dos estudantes em que se identificou essas questões eram de brancos e católicos. Já os dados referentes à situação social não se configuraram uma seqüência suficiente para análise. Por outro lado, a análise de outras variantes como naturalidade, domicílio e curso secundário nos permitiu problematizar algumas hipóteses a esse respeito; hipóteses que se consubstanciam nas discussões do terceiro capítulo, apontando a situação de classe média e média-alta para esses atores sociais.

A partir dos dados mensurados é possível comparar algumas características da juventude universitária em Aracaju e a imagem que se generaliza para a juventude na sociedade contemporânea como masculina, branca, urbana e classe média. Esses dados indicaram que a juventude universitária em Aracaju se identificava como branca e católica, mas não necessariamente masculina e urbana. A proporção entre homens e mulheres era equilibrada e, em algumas situações, as mulheres tendiam a ser maioria, como no caso da conclusão de curso. Já em relação à situação urbana dos alunos, apesar da maioria residir em Aracaju, a freqüência de estudantes de outras cidades do Estado (37,30%) e de municípios de Estados circunvizinhos (21,50%) indica a presença de atores sociais relacionados a universos não urbanos. Atores que, a exemplo dos estudantes que outrora saíram de Sergipe para complementar seus estudos em outros centros culturais, deixam seus municípios para estudarem nas faculdades isoladas existentes em Aracaju.

A configuração do terceiro e último capítulo se preocupa com o universo sociocultural da juventude universitária em Aracaju, suas instituições educacionais, entidades representativas, idéias e espaços de socialização.

As discussões relacionadas às instituições de ensino superior em Sergipe mostraram a lentidão com que esse ensino foi efetivado no Estado, situação que só começa a ser definida a partir dos acontecimentos desencadeados após o fim da Segunda Guerra

Mundial. Acompanhando o ritmo de estruturação das faculdades isoladas em Sergipe, as entidades estudantis foram também se organizando a partir de Diretórios, Centros Acadêmicos e da União Estadual dos Estudantes de Sergipe (UEES). Essa juventude universitária seria ainda disputada por algumas tendências políticas como a Juventude Universitária Católica (JUC), Partido Comunista Brasileiro (PCB), Ação Popular (AP) entre outras.

A JUC, grupo juvenil católico foi no período em estudo o que obteve maior destaque. A Igreja Católica, percebendo o potencial desses jovens, procurou cooptá-los. Num primeiro momento eles desenvolveram ações somente ligadas à religião, e, depois, com divergências internas, alguns jucistas passam a se envolver mais diretamente às questões político-estudantis. A preocupação pela formação espiritual dos jovens universitários demonstrada pela Igreja nos encaminha para a relação que existia entre estes e os cargos de comando que, via de regra, preparavam-se para exercer, a formação religiosa, conferida, pela Igreja, a líderes católicos no poder.

Além das tendências políticas que disputavam a hegemonia do movimento estudantil as pesquisas revelaram as disputas de interesses de cada faculdade e os laços sociais construídos entre os mesmos ao freqüentarem espaços sociais e experiências culturais, partilhando os estudantes horizontes de idéias. Os movimentos/experiências relacionados à educação e cultura popular ganhavam uma maior dimensão num instante em que alfabetizar um cidadão significava a possibilidade de conquistar mais um eleitor. E no caso dos estudantes, movidos por questões ideológicas, a conquista de um ideal em que o povo soubesse em quem estava votando e adquirisse maior soberania política, ou seja, o ideário da educação como instrumento de desenvolvimento humano.

Ao desenvolvemos uma discussão a respeito dos espaços de socialização dos então universitários sergipanos estudamos, também, os pontos culturais freqüentados pelos

mesmos. Locais que serviam de pontos de apoio para forjarem a identificação de jovens aguerridos e determinados a construir para si um patrimônio cultural que lhes daria condição de despontarem como liderança. Como exemplo desses espaços de socialização temos os eventos da SCAS, a Soverteria Iara, O Cacique Chá, a Rua João Pessoa e os cinemas. Todos esses espaços, além de outros não mencionados, são marcas de um tempo que assim como outras, a cidade de Aracaju nem sempre consegue preservar.

Deste modo é que as questões levantadas por essa pesquisa comportam e transcendem os anos 60. Comportam porque as memórias aqui estudadas revelam sentimentos, sonhos, expectativas, representações, projetos realizados e não realizados dos atores sociais que viveram naquele instante a configuração de experiências culturais e de identificação social; transcendem, porque essas memórias são vistas e elaboradas a partir de um ponto do presente. Presente que é seletivo, que esquece, que estigmatiza e que valoriza ações, objetos, lugares, pessoas e idéias. Essa posição depura emoções e forja uma imagem de um “eterno presentismo jovial”.



## BIBLIOGRAFIA E FONTES

### BIBLIOGRAFIA

ALBURQUERQUE, José Augusto Guilhon. **Movimento Estudantil e a Consciência Social na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ANDRADE, Maria Valdimere de Lima. . **Memórias Urbanas do Município de São Domingos ( 1980-2002)**. Pólo de Itabaiana: DHI/UFS, 2002

BARBOSA, Iracilde Marques de Oliveira. **Memórias Urbanas do Município de Pinhão ( 1985-2002)**. Pólo de Itabaiana: DHI/UFS, 2002.

BARCELLOS, Jalusa. **CPC: Uma História de Paixão e Consciência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BARROS, Francisca Argentina Góes. **Movimento de Educação de Base (MEB) em Sergipe (1961-1964): Uma Reconstituição Histórica**. João Pessoa: UFPB, 1995.  
Dissertação de Mestrado .

BERLINCK, Manoel T. **O Centro Popular de Cultura da Arte da UNE**. Campinas, Papyrus, 1984.

BENJAMIN, Walter. “Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura” in: **Obras Escolhidas**. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRITO, Maria Zelita Batista. **Em tempos de rebeldia e sombras: o Movimento Estudantil Universitário Sergipano em Descompasso com o Regime Autoritário (1964-1968)** São Cristóvão: DHI/UFS, 1999, Monografia.

BRITTO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude I: Da Europa da Marx à América Latina de Hoje.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

CARDOSO, Irene. **Para uma crítica do presente.** São Paulo: USP, 2001.

CARMO, Paulo Sérgio do. “Juventude no Singular e no Plural” in: **Cadernos Adenauer II**. n° 6, São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, dezembro 2001, p. 9-29.

CARON, Jean-Calude Caron. “ Os Jovens na Escola: Alunos de Colégios e Liceus Na França e na Europa (Fim do Séc. XVIII – Fim do Séc. XIX)” in: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 2: Da Época Contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.137-194.

CARRANO, Paulo César Rodrigues Carano. “Juventudes: as identidades são múltiplas” in: **Movimento.** Rio de Janeiro: DP&A, n. 1, maio de 2000, p.11-27.

Costa, Jurandir Freire. Campeonato de irrelevâncias. **Mais/Folha de São Paulo**, 17/06/2001.

CHAUÍ, Marilena. **O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

CRUZ, José Vieira da (org.) et alli. **O Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes e a UNE-Volante em Sergipe (1962 - 1964).** Aracaju: DHI/UFS, 1996. (mimeografado).

CRUZ, José Vieira da. **O Centro Popular de Cultura da União Estadual dos Estudantes Sergipanos e os Movimentos Culturais do início dos anos 60: 1962-1964.** Aracaju: DHI/UFS, 1998. (mimeografado).

\_\_\_\_\_. “O engajamento político-cultural dos estudantes sergipanos início dos anos 60” in: **Caderno do Estudante**. V. 2, São Cristóvão: UFS, 1999, p.99-113.

\_\_\_\_\_. “A Juventude Estudantil em Aracaju: trilhando os seus primeiros passos” in: **Revista Aracaju**. V. 8, Aracaju: FUNCAJU, 2002, p. 65-83

\_\_\_\_\_. “O Movimento Estudantil no início dos anos 60 em Sergipe: Contribuições para o seu estudo” in: **Revista Candeiro**. V. 7 e 8, São Cristóvão: ADUFS, agosto de 2002, p.55-60.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **Aracaju**: memória de uma cidade sitiada (1942 – 1945). São Cristóvão, 1999. 71 p. Monografia (Graduação em História). DHI, CECH, UFS.

DANTAS, Ibarê. **Os Partidos Políticos em Sergipe: 1889-1964**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Tutela Militar em Sergipe. 1964-1984: partidos e eleições num estado autoritário**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ELIAS, Nobert & Scotson, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. **A UNE em Tempos de Autoritarismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe**. Vol. IV. Aracaju, s/editora, 1986.

\_\_\_\_\_. **História Política de Sergipe**. Vol. V, 1962/1975. Aracaju, s/editora, 1991.

FONTES, José Silvério Leite. “Levantamentos de fontes sobre a história de Sergipe” in: **Caderno UFS**, 1972.

FONTES, José Silvério Leite. **A Formação do Povo Sergipano**. São Cristóvão: Programa de Documentação e Pesquisa Histórica/DHI, 1990.

\_\_\_\_\_. **Razão e fé em Jackson de Figueiredo**. São Cristóvão: UFS, 2001.

FORACCHI, Maria A. **O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira**. São Paulo: Nacional, 1965.

\_\_\_\_\_. **A Juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Pioneira, 1972.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da et alli. **A cartilha do Barnabé: A Educação Municipal no Governo Conrado de Araújo. 1959 - 1963**. Aracaju: PMA/SEMED, 1996

\_\_\_\_\_. **Pés-de-Anjo e Letreiros de Neon: Ginasianos na Aracaju dos Anos Dourados**. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002.

\_\_\_\_\_. “Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva a história oral” in: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.267-278.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GUARNEIRI, Gianfrancisco. **Eles não usam black-tie**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Para a Reconstrução do Materialismo Histórico**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tamaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro; 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.7-22.

HOLLINGSHEAD, A. B . “ A Juventude Numa Pequena Cidade Norte-americana “ in: BRITTO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude I: Da Europa da Marx à América Latina de Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 95-118.

IANNI, Otávio. “O Jovem Radical” in: BRITTO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude I: Da Europa da Marx à América Latina de Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 225-242.

IOOTTY, Juliana. “Pensando o país através da Cultura”. In: **Cadernos do Terceiro Mundo**, n.º 179. Rio de Janeiro, novembro de 1994:2-5.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 1: Da Antigüidade à Era Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico der nosso tempo**. Rio de Janeiro, Zahar, 1961.

\_\_\_\_\_. “O problema da juventude na sociedade moderna” in: Sulamita Britto (Org.). **Sociologia da Juventude**, vol. I, Rio de Janeiro, Zahar, 1968,p. 69-94.

\_\_\_\_\_. “O problema sociológico das gerações” in: Marialice Foracchi (Org.). **Mannheim**. Col. Grandes Cientistas Sociais, São Paulo, Ática, 1982, p. 67-95.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e a Ditadura Militar**. São Paulo: Papyrus, 1987.

\_\_\_\_\_. **1968 faz 30 anos**. Campinas/SP: Mercado das Letras; Paulo, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

MENDES JÚNIOR, Antônio. **Movimento Estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MENEZES, Magna. **As Idéias Cepecistas no Teatro Gato de Botas em Aracaju: 1962 - 1964**. São Cristóvão: DHI/UFS, 1998. Monografia.

MENDOÇA, Nunes. **Pelo Desenvolvimento de Sergipe**. Aracaju: Centro Sergipano de Estudos Pedagógicos, 161.

MENDOÇA, Nunes. **Velhos Companheiros & Outros Escritos**. Aracaju, 1963.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. **A Intervenção da SUDENE na Política educacional do Estado de Sergipe (1959-1963)**. São Paulo: PUC, 1991. Dissertação de Mestrado.

\_\_\_\_\_. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: EU, 1999.

\_\_\_\_\_. O Planejamento econômico e a organização do ensino público em Sergipe in: **Tomo**, nº 2, São Cristóvão: UFS, 1999, p.209-35.

\_\_\_\_\_. Imprensa estudantil: jornais da década de 1930. **Universidade e Sociedade**, Brasília, n. 26, p. 78-82, fevereiro, 2002.

NEVES, Paulo Sérgio da Costa. “Recolocando dimensões temporais: memória, tempo e praxis” in: **Tomo**, n. 2, São Cristóvão: UFS, 1999, p. 161-176.

OLIVA, Terezinha Alves. Estruturas de Poder. In: Diniz, Diana Maria de Faro Leal (Org.) **Textos Para a História de Sergipe**. Aracaju: UFS/BANASE, 1991.

OLIVEIRA, Ana Júlia Lima Máximo. “**Além da reza...**”: A Atuação dos Jucista em Aracaju. Universidade Federal de Sergipe, 1999. Monografia

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **A Participação da USAID na Educação em Sergipe**. São Carlos: UFSCAR, 1989. Dissertação de Mestrado.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira Identidade Nacional**. 3 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados., 1986.

PASSERINI, Luisa “A Juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950” in: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 2: Da Época Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.319-382

PEREIRA, Carla Cristina Alves. “**A luta por um mundo mais justo...**”: atuação do movimento estudantil do Colégio Estadual de Sergipe, CES, no período de 1964-1968. São Cristóvão: DHI/UFS, 1997. Monografia.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERROT, Michelle. “A Juventude Operária da Oficina à Fábrica” in: LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos Jovens 2: Da Época Contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.83-136.

PINTO, Álvaro Vieira. **A Questão da Universidade**. 2ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

POERNER, Artur José. **O Poder Jovem**. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968

RAMOS, Antônio da Conceição. **Movimento Estudantil: A JUC em Sergipe (1954-1964)**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2000, Dissertação de Mestrado.

RIDENTI, Marcelo. **Em Busca do Povo Brasileiro : Artistas da Revolução, do CPC à era da TV**. São Paulo: Record, 2000.

ROLLEMBERG, Maria Stella Tavares e SANTOS, Lenalda Andrade (Org.). **UFS \_ História dos Cursos de Graduação**. São Cristóvão/SE., 1999.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SAES, Décio. Raízes Sociais e o Caráter do Movimento Estudantil. In: **Cara a Cara**. nº 2, 2 de Julho a dezembro de 1978.

SANFELICE, José Luís. **Movimento Estudantil: a UNE na resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

SANTOS, Gilvã. **Disputas da Memória: A Política Urbana em Campo do Brito - SE (1996-2002)**. Pólo de Itabaiana: DHI/UFS, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos Santos. “Sobre a Autonomia das Novas Identidades Coletivas: Alguns Problemas Teóricos” in: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 13, n. 38, outubro, 1998, p.151-165.

SCHWARZ, Roberto. **O Pai de Família e Outros Estudos**. 2ed, São Paulo: Paz e Terra,1992.

SCHWARZSTEIN, Dora. **La Historia Oral**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1991.

SILVA, Marcos A. **História: O prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Barsiliense, 1995.

SODRÉ, Nelson W. **A Verdade sobre o ISEB**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da Utopia: A militância política dos jovens dos anos 90**. São Paulo: Hacker, 1999.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra,1992.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOLEDO, Caio Navarro de. **ISEB: Fábrica de Ideologias**. São Paulo: Ática, 1977.



## FONTES ORAIS

- Ivan Macedo Valença (jornalista da Gazeta de Sergipe e crítico de arte), entrevistado no primeiro semestre de 1996, pela acadêmica de História Maria Cleide Leite Andrade.
- José Alexandre Felizola Diniz (1º Presidente do CPC do U.E.E.S), depoimento coletado no primeiro semestre de 1996, pela acadêmica de História Clésia Caetana Santos; entrevistado pelo autor em 12/03/98.
- José Silverio Leite Fontes (liderança docente no período), entrevistado pelo autor em 10/08/98.
- Aglaé D' Avila Fontes (diretora do Teatro Gato de Botas), entrevistado pelo autor em 11/09/98.
- Clodoaldo Fontes de Alencar Filho (encenou peças cepecistas, um dos diretores da Rádio Cultura), entrevistado pelo autor em 15/09/98.
- Guido Azevedo (Presidente da U.E.E.S), entrevistado pelo autor em 04/08/98.
- Zelita Rodrigues Correia (atriz do CPC da UEES, coordenadora do MCP), entrevistado pelo autor em 04/08/98.
- Luís Antônio Barreto (Presidente da CEA, e ator do CPC), entrevistado pelo autor em 08/08/98.
- João Augusto Gama da Silva, entrevistado em 19/11/2002.

## FONTES ESCRITAS

### ▪ Documentos

Declaração de Santo Amaro (1963)

Estatuto da U.E.E.S. (1954).

Dossiês dos alunos

Correspondências expedidas

### ▪ Jornais

- A Cruzada ..... 1962
- A Voz estudantil..... 1931-1938-1942
- ACADEMUS..... 1951 a 1962
- Correio de Aracaju ..... 1962 a 1963
- Folha Popular ..... 1962 a 1963
- Folha Trabalhista ..... 1962 a 1963
- Gazeta de Sergipe ..... 1962 a 1964
- Voz estudantil..... 1944-1949

### ▪ Peças Teatrais

- “...Três de dez de Mil Novecentos e tanto” - autoria de João Costa e encenada em 1959.
- “Dias Felizes”. Tradução para o português de Maria Jacinta/encenada em 1963.
- A Dança do Ouro – de autoria de João Costa e música de Raimundo Aritiguiba Lobão

**ANEXO**